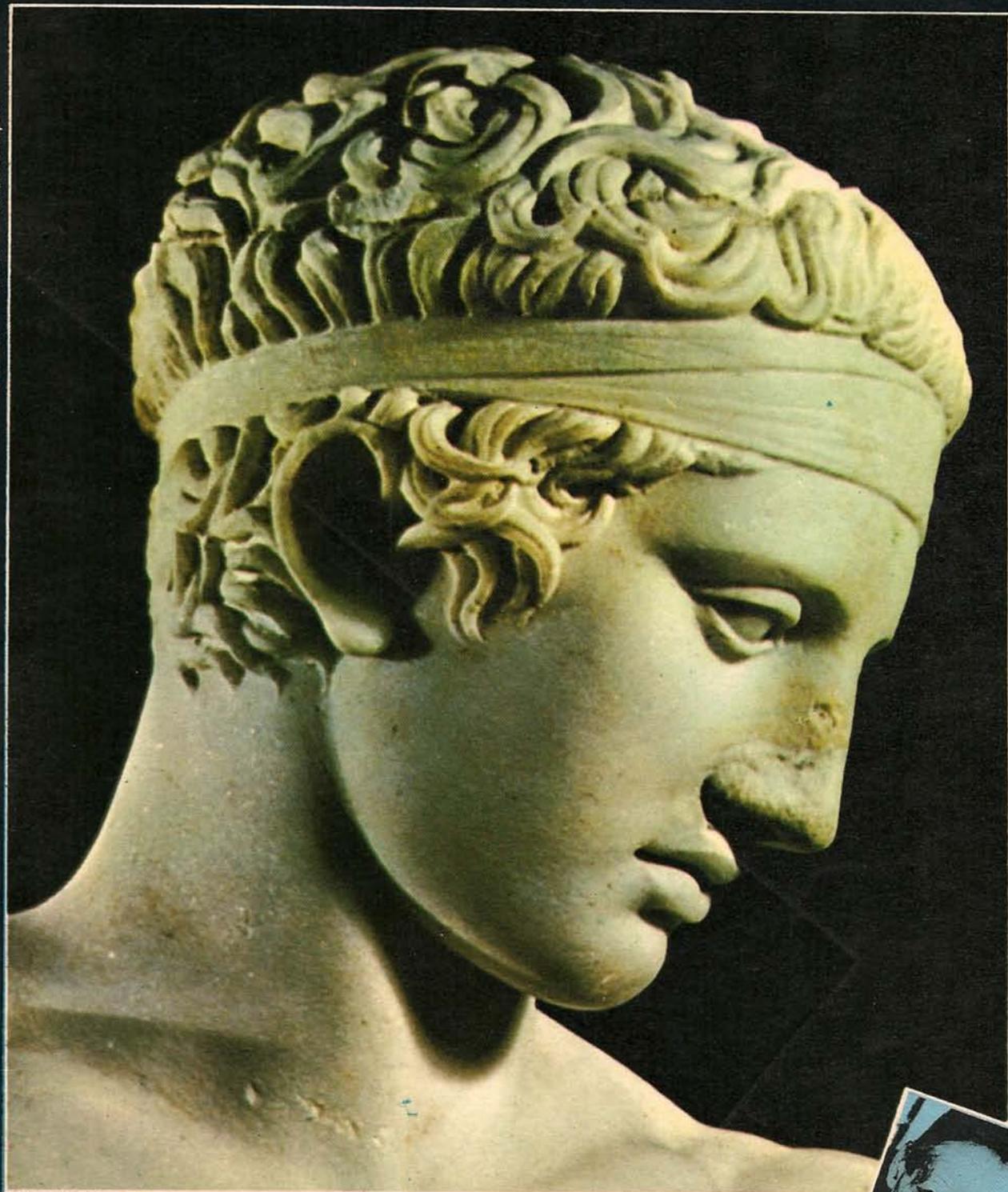


THOT



N. 31 — 1983 — Cr\$ 550,00



•SUFISMO •ORTEGA Y GASSET
•O GÊNIO CÉLTICO



PALAS ATHENA

CENTRO
DE ESTUDOS

PALAS ATHENA

Av. Cristovão Colombo, 2149
sala 315-Floresta
PORTO ALEGRE
RS

**Um Centro
de Estudos
Filosóficos
para quem busca
viver filosoficamente.**

**CURSOS CONFERÊNCIAS
CICLOS CULTURAIS CON
CERTOS BIBLIOTECA FIL
MESEXPOSIÇÃO ESCORAL**

Rua Leôncio de Carvalho, 99, Paraíso, S P
- fone: 288.7356

Uma das coisas mais interessantes — do ponto de vista psicológico — que manifesta o homem do nosso tempo, é o seu medo aos gigantes. Na dicotomia existencial que campeia no mundo dos valores, as coisas são ou extraordinariamente boas ou extraordinariamente más. Acreditamos ter superado o maniqueísmo dos anos 400, preconizando a tão difundida liberação de tabus, costumes, sexos, mas tudo indica que tal libertação só é exercida do pescoço para baixo; ainda não chegou à superfície das idéias, doutrinas e livre pensamento.

Um exemplo evidente é o que estamos presenciando ante o conceito de *ahimsa*, *satyagraha* ou, como foi traduzido em nossas línguas, não-violência.

Ignorando que este princípio tem raízes milenárias dentro de um grupo étnico, cujas origens são indetermináveis tanto em tempo quanto em espaço, chacoalhamos este novo brinquedo intelectual e como nos filmes de *cowboy* dividimos a platéia em “bandidos” e “mocinhos”.

Longe de compreender o alcance de *ahimsa* reduzimos seu poder às alienações de momento. Assim, para uma “tribo” constitui a esperança de uma panacéia social e econômica, e para outra “tribo” é um espectro hediondo que provocará mais miséria e injustiça social.

E como é difícil manejar conceitos sem identificá-los com pessoas ou situações, “descobriu-se” Gandhi, sobre quem há alguns anos não se falava, querendo responsabilizá-lo ora pela liberdade de um povo submetido à mais cruel das barbáries, ora por ter promovido um dos massacres mais violentos que conheceram as terras da Índia.

Senhores! Nada é absolutamente bom nem absolutamente ruim! É compreensível que na desesperada busca da perfeição o homem se desalente quando não consegue identificá-la com algo ou em alguém, mas não podemos continuar na atitude primária do juízo pendular, e muito menos quando de idéias se trata.

Nenhuma revolução nos trouxe o que esperávamos dela, e a *ahimsa*, seguramente, não nos trará o que almejamos; as idéias, por mais que depositemos nelas nossa confiança e acalentados sonhos, não podem resolver tudo; elas são desafios que se apresentam à vontade e inteligência, e o nosso ato é o único capaz de torná-las eficazes ou não.

Quanto à *ahimsa*, a exigência é maior: precisamos auto-educar-nos, disciplinar-nos interiormente e ter coragem de quebrar essa dicotomia de que falávamos.

Ahimsa é uma nova alternativa para enfrentar a problemática contemporânea. É a conquista de uma nova opção perante a violência e a passividade, únicas trilhas que concebíamos até pouco tempo. Não pretendamos que a simples revelação intelectual de um novo caminho nos faculte para percorrê-lo; são necessários “mapas”, “equipamentos”, “vestimentas adequadas”, que neste caso se traduzem como incorruptibilidade, fidelidade à Verdade — ainda que esta ponha em cheque nossos interesses particulares —, fortaleza moral e espiritual, direção clara e objetiva, fraternidade e necessária amplitude para compreender que toda semente tem um “tempo” para dar seus frutos.

Gandhi, indiscutivelmente, é uma semente, e não podemos julgar seus frutos porque ainda são quase inexistentes. A humanidade demora para assimilar certas experiências, sempre foi assim, e nada indica que possa ser de outra maneira.

Os efeitos imediatos de sua doutrina foram de impacto, provocando, não duvidamos, situações dolorosas, mas tais situações são insuficientes para avaliar com justiça as conseqüências da prática da não-violência. Salvando as devidas distâncias, lembremos os primeiros anos do Cristianismo, em que o sangue correu, e não foi pouco...

O fato de que Gandhi não seja o depositário de todas as virtudes havidas e por haver, não o transformam num monstro ignorante, causador de genocídios e misérias. E parece ser esta a conclusão de alguns intelectuais contemporâneos.

O que diferencia um gênio de um homem comum é que o primeiro, talvez, tenha os mesmos defeitos que o segundo, mas suas virtudes e atos são tão peculiares e distintos que emerge da mediocridade constituindo-se em faro não só para os contemporâneos, como também para as gerações vindouras.

E não é farejando a vida de um Gandhi em busca de incoerências (totalmente lógicas em qualquer criatura humana, e mais ainda num gênio), situações de intimidade, hábitos alimentares, predileções, que impediremos a irradiação da luz de uma existência consagrada integralmente à não-violência.

Senhores! Estamos ante um gigante, não temamos suas fraquezas; e se serve de consolo a esse nosso anseio de perfeição absoluta, lembremos: no Sol também há manchas!

LIA DISKIN

THOT



THOT, divindade egípcia, é talvez o mais misterioso e menos compreendido dos deuses do antigo "Kem". É o símbolo da sabedoria e da autoridade. É o escriba silencioso que, com sua cabeça de Íbis, a pena e a tabuleta, registra os pensamentos, palavras e atos dos homens, que mais tarde serão pesados na balança da Justiça. Platão diz que THOT foi o criador dos números, da geometria e das letras. A cruz (Tau, no Egito) que leva em sua mão é o símbolo da vida eterna, emblema da sabedoria divina.

EDITORES

Associação PALAS ATHENA do Brasil
Lia Diskin
Basílio Pawlowicz
Primo Augusto Gerbelli

CHEFE DE REDAÇÃO
José Caruso Filho

PRODUÇÃO
Sérgio Marques

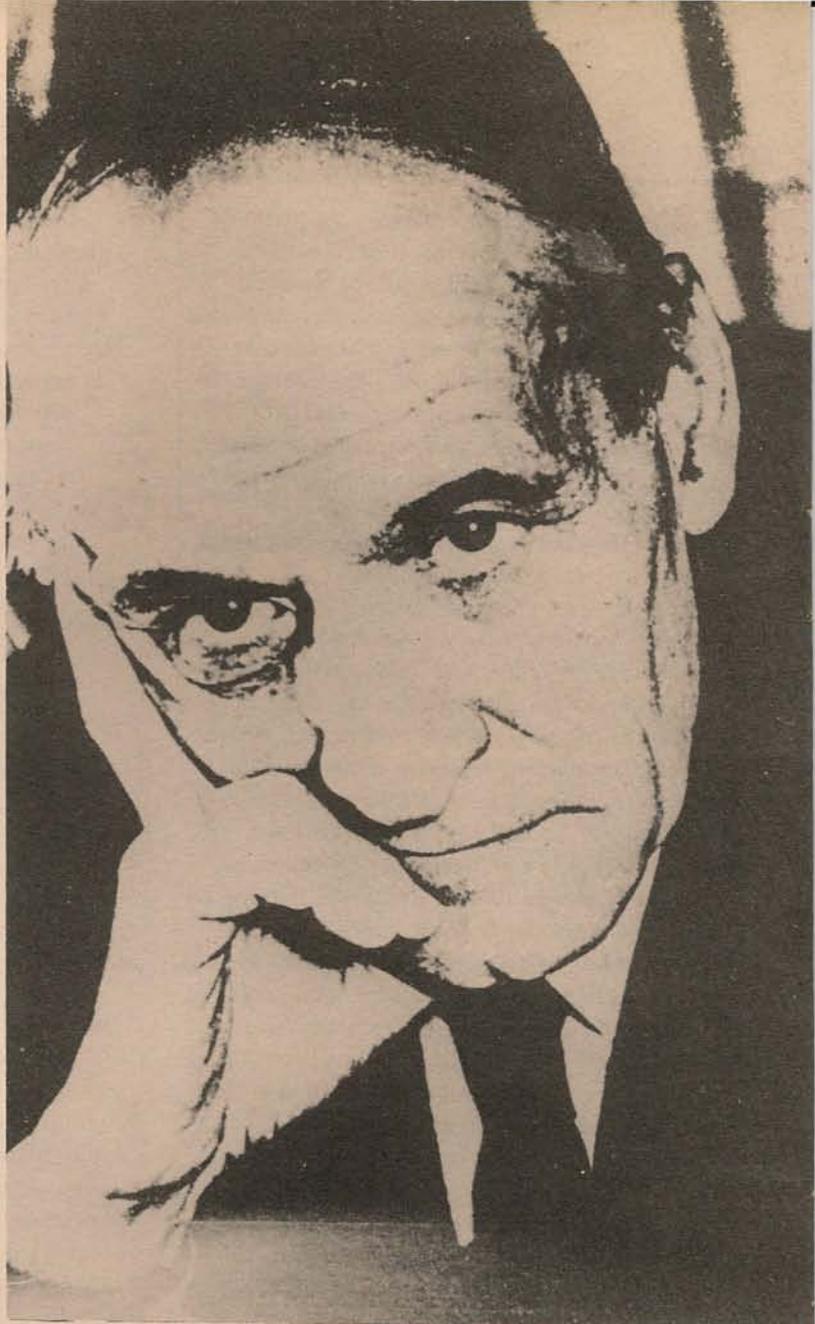
EQUIPE THOT
Emílio Moufarrige Jr.
Lúcia Brandão Saft
Lúcia Benfatti
David Cohen
Lucy Blumental
Mara Novello
Luiz Carlos Andrade Santos
Fátima Flores Jardim

FOTOLITO CAPA
Polychrom

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
Gráfica PALAS ATHENA

Não publicamos matérias redacionais pagas. Permitida reprodução, citando origem. Os números atrasados são vendidos ao preço do último número publicado. Assinatura anual: Cr\$3.300,00 — cheque em nome da Associação PALAS ATHENA do Brasil; rua Leônício de Carvalho, 99 — CEP 04003 — Paraíso — São Paulo — SP. Telefone: 288.73.56. A responsabilidade pelos artigos assinados cabe aos autores. Matrícula n. 2046/Registro no DCDP do Departamento de Polícia Federal, sob n. 1 586 P 209/73.

CAPA: Cópia de "Diadúmeno" de Policleteo, Museu Arqueológico de Atenas. Foto menor: José Ortega y Gasset. Em virtude do centenário de nascimento do filósofo espanhol, a Revista THOT presta sua homenagem apresentando o artigo "A Filosofia de Ortega y Gasset".



Editorial	1
Lia Diskin	
A Filosofia de Ortega y Gasset	3
José Caruso Filho	
A Música na China	8
C. M. Colinvaux	
O Gênio Céltico e o Mundo Invisível	12
Cláudio de Cicco	
Bases Filosóficas	23
Associação Palas Athena	
Sufismo: Uma Ciência Espiritual	27
Mohamed Cassim	
Astrologia e História	30
David Cohen	
O Estoicismo Como Base de Uma Civilização	37
Zildo Trajano	
Chuang-Tzu (Chou): O Poeta da Liberdade	46
Nissin Cohen	
Correspondência	48

A Filosofia de Ortega y Gasset

"ORTEGA NÃO FOI APENAS
O MAIOR FILÓSOFO ESPANHOL,
MAS IGUALMENTE UM DOS MAIORES ESCRITORES
QUE A LÍNGUA ESPANHOLA
CONHECEU EM TODOS OS TEMPOS."

O ESTILO LITERÁRIO

Todos sabemos bem, por experiência, a distância que vai do pensamento à palavra e desta à escrita. O primeiro é fluido, penetrante e instantâneo e não se utiliza de nenhum tipo de representação. A palavra já necessita de uma forma definida — a linguagem —, caso contrário seria ininteligível. A escrita estratifica-se, torna-se no monumento que encerra uma idéia, isto é, tenta significá-la. E a proximidade entre o que se quer dizer e o que é dito reflete a possibilidade na qual a palavra vai-se transformando no próprio conceito, ou em que significante e significado não sejam mais do que uma só coisa. A questão, pois, resume-se em como atingir este ponto. Costuma-se dizer, numa terminologia um tanto mais técnica, que a linguagem poética consome em si este objetivo, e a prosa comum, o discurso, geralmente explicativo, encontra-se mais alheia. O fundamento é de certa forma simples. Trata-se, na linguagem poética, de carregar a palavra do máximo de significação que comporta, enquanto que a prosa sempre conduz a um significado fora dela, é remetente. Nesse sentido podemos

entender estas duas antípodas na comunicação humana, de um lado a poesia (e o poeta) que está sempre prestes a criar a forma próxima daquilo que quer transmitir, porque poesia se faz com palavras.

"Para o poeta, mergulhar na vida e mergulhar na linguagem é (quase) a mesma coisa. Ele vive o conflito *signo* versus *coisa*. Sabe (isto é, sente o sabor) que a palavra "amor" não é o amor — e não se conforma..." (1). Ou ainda: "Mallarmé falava de uma flor que está ausente de todos os buquês. Que flor é esta?" (2)

E no outro lado a prosa e todos os que dela se servem, inclusive o filósofo, porque sua atividade é essencialmente ideal. Enquanto o poeta, mergulhado na vida tenta interpretá-la, o pensador distancia-se para decifrá-la. Dois caminhos distintos para uma mesma intenção. Daí que muitas vezes usa-se a oposição raciocínio/sentimento para distinguir prosador ou filósofo do poeta. Mas a poesia não se alimenta somente de impressões, sensações ou sentimentos, usa também idéias, evidentemente de uma forma poética.

O que se pretendeu com esta introdução sobre poesia e prosa foi proporcionar uma aproxima-

ção a Ortega y Gasset, pois veremos que o filósofo espanhol, apesar de sê-lo, usará, e em algumas passagens até exagerará, de uma figura de linguagem — a metáfora — para transmitir suas idéias e torná-las acessíveis aos seus leitores e ouvintes.

O resultado foi uma filosofia profunda com uma excelente literatura, cada vez mais aprimorada e estilizada, própria de um refinamento interior, capaz de comunicar com leveza e clareza de uma crônica as mais intrincadas investigações filosóficas. Fato que não raro produz no leitor a sensação de ter apreendido (pois tão fácil se torna com o mestre condutor) o âmago da questão com o mínimo de esforço, e quando nos separamos, encontramos de súbito, novamente em completa escuridão. Por isso, a opinião de seus estudiosos e biógrafos é unânime em afirmar que Ortega não foi apenas o maior filósofo espanhol, mas igualmente um dos maiores escritores que a língua espanhola conheceu em todos os tempos. Assim diz José Ferrater Mora sobre sua qualidade literária: "A eleição, por Ortega, de meios de comunicação pouco usuais na filosofia de sua época não se deve somente,

**"A CLARIDADE É A
CORTESIA
DO FILÓSOFO",
DIZIA ORTEGA
A RESPEITO DE SUA
COPIOSA PRODUÇÃO,
E É ESTE O OBJETIVO
QUE VAI PREVALECER
EM SUA OBRA.**

porém, ao motivo indicado. Ortega não foi apenas um filósofo; foi também, e em medida importante, um escritor. Perfilou no grupo de autores espanhóis de nosso século que deram à Espanha e, em geral, ao mundo hispânico, uma espécie de novo Século de Ouro literário."

(3)

Os "meios de comunicação pouco usuais na filosofia de sua época" a que se refere seu contemporâneo são os periódicos espanhóis e argentinos para os quais Ortega colaborava com ensaios filosóficos. E não fazia isso aleatoriamente, pois sua intenção era principalmente criar uma atmosfera filosófica, pelo menos reflexiva na Espanha. Pretendia elevar seu povo "à altura dos tempos" (Ortega), trazer o homem espanhol ao posto de relevo que lhe cabia segundo sua tradição. Assim sua atividade filosófica concentrou-se em ensaios através de jornais, e tal foi sua participação nestes veículos que chegou-se a afirmar que Ortega nascera "sobre uma rotativa." E ele próprio lamentou-se muitas vezes por não ter um jornal.

Devemos contudo, outro crédito a este filósofo: o reavivamento de um estilo literário pouco utilizado para esse fim. O ensaio sempre foi, ou, até então, apenas tinha sido um modo de transmitir uma idéia sem necessitar uma rigorosa argumentação, constituindo-se desde Montaigne, seu criador, na exposição de um ponto de vista particular ou uma nova opinião, excluído o caráter que tem um tratado científico.

Com Ortega o ensaio adquiriu uma dimensão maior tanto em forma como em conteúdo, pois dele não saía nada menos que filosofia brotada do mais puro veio literário. Se houveram motivos para a escolha do ensaio pode-se eduzir que, em primeiro lugar servia com exatidão para a atração que sentia

o filósofo em esboçar um novo tema logo que terminasse o que estava tomando sua atenção. Um outro é o dito por Julián Marias "ao mostrar que Ortega *teve* que adotar meios de comunicação demasiado públicos" (4), pois, já dissemos, intentava elevar o nível reflexivo de seu povo. Por isso receber o epíteto de nacionalista, porém sem nada subtrair da filosofia, ao contrário, através de uma intensa literatura, inundar a cultura espanhola de filosofia, e sabia Ortega o quanto era preciso estabelecer um clima propício.

"A claridade é a cortesia do filósofo", dizia Ortega a respeito de sua copiosa produção, e é este o objetivo que vai prevalecer em sua obra, composto de uma nítida visão de que "era necessário cativá-los com meios líricos a fim de os levar aos problemas filosóficos." (5)

A OBRA DE ORTEGA Y GASSET

Se grande parte de seus escritos foram destinados aos periódicos, de maneira alguma deixou Ortega de publicar o que ele mesmo denominou de "livros formais" e artigos em revistas especializadas.

"Rebelião das Massas", seu mais conhecido e retumbante livro saiu, antes de condensado, em forma de ensaios e alguns outros provindos de aulas e cursos, inclusive um e outro livro póstumo seu teve origem em conferências que versavam sobre um mesmo tema.

A enormidade da obra deixada mostra-nos a fecundidade do filósofo e ainda a imensa gama de interesses que tinha, pois escreveu sobre quase tudo. Eis o que diz José Ferrater Mora sobre isto: "Um rápido olhar ao índice onomástico colocado no fim de suas obras confirma a multiplicidade de interesses do filósofo. Renan, Einstein, Júlio César, Husserl, Kant, Goya, Proust, Ibn Khaldun: eis aqui os nomes de algumas figuras não somente mencionadas ao acaso, mas também estudadas demoradamente. Alguns dos ensaios contidos nas obras são inclassificáveis. Um dos ensaios, por exemplo, versa sobre a moldura do quadro; outro é um prefácio a um livro não escrito... No que toca ao número de temas debatidos não parece haver limite. Ortega escreveu sobre as fontículas de Nuremberg, sobre a língua francesa, sobre a Gioconda, sobre o balé russo, sobre a etnologia africana e, evidentemente, sobre a história, o amor e a metafísica" (6). E equivoca-se quem concluir que tantos e tão variados assuntos só poderiam ser tratados superficialmente. O que ocorre é que quanto mais se lê Ortega, mais se crê que ele próprio se ultrapassa, tal a fluidez de sua linguagem e coerência de suas idéias.

Mas podemos entender melhor como chegou a este ponto se percorrermos a trajetória intelectual de Ortega. Após sua licenciatura em Filosofia e Letras na Universidade de Madrid, onde se doutorou com a tese *Os Terrores do Ano Mil (Crítica de uma lenda)*, em 1904, viajou para a Alemanha, estudando nas Universidades de Leipzig, Berlim e Marburgo, onde nesta última "foi discípulo do grande neo-kantiano Hermann Cohen" (7). De 1910 até 1936 foi professor e catedrático da Universidade de Madrid lecionando Me-

ORTEGA DIRÁ
QUE O EU EXISTE,
COM EFEITO,
MAS QUE AS COISAS
EXISTEM IGUALMENTE,
JÁ QUE A VIDA,
A ISTO QUE CHAMAMOS
VIDA É SEMPRE
O EMBATE DO EU
COM AS COISAS.

tafísica. Sua atividade literária iniciou-se em 1902, colaborando para revistas e jornais. Em 1914, entretanto, é que as atenções se concentram em Ortega, quando da publicação de "Meditações do Quixote", obra que acentuadamente reflete as preocupações do autor sobre os destinos de seu país a par de toda a tradição espanhola. Sua obra encontra-se reunida nas "Obras Completas", em 6 volumes, publicados originariamente em Madrid nos anos de 1946/47.

Contudo as "Obras Completas" não são completas, em virtude de sua produção posterior, inclusive as publicações póstumas que totalizam mais doze livros. Em 1923 funda a *Revista do Ocidente* (que publicou até 1936), que atualmente está sob a responsabilidade de um discípulo seu, Paulino Garrigós, editando a obra orteguiana. Deixa de escrever, em 1917 para o periódico "El Imparcial" depois de haver colaborado durante vários anos e começa a ter seus ensaios publicados no "El Sol" e somente em 1931 terminará sua participação neste periódico, iniciando suas atividades no "Crisol" e "Luz". Devido à Revolução Civil Espanhola, Ortega reside entre os anos de 1936 a 1945 na França, Holanda, Argentina e Portugal, sempre proferindo cursos e conferências. Junto com Julián Marías funda, em 1948, o Instituto de Humanidades, uma instituição privada de estudos e pesquisas. Em 1949 inicia um intenso ciclo de conferências nos Estados Unidos, Alemanha e Suíça, retornando em 1955 a Madrid, onde vem a falecer no mês de outubro.

Apesar da variedade de temas abordados, desde as suas primeiras publicações (principalmente a partir de "Meditações do Quixote"), delinear paulatinamente seu método, ou melhor, sua postura filosófica com tal coerência, que mui-

tos de seus seguidores quererão atribuir-lhe um sistema filosófico, mas com o qual, nitidamente, Ortega jamais se preocupou. O que se pode afirmar é que houveram intenções proeminentes em períodos de sua produção, intenções bem claras e como que necessárias para se ir conformando o arcabouço central de sua cosmovisão. Enfim, Ortega bem sabia (como sabem os artistas, **antenas da raça**, segundo Ezra Pound), já em 1914, apesar de sua formação neo-kantiana, que nem o idealismo nem o realismo — as duas posições filosóficas que perduraram através dos séculos —, concluem o enigma humano.

A rigorosa disciplina intelectual que lhe havia propiciado o profundo e exaustivo estudo de Kant imbuíram-no da perspectiva idealista, que, entretanto, logo a seguir, em "Meditações do Quixote", ele se afirmaria na frase que sintetiza toda a sua filosofia, **eu sou eu e minha circunstância**.

Por um lado, o realismo (a palavra latina que designa coisas é *res*) diz que as coisas existem, e o ser real, o ser que não se compõe de nenhuma outra coisa além de si mesmo, independe do homem, afirmando a realidade das coisas e do mundo. Em contraposição a isto, Descartes vai afirmar que a única coisa segura sou eu mesmo e não as coisas. A meta deste filósofo é reduzir à primeira realidade concreta, a uma posição primária e irredutível de evidência e partir

dela, já absolutamente seguro, para compreender o mundo. Concluiu que o mundo não lhe proporcionava esta segurança, pois existem os sonhos, as alucinações, o engano dos sentidos. Assim, não poderia confiar no mundo. Mas percebeu que havia um agente em tudo isso, quer dizer, ele próprio. Se ele cometesse um erro, por óbvio que foi ele quem o cometeu. "Mas, logo depois, observei que, enquanto eu desejava considerar assim tudo como sendo falso, era obrigatório que eu, ao pensar, fosse alguma coisa. Percebi, então, que a verdade **penso, logo existo** era tão sólida e tão exata que sequer as mais extravagantes suposições dos cétricos conseguiriam abalá-la. E, assim crendo, concluí que não deveria ter escrúpulo em aceitá-la como sendo o primeiro princípio da filosofia que eu procurava". (8)

Será especialmente contra esta última posição, o idealismo (pois é a que se encontrava em pleno vigor) que Ortega dirá, peremptoriamente, que o eu existe, com efeito, mas que as coisas existem igualmente, já que a vida, a isto que chamamos vida é sempre o embate do eu com as coisas. A condição primária e irredutível que Descartes descobriu ser o eu, em Ortega será o eu e as circunstâncias. A tese idealista sustenta que eu posso existir sem o mundo, que o eu é independente, e aí, segundo Ortega é onde erra Descartes, porque eu não posso viver sem as coisas, sem o mundo, como da mesma forma, não posso falar das coisas sem um eu. Fundamentado nesta descoberta — a realidade radical —, Ortega prosseguirá, com acentuações específicas nas fases de seu desenvolvimento, até atingir a maturidade de seu pensamento, que foi a razão vital, ápice e síntese de sua filosofia.

O OBJETIVISMO

Esta expressão, o objetivismo, é de José Ferrater Mora, que a adotou para nomear o que se poderia chamar de um primeiro momento da filosofia orteguiana, que intentava antes de mais nada, implantar um clima filosófico na Espanha, desbastando todo subjetivismo que acaso encontrasse pela frente.

Na Alemanha havia se entregado Ortega à filosofia kantiana, que ele próprio declararia depois “ter vivido durante anos dentro de uma atmosfera kantiana, um pouco como o prisioneiro vive em sua cela”. Entretanto, Ortega difundiu muito mais o rigor intelectual que as proposições do filósofo alemão. Importava-lhe combater a apatia reflexiva, deitar por terra, em definitivo, as opiniões disformes e infundadas, alertar — ao estilo de um cruzado da filosofia, como o próprio Quixote — para o sonambulismo em que se encontrava o seu povo, elevá-lo, como diz em uma de suas frases favoritas, “à altura dos tempos”. Absorver a tradição, e não esquecê-la, forjar idéias e não copiar, estas deveriam ser as metas espanholas. Mas Ortega não se limitará a falar apenas da Espanha, e sim de toda a Europa, e sua mais extensa exposição parece encontrar-se no “Rebelião das Massas”, em que procede a dura crítica ao liberalismo político do séc. XIX, permitindo que o mando do mundo se esvasse da Europa e fosse ficar com duas nações imaturas e sem tradição suficiente para abalizá-las de líderes. A Europa, cedendo aos impulsos de uma clamação de liberdade, clamor de igualdade que teve origem na Revolução Francesa, havia provocado o desequilíbrio, e ainda pior, descalabros característicos de jovens que se vêem, repentinamente, donos de si mesmos, sem saberem

ABSORVER A TRADIÇÃO, E NÃO ESQUECÊ-LA, FORJAR IDÉIAS E NÃO COPIAR, ESTAS DEVERIAM SER AS METAS, NÃO SÓ ESPANHOLAS, MAS DE TODA A EUROPA.

o que fazer, por carecerem de um plano prévio de vida.

É também nesta fase, em que o afã da disciplina intelectual o assediava fortemente, que Ortega vai declarar a necessidade da clareza de objetivos e onde pela mesma forma discernirá acerca da razão na vida (pois chegaram a qualificá-lo de racionalista e intelectualista): “limitadas a si mesmas, a razão ou a vida são mutiladas e que deve evitar-se tanto interpretar uma sem a outra como reduzir uma à outra”. (9)

Este é já um vislumbre da sua razão vital, em que basicamente a razão não é a valência da vida, entendido isto pelo “penso, logo existo”, mas ao contrário deste racionalismo, Ortega dirá “penso porque existo”, sendo a razão um componente da vida.

O PERSPECTIVISMO

É ainda em “Meditações do Quixote” que Ortega apresentará este segundo e importante conceito. Entretanto somente em 1923, em o “Tema de Nosso Tempo”, vai dar-lhe forma definitiva. O perspectivismo desempenharia um papel de ligação entre sua iniciação devastadora da época chamada objetivista até a teoria da razão vital. Esta “doutrina do ponto de vista” não se constitui em nenhuma novidade filosófica, uma vez que foi tema de inúmeros pensadores que o antecederam. Porém — mesmo porque a questão da originalidade tampouco é de fácil esclarecimento —, Ortega a insere no

contexto de seu pensamento, ou dito de outra forma, ela não se apresenta isolada, mas sim composta de elementos como o vitalismo, sua tese sobre as impressões sensíveis e os conceitos, e por último, e sempre, amalgamada às circunstâncias.

O começo de nosso século foi marcado de maneira indelével por filósofos pregando o retorno à concretude, e uma das mais nítidas manifestações deste fato em Ortega, está em que inicia o “Meditações do Quixote” praticamente declarando guerra ao empenho de se fazer da filosofia um universo fechado. Insistiu no sentido de que a filosofia não deveria abster-se de questões frequentemente esquecidas pelos filósofos, pois o desentranhar a vida é a atividade própria da filosofia, quaisquer que sejam os temas. Para isso adotou uma atitude metódica, uma postura intelectual sem discriminações sobre o quê filosofar, daí sua variedade de interesses, antes proposital do que resultado de alguma espécie de instabilidade. E isto, devemos convir, está bem de acordo com sua afirmação de que o homem é um ser circunstancial e conseqüentemente a necessidade de uma filosofia aberta, mais pró-



"O SER DEFINITIVO
DO MUNDO
NÃO É NEM MATÉRIA
NEM É ALMA,
NÃO É COISA ALGUMA
DETERMINADA,
MAS UMA PERSPECTIVA".

xima e tangível, uma vez que, como veremos em seguida, Ortega afirma — algo semelhante à fórmula de Kant: as impressões sem conceitos são cegas e os conceitos sem impressões são vazios — que "os conceitos são órgãos da percepção no mesmo sentido que os olhos são órgãos da visão". (10)

Entretanto, a percepção entendida como "conexão de realidades". Caminhando nesta direção, Ortega constrói um corpo de idéias considerável, sendo as citadas aqui algo como suas principais resultantes. Não foi, portanto, por acaso que alguns de seus seguidores quiseram atribuir-lhe um sistema ao modo de outros filósofos que o precederam na história. E se quisermos admitir tal sistema, seria pelo menos um sistema aberto e jamais um conjunto que encerra sobre si mesmo.

O perspectivismo é então um passo que Ortega tem de dar, pois é uma conclusão. E suas frases, resumindo estas idéias, são isto mesmo, conclusivas, mas não isoladas ou carecendo de um amplo sentido, desde que se acompanhe sua preparação subjacente. "O ser definitivo do mundo não é nem matéria nem é alma, não é coisa alguma determinada, mas uma perspectiva". (11)

Contraopondo-se às opiniões tradicionais diz que a realidade última não é matéria nem espírito mas uma perspectiva, e conforme seu andamento vemos a necessidade que tem de afirmar o concreto com evidentes vínculos com a idéia de circunstância. Mais tarde, contudo, o perspectivismo se assentará independentemente.

"Cada homem tem uma missão de verdade. Onde estão os meus olhos não estão outros. O que os meus olhos vêem da realidade, mais nenhum outro vê. Somos insubstituíveis, somos necessários". (12)

Nesta segunda etapa de seu desenvolvimento intelectual, Ortega continua a luta contra o distanciamento que existe entre a vida (a vida de agora, circunstancial, que palpita neste instante) e a filosofia. Acentua o caráter temporal da realidade, o ser efêmera é o valor da vida, sua graça e espontaneidade. Nota-se aqui já uma tangente do problema da mutabilidade e fixidez, retomando Heráclito e relegando Parmênides. Conseqüentemente, o perspectivismo não quer ser uma visão material, mas ao contrário, reabsorvendo o que foi esquecido no conceito rígido do ser do eleatismo, Ortega carrega de valor o circunstancial porque esta é a vida que nos coube viver, fazendo-a e refazendo-a a todo momento.

A RAZÃO VITAL

Diante de posições filosóficas bem definidas, como o racionalismo, Ortega propõe o vitalismo, que poderíamos entender como sendo o perspectivismo circunstancial, onde o homem se encontra a si mesmo e com o mundo, e a razão é "toda ação intelectual que nos põe em contato com a realidade, por meio da qual topamos com o transcendente". (13)

Não propõe desta forma, nenhuma teoria da razão, mas um simples reconhecimento do fato de que não temos outra solução — dizendo o que quisermos dela — senão admitir que temos de conviver com ela, pois se encontra arraigada à vida. Neste raciocínio é que

podemos inverter a fórmula de Descartes, já que não existo porque penso, e sim penso porque vivo. Porém a razão vital é também um método, do qual seu autor fez amplo uso em suas obras posteriores, quando distingue, a título de exemplo, em seu ensaio sobre "Idéias e Crenças", o pensar do estado de fé, e suas múltiplas formas. Julián Marías inclusive tem um livro, "Introdução à Filosofia" feito pelo método da razão vital, que não se trata, efetivamente, de um conjunto de normas e regras dispostas em determinada ordem, antes obedece à própria conceituação de razão vital feita por Ortega, ou mesmo em seguir as complexas circunvoluções da vida.

A leitura de Ortega nos proporciona esta constatação, ao ir fazendo seu método (que é o "ir fazendo"), acompanhando o dinamismo desta situação que é o estar e ser no mundo ●

JOSÉ CARUSO FILHO

NOTAS

1. Pignatari, D.: "Comunicação Poética", Cortez e Moraes Ltda., São Paulo, 1977, p. 5.
2. Idem.
3. Ferrater Mora, J.: "Ensaio Introdutório às Etapas da Filosofia de Ortega y Gasset", Livro Ibero-Americano, Rio de Janeiro, 1963, p. 29.
4. Marías, Julián: "História da Filosofia", Edições Souza e Almeida, Porto, 5a. edição, p. 422.
5. Idem.
6. Ferrater Mora, J., ob. cit., p. 15.
7. Marías, Julián, ob. cit., p. 423.
8. Descartes, R.: "Discurso do Método", Hemus-Liv. Editora Ltda., 4a. parte, p. 44.
9. Ferrater Mora, J., ob. cit. p. 42.
10. Idem, p. 51.
11. Marías, Julián, ob. cit., p. 426.
12. Idem, p. 427.
13. Idem, p. 429.

A Música na China

*"As palavras podem mentir, os homens dissimular,
somente a música é incapaz de enganar."*



Divindade tocando o Khin (China séc. V).
Museu Guimet, Paris

O antigo escritor chinês Lü Pu-We via-se "capaz de conversar sobre música, somente com um homem que havia compreendido o significado do mundo." Por quê? Porque os chineses encaravam a música como a imagem do universo. "A música expressa o acorde entre o céu e a terra" e "produz a harmonia entre homens e espíritos." Seu objetivo não era o de agradar os sentidos e sim transmitir verdades eternas, ajudando os homens a se prepararem para receberem essas verdades, pois estava firmemente fundada nos princípios daquela filosofia natural que dá origem a todas as grandes religiões da China.

A música também era considerada como a base de um governo que correspondesse à imagem das leis do céu. Acima de tudo, importava atingir a ordem e a harmonia no mundo material. A relação entre a mentalidade grega e a chinesa é surpreendente em sua atitude similar quanto à música. Platão, no IV século a.C. sugeria que a música fosse uma das influências básicas na educação grega. A música modela a alma e o caráter; uma boa música garante uma comunidade ordenada enquanto que a música ruim

põe o Estado em perigo; o controle nacional da música e a educação obrigatória seriam essenciais à comunidade. Essas idéias eram familiares aos chineses antes de chegarem à Grécia. Mais de cem anos antes do filósofo grego, o sábio Confúcio (551-478 a.C.) pregava a mesma doutrina.

Considerando o Estado, a estrutura organizada da vida da nação, como um microcosmo, parte inseparável do macrocosmo, ele só seria bom se estivesse em harmonia com o universo. A música, assegurando o bem-estar do Estado, tinha de subtrair suas leis do universo. O cosmo abrangia tempo eterno; sendo assim, a integração das estações, da primavera e do verão, do outono e do inverno. Ele abrangia espaço eterno; e assimilava, então, tudo o que estivesse a Leste e a Oeste, ao Norte e ao Sul. Uma mesma matéria subjacente à madeira e ao metal, ao couro e à pedra; uma mesma força abrangendo o vento e o trovão, a água e o fogo. Finalmente, o cosmo era som, nos dois conceitos, como tonalidades e como timbres. O universo é uno; então tempo e espaço, matéria e música, são congruentes, pois

são simplesmente manifestações da mesma unidade. Seus diferenciais, portanto, também devem ser congruentes: uma estação corresponde a um certo ponto cardeal, a certa matéria e a um determinado instrumento musical, e as quatro estações estão separadas não somente por períodos de tempo definidos, mas igualmente por intervalos musicais. Uma combinação falsa poria em perigo a harmonia do mundo.

A coordenação mais importante no condicionamento da música é o "pa yin", do qual apresentamos o quadro abaixo.

Seguindo esta coordenação, os chineses adotaram uma classificação de instrumentos única no mundo. Fazem distinção entre oito classes diferentes, de acordo com o material usado: instrumentos de cabaça, bambu, madeira, seda, argila, metal, pedra e couro.

A matéria, na música chinesa, significa muito mais do que simplesmente o meio para se produzir um som. Assim como o corpo e o espírito, a matéria e seu som são manifestações do mesmo fenômeno. O som é quase tocável, e uma pedra sonora, na terminologia chinesa, "receberia o tom" ao final de cada verso do hino a Confúcio, para que pudesse transmiti-lo ao verso seguinte. Um tom, na concepção oriental, não necessita duração ou ritmo definidos; quanto maior a sua duração e quanto mais isolado, mais o ouvinte percebe a vida da substância que o produziu. Os ocidentais podem ter uma sensação semelhante ao ouvir as pulsações vagarosas e esmorecidas do sino de uma igreja.

Partindo desta concepção, podemos compreender melhor a importância dos idiofones. Somente uma das oito substâncias fornece um instrumento de cordas, e uma outra um tambor. Três substâncias, por outro lado, fornecem instrumentos de sopro e

três idiofones. Os idiofones são mais importantes no Oriente do que em outras civilizações.

A tonalidade e as escalas eram, também, controladas pelas leis da cosmologia. A sua harmonia com o universo era obtida tomando-se medidas musicais de categorias não musicais, da mesma forma que categorias não musicais eram medidas por proporções musicais. Por exemplo, a distância entre as estações poderia ser medida em oitavas, quintas e quartas, enquanto que a tonalidade era fornecida por um tubo de exatamente um pé chinês de comprimento, e as distâncias entre os orifícios de uma flauta não eram regidas por razões técnicas nem musicais, e sim por polegadas. Diz uma lenda, que um imperador novo, em uma de suas primeiras iniciativas, enviou seu ministro às montanhas do Oeste, para que obtivesse a tonalidade exata produzida pelo fênix. Antigamente, o Ministro das Medidas era o encarregado da música; quando os bárbaros invasores destruíam os instrumentos padrões, as dinastias seguintes faziam todo o possível para restaurar a tonalidade e a escala original, tentando salvar a nação. Podemos ver que para homens convencidos de que a música nada mais era senão matéria sonora, e que produziam a exatidão das escalas cromáticas através de substâncias frágeis, a música instrumental tinha muito mais importância que a música vocal.

A civilização chinesa criou e preservou uma grande variedade de instrumentos musicais, notáveis pela beleza de tonalidades e formas. Tradicionalmente, como já vimos, são agrupados em oito classes distintas (os "oito sons").

Os instrumentos desenvolvidos, surgiram certamente na China muito antes de despontarem na Europa, como, por exemplo, cítaras, flautas, e até alaúdes. Porém, na história da cultura musical, os

Pontos Cardeais	Estações	Fenômenos	Material	Instrumento
Nordeste	inverno-verão	trovão	cabaça	órgão de boca
Leste	primavera	montanha	bambu	flautas de pan
Sudeste	primavera-verão	vento	madeira	gamela
Sul	verão	fogo	seda	cítara
Sudoeste	verão-outono	terra	argila	flauta globular
Oeste	outono	umidade	metal	sino
Noroeste	outono-inverno	céu	pedra	pedra sonora
Norte	inverno	água	couro	tambor



três principais instrumentos chineses, jamais encontrados em outros países na mesma época, são o órgão de boca, as pedras sonoras e os sinos. Estes instrumentos permanecem como símbolo de vários aspectos da filosofia chinesa devido a sua forma, dimensões e "decor". O mais antigo instrumento de cordas é o *Ch'in*, espécie de cítara, que, ao ser tocada, representa a harmonia entre o céu, a terra e o homem, que mencionamos anteriormente. Suas cordas eram estendidas segundo a ordem mística seguinte: as 5 cordas correspondiam aos cinco elementos chineses (terra, água, ar, fogo e madeira) e aos cinco planetas, aos quais se juntaram posteriormente o Sol e a Lua, elevando, assim, para sete seu número de cordas. Seu comprimento era 3,66 pés chineses, correspondentes aos 366 dias do ano. A tampa era abaulada como a abóbada do firmamento; a parte inferior era plana como a terra. Sua abertura central de consonância correspondia ao "estaque do dragão" e media oito polegadas chinesas, correspondentes aos oito ventos. A segunda abertura, o "estaque do fênix", media quatro polegadas chinesas e simbolizava as quatro estações. Diz-se que este instrumento foi construído com o fim de atrair o fluído Yang (elemento masculino) por meio de sons adequados, quando a superabundância do elemento Ying (feminino) impedia que os frutos amadurecessem. O *Ch'in* é um instrumento delicado. Devido a isso, além de seu uso ritual, é considerado de alta estima entre os aficionados, que o tocam com prazer, sozinhos ou para amigos selecionados. Suas virtudes são em número de vinte e quatro; o *Ch'in* é harmonioso, elegante, belo, luminoso, eleito, neto, rico, potente, vigoroso, vasto, tênue, fluído, ligeiro, grave, lento, rápido. Cada um destes atributos é imediatamente objeto de uma meditação.

O *Sheng* é um órgão de boca. O caráter *sheng* é composto pelos radicais "bambu" e "produzir". A lenda conta que o instrumento foi feito para imitar o fênix com seu corpo, cabeça e asas. Este instrumento é primariamente associado com as cerimônias confucionistas, mas os *sheng* são transportados e tocados em casamentos, enterros, e em ocasiões relacionadas (como o fênix) com a idéia de renascimento. Nunca são tocados em orquestras populares. Segundo os chineses, este é um dos mais antigos instrumentos, mencionado pela primeira vez nos clássicos da literatura chinesa (cerca de 1.100 a.C.). É formado de três partes: a) uma cabaça com câmara de ar, hoje feita de madeira laqueada; b) a embocadura ou pescoço, originariamente comprido e fino, hoje é curto e largo e muitas vezes com acabamen-

to de marfim; c) os tubos de bambu introduzidos na cabaça, geralmente em número de dezessete.

Existe ainda uma infinidade de outros instrumentos, como o *lo* (nome genérico para vários tipos de gongos), os címbalos, o *ti-tzu* (flauta transversal); o *ch'in* (outra variação da flauta transversal, atualmente obsoleta); o *yo* (flauta curta e vertical); o *so-na* (espécie de oboé); e toda uma gama de sinos e pedras sonoras, e grande variedade de instrumentos de cordas.

A origem do sistema musical chinês, designada por tradição ao III milênio a.C., é contada através de uma importante lenda aqui relatada conforme a versão desta época.

O imperador Huang-Ti, um dia ordenou ao seu ministro Ling Lun que elaborasse algumas flautas. Ling Lun viajou a Oeste do Ta-Hia e chegou até o Norte da montanha Yüan Yü. Colheu vários bambus no vale Hia Hi... Assoprou nestes bambus, que havia previamente cortado entre os nós, e fez de seu tom a nota inicial, *huang chung*, da escala. Soprou nelas e disse: "está certo". Fez então, doze flautas. Ao ouvir o cantar de um fênix macho e um fênix fêmea, aos pés da montanha Yüan Yü, ele distinguiu doze notas diferentes. Fez as seis notas cantadas pelo fênix macho e as seis notas cantadas pelo fênix fêmea, e todas podiam derivar da nota principal *huang chung*. A tonalidade musical do *huang chung* permanece desconhecida, embora uma versão da lenda de Ling Lun afirme que sua flauta reproduzia a tonalidade exata da voz de Ling Lun quanto este falava sem paixão.

O estudo da natureza levou os chineses a apreciarem o movimento cíclico de todos os acontecimentos naturais; os ciclos dos planetas, das estações, do dia e da noite. Considerando que a filosofia chinesa exigia que a música fosse uma imagem da ordem natural, a nota fundamental da música (e as escalas nela baseadas) tinha de mover-se de acordo com cada mês e cada hora. Em outras palavras, a nota básica tinha de ser transportada. A base para a divisão do ano num ciclo de doze meses, e para a divisão do dia e da noite em ciclos de doze horas, era a divisão do zodíaco. Assim, os chineses instituíram um sistema de doze notas relacionadas, que receberam o nome de *Lü*, tradicionalmente correlacionadas com as doze luas, doze horas, os doze signos do zodíaco, os doze animais alegóricos e assim por diante.

O elo cosmogênico entre a relação das notas, encontra-se na raiz dos princípios de harmonia na música chinesa. Explica porque, na maioria das vezes, somente se encontra a harmonia mais pura e mais simples. A única harmonia permitida na música chinesa é aquela fundada na combinação dos princípios cosmogênicos opostos. De maneira geral, somente os intervalos de quartas e quintas são usados;

os intervalos de terças e sextas são raramente encontrados na música popular.

A mais importante aplicação deste sistema de Ling Lun é a da escala pentatônica, que é a mais antiga, a mais significativa e a mais persistente de todas as escalas chinesas. Aqui encontramos a sugestão da conexão cósmica entre as proporções musicais e ar-

quitônicas que, também, existiu em várias épocas na Europa. O número cinco é fundamental na filosofia chinesa, e existe muito simbolismo por trás das cinco notas da escala: nos clássicos chineses, estas são ligadas às cinco virtudes — benevolência, honra, propriedade, sabedoria e fé — e com várias outras categorias conforme demonstra o quadro abaixo:

AS CINCO NOTAS E SUAS CORRESPONDÊNCIAS SIMBÓLICAS

Cate- goria	NOTAS				
	Kung	Shang	Chiao	Chi	Yu
Política	Imperador ou Príncipe	Ministros	Súditos Leais	Negócios de Estado ou Obras Públicas	Produtos ou Objetos Materiais
Estação		Outono	Primavera	Verão	Inverno
Elemento	Terra	Metal	Madeira	Fogo	Água
Cor	Amarelo	Branco	Azul	Vermelho	Preto
Direção	Centro	Oeste	Leste	Sul	Norte
Planeta	Saturno	Vênus	Júpiter	Marte	Mercúrio

Vimos, então, o sistema de transposição das doze notas (Ling Lun), baseada no ciclo de quintas e vimos sua conexão com o zodíaco. Vimos, também, a escala pentatônica, que é transposta conforme seu movimento em relação à sua estrutura, notando, ao mesmo tempo, sua ligação com os cinco planetas (antigamente concebidos). O sistema musical de transposição da escala pentatônica no ciclo natural de quintas das doze notas é, estranhamente, reminiscência do sistema celeste dos cinco planetas (antigamente concebidos) movendo-se nas doze casas zodiacais. Estas duas idéias estão, obviamente, relacionadas intimamente dentro da filosofia chinesa. Este sistema musical, baseado na filosofia natural, permanece como lei principal através de todas as épocas da teoria musical chinesa. A escala de sete notas nunca teve lugar de importância dentro da música chinesa; os semitons, nela existentes, têm sido considerados como sensuais demais. Apesar disso, ela teve seu papel aceito dentro da teoria musical chinesa, e pode ser encontrada em algumas músicas do folclore chinês.

A notação musical na China divide-se em três classes principais: notações tonais, tablaturas e neumas. Em todas essas três, os símbolos são escritos em colunas descendentes e lidos da direita para a esquerda. Os valores de ritmo e tempo (quando é o caso) são indicados por meio de notação adicional. Podemos considerar a prática musical em cinco classes diferentes:

- a) música ritual (confucionismo e imperial)
- b) música de câmara (dos filósofos e poetas)
- c) drama musical
- d) música popular de rua e casa de concertos
- e) música folclórica

Aprendemos, então, que os chineses não filosofam sobre sua música da maneira como nós, ocidentais, hoje fazemos: eles evoluíram seu sistema para conservar e ilustrar sua filosofia natural, dando um corpo permanente aos seus princípios. Na melhor música tradicional chinesa, nada é arbitrário, nada é acidental: nos detalhes, como nos princípios, tudo é subordinado à imagem e ao símbolo.

Os críticos ocidentais frequentemente asseguram que a música chinesa desenvolveu-se dentro de um campo relativamente estreito. Imediatamente perguntamo-nos: baseados em que conceito podemos considerar seu campo “estreito”?

A resposta nos vem facilmente — baseamo-nos nos conceitos um tanto parciais da música moderna ocidental; mas o rótulo “estreito” se desvanece ante a concepção majestosa de música criada como imagem do universo, imagem à qual continuamente estão sendo dirigidos todos os esforços de uma grande civilização, durante milênios. Afirma-se, todavia, que devido à sua ligação com o simbolismo, a música chinesa tem feito pouco progresso. Mesmo não tomando conhecimento da opinião ocidental que constantemente confunde mudança com progresso, num mundo onde a mudança é lei, é por certo surpreendente que por longos espaços de tempo a China tenha conseguido manter aqueles princípios que ocupam um lugar permanente na natureza. Apesar das vicissitudes do tempo, destruições, guerras, influências de outros países e experiências independentes, tudo tem sido assimilado ou rejeitado por sua persistente filosofia natural, como que por uma misteriosa mão escondida. ●

C.M. COLINVAUX



Vista panorâmica de Stonehenge

O Gênio Céltico e o Mundo Invisível

Para mim é uma imensa honra participar novamente das atividades culturais da Associação Palas Athena do Brasil. Agradeço a presença de todos numa noite quente e convidativa para outras atividades que não sejam a de ouvir uma conferência sobre uma civilização, em grande parte, desaparecida.

Agradeço também a presença dos amigos que vieram mais uma vez prestigiar este meu trabalho, e espero que esta palestra possa servir para despertar em todos uma simpatia maior por um povo e por uma cultura que tem sido talvez uma das grandes injustiçadas da história: os celtas.

Tem um sentido também que esta palestra seja proferida no último dia de abril e começo de maio, porque o mês de maio é um mês simbólico para os celtas. Até hoje existe o famoso monumento construído pelos celtas, chamado Stonehenge. Exatamente no dia 8 de maio, quem se postar no centro de Stonehenge poderá ver o raio do sol incidir sobre a ponta do menir mais alto, formando um ângulo de 90° , como que denotando um equilíbrio da natureza e do cosmos com os homens que construíram Stonehenge.

Em 8 de maio os celtas conseguiram uma grande vitória sobre seus inimigos, porque no dia 8 de maio Joana d'Arc libertou Orléans do domínio dos ingleses.

Então é próprio falar da civilização céltica que sempre cultuou a Primavera como o momento do renascer da natureza, já que é o símbolo de tudo o que ocorre com o ser humano, com as culturas e civilizações; o que parece que está morto, renascerá. Esta simbologia nós, nos trópicos, sentimos menos do que o europeu, que vê uma camada de neve cobrir totalmente os campos, as colinas e os rios, e tudo parece morto, mas por baixo dessa camada de gelo e neve brota a vida. E uma flor que rompe a capaça de neve mostra a pujança de uma força que ainda existe, e persiste, e que independe de nós e da nossa vontade, fazendo com que da morte surja a vida.

Por isso os celtas celebravam a passagem do inverno para a primavera com uma grande festa, em que os seus sacerdotes ofereciam libações e sacrifícios ao Sol, que para eles representava exatamente a vida em nosso planeta. Stonehenge tem esta configuração, e sua posição geográfica e astronômica é ao mesmo tempo uma posição esotérica, ou seja, somente aqueles que são iniciados conseguem conhecer o porquê do posicionamento daquelas pedras que durante muito tempo os homens consideraram túmulos ou estátuas de um povo bárbaro que não sabia esculpir, ou chegou-se mesmo a pensar que fosse um simples acidente da natureza. Mas, recentemente

te a Arqueologia tem colaborado para nós mudarmos essa idéia acerca das civilizações desaparecidas, fazendo com que surja a questão, se é legítimo chamá-los de primitivos. Não seria mais honesto chamá-los de arcaicos? Porque nós não sabemos se somos superiores a eles, não sabemos sequer se somos iguais a eles. Sabemos apenas que nós viemos depois deles, depois no tempo cronológico, que é portanto, o que chamamos de história. Não temos certeza se o que eles fizeram é inferior ao que sabemos fazer, é apenas uma outra visão do mundo, que se tinha e que se perdeu e assim foi porque o Ocidente ficou reduzido praticamente a duas grandes visões.

Ocidente, para muitos, é sinônimo de mundo latino e mundo germânico. E há aí dois posicionamentos bi-polares continuamente na história: a Renascença latina, a Reforma germânica; o despotismo latino de um lado e a Revolução Francesa, de inspiração anglo-saxônica, de outro; o capitalismo e o socialismo. Nós vivemos nas bi-polaridades, e a bi-polaridade não ajuda o ser humano a se encontrar porque na natureza tudo é tríplice, no cosmos assim como também no ser humano. Alma-corpo-espírito; vontade-sensibilidade-inteligência; cabeça-tronco-membros, e assim por diante. Todas as religiões são sempre religiões de "Santíssima Trindade". E nós, no entanto, não temos mais em Ocidente uma terceira posição, uma terceira cultura para servir exatamente de complementação a essas duas que se abriram há séculos: a visão latina, racional e geométrica e a germânica, romântica e contestadora.

E ficamos então vendo esse movimento pendular no qual ora aparece o mundo latino sobrepujar no Ocidente, ora o germânico. E esquecemos que antes dos germanos terem invadido a Europa, e antes de Roma ser Roma, os celtas tinham estendido por quase todo o mundo europeu as manifestações de sua cultura.

Na realidade os celtas vieram do Danúbio, isto é a última informação que podemos ter, arqueologicamente falando, porque as lendas e tradições célticas mostram que eles descenderam da Hiperbórea, ou seja, obedecendo ao movimento de migração rumo ao sul, com o passar das idades, em eras pré-históricas. É difícil comprovar, mas sabemos que a maior parte dos conhecimentos transmitidos pelos celtas, de geração em geração (uma civilização que quase nada escreveu, predominando a transmissão oral) ligava-se de certa maneira a um personagem que era conhecido como Rama. Rama, um personagem que os celtas consideravam divino, ou pelo menos, muito próximo da divindade, porque ele tinha-lhes ensinado tudo a respeito do Cosmos, do homem e das coi-

sas. E o druidismo teria então resultado exatamente disso.

Júlio César, que foi um conquistador e dominou os celtas, escreveu um comentário sobre a conquista da Gália chamado "*De Bello Gallico*". Ele olha (ele é um conquistador e vê com desprezo tudo aquilo que é dominado por Roma) com respeito para os druidas, pela ciência por eles demonstrada e diz que eles são instrutores da juventude no seu país, são depositários do poder judiciário, mas não chegam a constituir uma casta porque curiosamente, no mundo céltico, aqueles que tinham o máximo poder eram eleitos de qualquer classe da sociedade, bastando para isso que revelassem vocação para o conhecimento dos mistérios, exatamente como será depois no sacerdócio cristão.

Um outro depoimento de muita autoridade é o de São Tomás de Aquino, o célebre filósofo da Igreja Católica, filósofo oficial da Igreja Católica, que no seu livro "*O Regime dos Príncipes*", diz que não só os hebreus davam valor para a religião, mas os antigos habitantes da Gália davam aos druidas toda a autoridade, mostrando que as questões políticas e temporais devem estar subordinadas a uma visão religiosa e mística do Universo.

Estes depoimentos de pessoas de origem não céltica, pelo contrário, de posicionamento diferente, como no caso de Júlio César, ou ainda, muitos séculos depois dos celtas terem perdido a sua importância, como em São Tomás, são reveladores e de fato o druidismo era algo distinto do que se poderia encontrar em matéria de função sacerdotal, no Ocidente pelo menos.

A Sabedoria dos Druidas

Os druidas se baseavam num livro chamado "*Tríadas*". Esse livro perdeu-se completamente, restando somente alguns fragmentos copiados em alguns mosteiros da Irlanda. Por que da Irlanda? Porque a Irlanda é um país céltico, onde se manteve a tradição céltica mais do que em outras regiões. Os celtas ocupavam, antes da dominação romana, toda a Irlanda, Escócia e Inglaterra. Ocupavam também toda a França, que era chamada Gália, porque o símbolo dos celtas era o galo, que é uma ave combativa, e os celtas eram muito combativos, mas ao mesmo tempo é quem gera a vida, representada pelo ovo. Por isso, até hoje, curiosamente, o símbolo da França é "Chanteclair" o galo. Então ficaram mais conhecidos pelo nome de gauleses, e a terra em que eles habitavam, de Gália.

Eles eram também senhores daquela região do

norte da Espanha, que hoje se chama Galícia. Há ainda uma Galícia do lado oriental, próxima à Rússia, a Galícia russa. Os Gálatas, na Ásia Menor, eram uma colônia celta. Sem contar as cidades italianas do norte da península, no vale do rio Pó, como Trebbia, Bobbio, Cuneo e outras cidades de origem céltica.

A organização dos celtas era uma decorrência de sua cosmovisão, e talvez por causa de sua organização eles acabaram sendo dominados, porque sua proposta era diferente da postura quer dos romanos quer dos germânicos.

Os celtas tinham uma visão de que o homem é senhor absoluto de seu destino, e aqui é preciso que nós entendamos bem isto, porque os celtas acreditavam na reencarnação.

O celta, frente à vida que se lhe apresentava, não podia aceitar que uma pessoa nascesse em condição inferior a outra, uma vez que o nascimento, condicionava de certa forma a vida de uma pessoa. Quem nasce com doenças ou quem nasce na miséria, dificilmente terá o mesmo nível de vida, a mesma condição que um outro que nasce em berço de ouro, boa situação material, ou com total integridade física e mental. E acreditando verdadeiramente que o homem é senhor de seu destino, encontrava somente uma explicação: que havia uma vida prévia, como eles diziam, em Avalon. Uma outra terra em que a pessoa escolhia, de certa maneira, viver neste planeta em tais e quais condições. Assim se justificaria como um ato voluntário do ser humano.

Nós podemos, evidentemente, discordar da reencarnação, mas não podemos deixar de render homenagens a um tal amor que os celtas tinham pela liberdade e pela vontade do homem. Eles só podiam entender que alguém nascesse paraplégico porque assim o tinha desejado, e sabemos hoje, que existem espiritualistas que dizem exatamente isto a respeito das pessoas que sofrem de males físicos, mentais ou sociais, que são tantos que nunca acabam neste mundo.

De qualquer forma percebemos que a visão deles era de que o homem constrói o próprio destino. Por isso, quando os celtas se tornaram cristãos, não aceitaram a importância da Graça Divina, e isto, para alguns bispos católicos será considerado como uma heresia. Porém muitas vezes o herege não é quem está na fogueira, e sim quem atea o fogo. Pois exagerou-se muito dentro do Cristianismo o papel da Graça Divina, e pouco se insistiu sobre a importância da ação humana.

O homem é forjador do próprio destino, e isto estava de tal forma inculcado no inconsciente coleti-

vo dos povos celtas, que quando chegou o Cristianismo na Irlanda e na Bretanha, ele teve que se amoldar a essa situação, a esse inconsciente coletivo. E por isso surgiu lá em virtude de um monge bretão chamado Pelágio, o "pelagianismo" que é exatamente aquela posição cristã que não admite que uma pessoa possa ser boa sem total colaboração de sua parte, negando completamente a idéia de que alguém possa ser predestinado para o bem ou para o mal, por Deus, sem a sua corroboração total e integral, para todos os atos de sua vida; destruindo completamente a visão de que tudo depende de Deus e nada do homem. Esta visão teve grande força na Idade Média céltica na Irlanda. Por quê? Porque já os antigos celtas admitiam que o ser humano está no cosmos, mas ele não está no cosmos submetido a leis inexoráveis que o obrigam a ser um escravo, pelo contrário, o cosmos é feito da convivência da liberdade e exatamente por isso é que cada um dando tudo de si leva a ato todas as suas potencialidades e é por isso igualmente que o cosmos é ordenado, porque nenhuma potencialidade nossa não deixa de ter (quando ela é verdadeira), uma direção positiva. E o negativo muitas vezes é o não fazer, o deixar de realizar, lembrando sempre que o vício não é uma ação negativa, é a falta de uma ação positiva, a falta de virtude.

A Autonomia Céltica

Tendo os celtas esta visão sobre o ser humano, eles acreditavam que o homem terá que dar conta de sua ação depois desta vida, e que a maior regra é a da própria consciência. Daí, curiosamente, não admitirem o Estado. Eles acreditavam que o Estado era desnecessário.

O mundo céltico era baseado em três grandes idéias: família, clã e federação. Como podem notar não existe a "pólis" grega; não existe a "civitas" romana, é uma outra concepção, na qual as pessoas que nascessem em uma determinada família, isto não se constituía numa coincidência, uma vez que foram previamente parentes em outra existência. Eles acreditavam que o progresso dos espíritos se faz livremente, é verdade, mas no sentido de contínua ajuda de uns para outros. Esta é uma idéia muito colocada pela "Triadas" (naquilo que conhecemos da "Triadas"), e que foi magnificamente desenvolvida por Leon Dénis, um dos principais autores da "Idade de Ouro" do Espiritismo, na sua obra "*O Gênio Céltico e o Mundo Invisível*", e ele diz exatamente isso: que esse mundo invisível para os celtas era mais real quase do que o mundo visível. E que as famílias

não existem apenas nesta vida, mas que já haviam existido juntas numa encarnação anterior e num futuro voltariam a se encontrar. Diziam que os que morriam não se separavam da família, mas continuavam ligados a ela por laços que se renovariam quando eles voltassem a habitar um planeta, como fosse o planeta Terra, voltando ou regressando de Avalon.

Esta idéia dava à família segurança e força, porque era também uma família de espíritos e não apenas uma família carnal. Por causa disto a única estrutura acima da família que eles podiam admitir era o clã, ou seja, quando várias famílias, tendo um antepassado comum, formavam um clã. O clã significava exatamente aquela reunião de famílias que tinham um antepassado comum e que dentro do universo humano, eram irmãos, por assim dizer, na medida em que tinham uma mesma modalidade de caminho para chegar até Deus.

Eles também diziam que as várias regiões do mundo céltico: a Irlanda, a Escócia, o país de Gales, a Bretanha, a Galícia, não deviam ser dependentes uma das outras mas deviam ser autônomas, como diz um autor que escreveu recentemente sobre o druidismo, Antoine Savoret: "o federalismo céltico era total, quer dizer, a autonomia das regiões era completa. Por isso, o direito deles era realmente criação do povo e não imposto por uma potência sobre outra, porque o povo era o povo da parentela".

A realidade política máxima que conheciam era o clã, portanto desconheciam todo aquele mecanismo de dominação que veio a ser o Estado já no mundo romano, e que na modernidade adquiriu ainda mais força para nos compelir, para nos dominar.

Os celtas tinham esta visão acerca da sociedade; crendo na liberdade, eles possuíam uma noção de autonomia que se perdeu, ficando localizada apenas em determinadas regiões, pois eles não tiveram possibilidade de subsistência.

Alguns autores dizem que eles perdiam as batalhas porque não temiam a morte; iam sem coragem, sem armas para a luta. Estavam condicionados a não temer a morte: a morte era a passagem para um mundo melhor. Exatamente por isso, em termos materiais e humanos, eles não tinham aquele cuidado, o preparo necessário para uma guerra.

Langavam-se ao combate quase que numa atitude, que nós — com toda nossa prudência carnal do século XX —, chamaríamos de "suicida". Isto os prejudicou do ponto de vista político, porque os romanos, ao contrário, eram verdadeiros pragmáticos, organizados, e não acreditavam profundamente numa vida futura. Eles pareciam-se conosco, todos

queriam ir para o Olimpo ou para a terra de Vesta, mas ninguém tinha pressa. Exatamente como os católicos e protestantes dos dias de hoje, todo o mundo quer ir para melhor vida, mas não precisa ter pressa. Os celtas eram muito apressados, lançavam-se às batalhas de cabeça aberta, onde recebiam feridas mortais e sucumbiam.

Em virtude de sua organização extremamente descentralizada, foi fácil dominá-los, e também por causa de sua maneira de entender a vida, eles eram vencidos numa batalha. Mas em contrapartida eles eram indômitos e estavam continuamente se revoltando e dando trabalho a seus dominadores. Até hoje, de vez em quando, há algum movimento na Irlanda contra o domínio inglês, depois de tantos milênios, de tantos séculos, os celtas continuam se rebelando.

O Simbolismo da Cruz Céltica

Entretanto, quando nos debruçamos sobre o mundo céltico, é uma surpresa sobre a outra. O símbolo da Irlanda, por exemplo, era uma cruz, e diziam "nós não temos que ter nenhum rei, porque a cruz é o nosso símbolo". Isto, milênios antes de Cristo, "a cruz é o nosso símbolo".

A Irlanda estava dividida em quatro partes, e todo ano no dia 8 de maio se reuniam elementos provenientes e representando as quatro terras da Irlanda, trazendo um pouco dessa terra para uma colina, a colina sagrada chamada Tara (nome de uma colina na Irlanda), e os estrangeiros perguntavam: "qual é o vosso rei?". "O nosso rei é aquele que estará no centro da colina, mas ele não veio porque ele nascerá de uma virgem e ainda não nasceu homem de virgem na Irlanda". Nem é preciso dizer que o Cristianismo não fez mártires na Irlanda, foi o único local em que não houve atrito religioso quando Cristo lançou sua mensagem, o atrito foi posterior. Mas quando os missionários cristãos atravessam o Canal da Mancha e chegam à Irlanda há, por assim dizer, uma passagem tranqüila do mundo druídico para o mundo cristão porque para eles finalmente havia chegado "o Filho da Virgem", que era o Rei.

Quando começaram então a surgir os atritos? Quando esse estilo de vida e essa maneira de ser passou a ser perturbada e atormentada por povos que queriam dominá-los, aproveitando-se de suas riquezas, de suas terras, das suas colinas verdejantes, porque "Eire" quer dizer "verde", "Eireland" é "terra verde". Os romanos entretanto tiveram graves problemas com Roma, porque Roma foi construída num lugar próximo a um rio com uma doença que

eles atribuíram ao ar, a "aria", a malária, o que foi um problema para Roma resolver. Os celtas ao contrário, acertaram na escolha do lugar em que viviam, eles eram portanto cobiçados.

A Gália, que era céltica, foi totalmente dominada pelos romanos depois da conquista de Júlio César. Depois atravessaram o Canal da Mancha, dominando o mundo céltico continental da Gália. Há um autor que insiste em dizer que uma pequena aldeia não se rendeu e continuou defendida por "Asterix", mas a verdade é que a Gália foi dominada pelos romanos.

Em seguida, eles ultrapassaram o Canal da Mancha e dominaram outro mundo céltico: o país de Gales, que eles chamaram de "Britânia", origem da palavra Bretanha, Grã-Bretanha, Bretanha Francesa, que existe até hoje. Depois dominaram a Escócia, e tiveram, por assim dizer, preguiça de ir até a Irlanda. Por isso, talvez, a Irlanda ficou mais céltica que as outras regiões, porque escapou da dominação romana. Por causa disso a Irlanda não admitia controle e daí vem os atritos com o papado, que indubitavelmente veio a ser um sucessor do César.

A Gália foi inteiramente centralizada pelos romanos. Algum tempo depois a Igreja Católica Romana usará exatamente essa centralização para que os habitantes da Gália estivessem totalmente na dependência do Papa romano. E isto nunca foi aceito pelos irlandeses. Por isto os irlandeses não queriam ter bispos, "não precisa bispos", diziam, "porque nós já temos nossos abades, superiores de mosteiros". "Nós não podemos ter duas pessoas fazendo o mesmo", porque para eles (por causa da pré-história druida), o ideal religioso é o ideal monástico. Desta forma, eles não entendiam aquilo que em Ocidente nós chamamos de Clero Secular, dependente do bispo. Para eles o padre é o monge como o druida antigo era uma pessoa que vivia para a contemplação. Eles sequer cogitavam nesta mistura entre o político e temporal com a religião, que é uma característica da fase medieval. Então haverá vários atritos, e os irlandeses, sempre muito arredios a todo tipo de controle, implicam até em questões secundárias que eles transformam em questões decisivas. Por exemplo: o hábito a que eles estavam acostumados, que era o hábito branco e não o negro, porque para os druidas antigos (de acordo com o princípio de Rama) a luz é o branco, então quem é da luz tem que se vestir de branco; o negro é a morte. Recusavam-se, portanto, a se vestir com hábitos negros. Recusavam-se a cortar o cabelo como cortavam os padres romanos, na época em que os padres romanos tinham uma forma específica de cortar os cabelos.

Então eles queriam se tonsurar inteiramente dizendo que aquilo era o que tinham visto nos druidas.

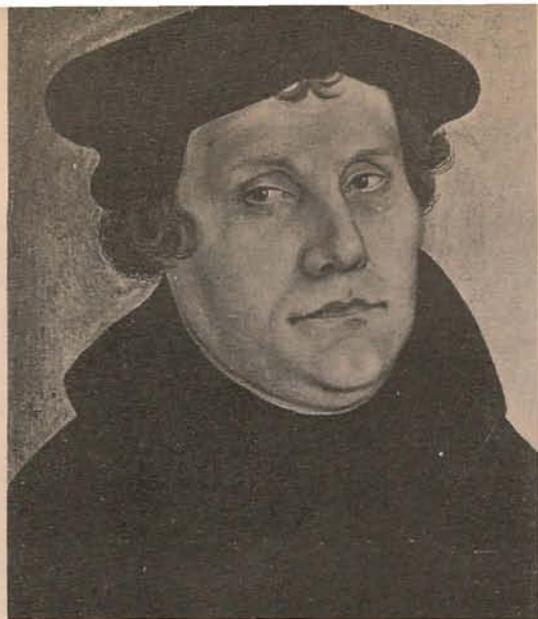
Quer dizer, eles criavam problema até em questões de detalhes. Porém mesmo com tanto desejo de independência e autonomia, nunca foram infiéis ao Catolicismo. Aliás, a primeira vez que correu sangue por causa do Cristianismo foi na época da Reforma Protestante. Quando o Cristianismo entrou na Irlanda, ele foi recebido e absorvido pelos druidas, mas quando a Reforma protestante tentou dominá-los, aí o sangue correu. Isto significa que a perseguição religiosa na Irlanda surge com um atraso de 16 séculos comparando com outros países onde o sangue cristão foi derramado. Houve perseguições aos cristãos em todas as colônias romanas, na Irlanda não. Mas, agora, com a Reforma sim. Por quê? Porque o irlandês tinha encontrado o destino de sua vida na doutrina cristã e exatamente com aquela visão bem particularista dele: mais monástica do que episcopal, mais contemplativa do que secularizada. Porém, a verdade é que ele era profundamente católico, e até hoje a festa mais importante da Irlanda é o dia de São Patrício.

Isto, para termos uma idéia do que foi o mundo céltico e o que dele restou. Por isto, há uma tese de um autor chamado Alexandre Bertrand, que diz o seguinte: a passagem do druidismo para o Cristianismo foi uma passagem pacífica, porque o druidismo era um pré-Cristianismo, e o Cristianismo era um pós-druidismo. Não houve então uma interrupção, foi apenas uma recolocação ou uma justaposição.

Predomínio Latino-germânico: Reações Célticas

Por tudo o que já dissemos, podemos perceber que durante a fase medieval o mundo céltico foi sendo encoberto, porque já no final da Idade Antiga os anglo-saxões, que eram germanos, ocuparam a antiga Bretanha, os visigodos, que eram germânicos invadiram a Espanha, os lombardos invadiram a Itália, os francos invadiram a França. Daí que nós ficamos conhecendo a Inglaterra por ser a terra dos anglos. A monarquia visigótica da Espanha, nós ficamos conhecendo a Lombardia, porque os lombardos estiveram na Itália. Nós ficamos conhecendo, evidentemente, a França e para nós a história da França começa com Clóvis e com os francos, e com Carlos Magno, e os celtas são esquecidos porque outras civilizações vieram se sobrepor a eles.

Então partiu-se para aquela polarização. A Idade Média é uma época germânica; a cavalaria é de origem germânica; o estilo gótico tem muito de germânico. A Reforma será germânica, Lutero não é



Martinho Lutero (Lucas Cranach, Museu Poldi, Milão).

por casualidade um alemão, e não é também por casualidade que ele encontre apoio de príncipes, de banqueiros, e não só de homens de religião.

Do outro lado, o outro polo, o mundo latino. A Igreja que não quer abrir mão de seus privilégios políticos e vai patrocinar o movimento da Renascença, que é um retorno ao mundo latino.

Então no século XVI o germanismo da Idade Média é rompido pelo renascimento do quê? Da cultura greco-romana!

Onde ficaram os celtas? Na luta entre humanistas e reformistas, os celtas são totalmente esquecidos como a terceira posição. Mas, de vez em quando, de acordo com uma lenda céltica, existe uma catedral que está submersa, mas há momentos em que ela aparece, bimbalha seus sinos e desaparece novamente.

Naquela época em que parece que não havia nenhuma alternativa, que não fosse ser protestante ou renascentista, é na península Ibérica que um homem que veio da Galícia, chamado Ignácio de Loyola, vai tentar uma terceira posição, que é a origem da Contra-Reforma. É muito curioso que a Contra-Reforma tenha surgido exatamente na Galícia, que é uma região em que os celtas tinham *deitado raízes*, e não na Itália que tinha sido totalmente ganha para o antropocentrismo renascentista e nem na Alemanha que tinha sido ganha para a Reforma.

A História continua sua marcha inexorável e nós vamos encontrar uma bi-polarização novamente: o despotismo do absolutismo monárquico de um Luis XIV, reeditando o autoritarismo dos imperadores romanos, de um lado, e do outro lado, o espírito anglo-saxônico, individualista, ao lado do germânico, também individualista que leva à Revolução Francesa como grande confluência das doutrinas de Rousseau, Kant e Locke.

Rousseau era suíço e não francês, portanto nada tinha do mundo celta; Kant que era alemão e Locke que era inglês.

Mais uma vez a polarização: ou você é a favor do absolutismo ou a favor do liberalismo, não há outra alternativa. E a Revolução Francesa derrama o sangue novamente. Ela, nesse sentido, não interrompe o processo começado pelos romanos, porque Napoleão é um novo imperador que veio a centralizar ainda mais o Estado e impedir as liberdades locais. Porém, na Bretanha vai surgir algo que não é nem o absolutismo de Luis XV ou Luis XVI, nem o liberalismo individualista dos princípios da burguesia: é a Contra-Revolução. A Contra-Revolução que não por casualidade surge na Bretanha com Cadoudal, Catelineau, que dizem o seguinte para os novos donos do poder: "Vocês substituíram o poder, vocês tiraram os reis e colocaram o presidente da república, mas onde estão as nossas liberdades? Onde está a autonomia da Bretanha? Onde estão os nossos usos e costumes? Enquanto não houver a devolução da nossa autonomia, para nosso entendimento não houve revolução nenhuma; continua o absolutismo e centralismo político com outro nome".

A Revolução Francesa dispunha do exército que vai esmagar esta revolta, e Cadoudal será levado à guilhotina sem perder uma característica céltica que o acompanha até na hora da morte e que é justamente não temer a morte. Aqui é interessante um detalhe, o capelão disse-lhe: "é bom o senhor rezar alguma coisa antes da morte". Então Cadoudal começa: "Santa Maria, Mãe de Deus, rezai por nós pecadores agora". O capelão disse: "pode continuar", e ele responde "não, já acabou, porque a hora da minha morte é agora!"

E quando ele estava marchando para a guilhotina uma mulher aproximou-se dele e lhe disse: "por sua causa eu perdi meu marido", ao que ele respondeu "na próxima existência mandem-me solteiros".

E quando ele foi julgado pelo tribunal revolucionário acusado de ter distribuído gravuras do rei Luis XVI, um dos acusadores tinha sido exatamente alguém que tinha participado da condenação de Luis XVI à morte, então este perguntou: "Soube que o Senhor tinha muitas cópias e gravuras do rei; o que o senhor fez delas?". E ele disse: "eu só respondo, depois que o senhor me dizer o que fez com o original".

E assim, com essa atitude quase louca diante do tribunal, mas bem céltica, de desafio contínuo até na hora da morte, na porta da guilhotina praticamente. Ele morre... mas, continua até hoje na Bretanha um espírito de independência que durante a Se-

gunda Guerra Mundial vai-se recusar a marchar com o exército francês dizendo: “não sei se esses exércitos são nossos amigos”.

A Bretanha quer se declarar neutra na 2a. Guerra; coisas incríveis que não ficamos sabendo porque a História não conta. Quando a França está em guerra com a Alemanha a pedido da Inglaterra, “nós não temos nada que ver com isso, nós somos celtas, somos bretões igual aos irlandeses”.

Se cada povo começasse a dizer “eu não entro numa briga que não é minha”, se acabariam as guerras mundiais. Porque as guerras mundiais não são guerras de povos, mas de grupos econômicos e oligarquias! As Guerras acabariam porque os povos resolvem com muito mais sabedoria que os governos.

Então vêm aí como até hoje continua um espírito que não se perdeu inteiramente; mas está faltando realmente a posição céltica, a terceira posição.

A Lenda do Graal

Havia no mundo céltico uma lenda cuja interpretação, para muitos, é literal. Quando Cristo celebrou a última ceia, ele usou um cálice para consagrar seu próprio sangue que ia ser derramado pelos homens. De acordo com uma antiga lenda, quando ele estava na cruz um de seus discípulos, um de seus poucos amigos (principalmente nessa hora, pouquíssimos) chamado José de Arimatéia, foi até o pé da cruz e recolheu algumas gotas naquele mesmo cálice, e depois guardou este cálice. Esse cálice que era, portanto, algo ligado ao mistério da Eucarística, já existia antes da chegada do Cristianismo ao mundo céltico como sendo o vaso em que está o líquido que traz a Vida.

Esse vaso chama-se “Grael” em língua céltica, daí o nome da “lenda do Santo Graal”, que poucos sabem que é uma lenda céltica e não germânica, porque foram os celtas que disseram exatamente que você podia observar aquele simbolismo da taça do sangue de Cristo nos dois aspectos: sob o maravilhoso aspecto da Eucarística, mas também sob o aspecto não menos maravilhoso de depositário da Sabedoria. Quem bebe daquele elixir, bebe da Sabedoria.

Mas esse cálice se perdeu. Onde está o sagrado cálice? Então na Idade Média surge a lenda dos Cavaleiros da Távola Redonda, cujo rei é Arthur, e que se senta junto com seus doze cavaleiros em torno de uma mesa redonda, (numa época em que os reis geralmente se sentavam à cabeceira das mesas retangulares), para mostrar que ele, sendo rei, perante seus cavaleiros era um igual, porque havia uma irmandade entre eles: a irmandade da cavalaria, e nesse pon-

to ele era igual a todos os outros.

E a principal preocupação era por saber quem seria o 13º que ocuparia a cadeira vazia, a cadeira perigosa, que nenhum cavaleiro pode tocar se não fôr puro. Aí então surge a lenda de que nenhum cavaleiro tinha a coragem de se sentar na cadeira porque nenhum se considerava suficientemente puro para se sentar nessa cadeira; até que um moço ingênuo e a quem ninguém dava muito valor, chamado Parsifal ou Percival (nós o conhecemos bem pelo seu nome latinizado: Percival), um dia teve vontade de se sentar nessa cadeira, e todos os cavaleiros ficaram assustados, dizendo: “mas você não pode se sentar nessa cadeira porque você sequer é cavaleiro, você pode causar a ruína de todos nós pelo desrespeito a esta cadeira perigosa”.

E diz a lenda que Percival se sentou na cadeira assim mesmo, e nada aconteceu. Mas naquele momento todos viram pairando no ar uma taça de ouro, quer dizer, tinha chegado o homem que era o cavaleiro puro, e que iria encontrar o Graal. Então foi imediatamente nomeado cavaleiro “a posteriori”, porque os títulos, inclusive os militares, não são decisivos para classificar uma pessoa, o que classifica uma pessoa é a conduta. Esta é uma idéia puramente céltica, o que vale é a conduta mesma. Aqui podemos citar Pelágio, tudo aquilo que já falamos, tudo tem que ser interligado. A vontade da pessoa é que é decisiva, a conduta é que é decisiva, a liberdade depende da pessoa.

Por isso é que Percival pode sentar na cadeira e nada aconteceu, pelo contrário, o Graal se manifestou como que dizendo que tinha chegado o momento, o encontro com o espírito. E toda aquela história contada dos cavaleiros da Távola Redonda que procuram encontrar esse Graal e não o encontram; todos são derrotados, quer pela força física, quer pela força dos elementos, quer pelo próprio medo, são simbolismos. Somente a pureza dá ao homem a invencibilidade.

Por isso é que Percival chega e toca na taça e a levanta bem alto e nenhum mal acontece. Então esta lenda tem duas leituras, como diríamos modernamente; uma primeira leitura é a leitura da taça do sangue de Cristo que é contada por um cavaleiro da Távola Redonda, que é uma lenda que passou depois para a Idade Média nas “Canções de Gesta”, e que terminou na Alemanha com Woffram d’Eschembach que escreveu “A Lenda de Parsifal”, e por isso mais tarde Wagner fará uma ópera famosa sobre esse assunto.

Mas existe uma 2a. leitura pela qual se vê que o Graal significa Sabedoria, e a Sabedoria não se en-

libertadora da França, autora de empresa descomunal, sofreu um dos maiores crimes de traição que a história registra.



contra pela posição social que a pessoa ocupa; então é a conduta que é mais importante que o cargo. Nenhum cavaleiro tinha sido digno do Graal, mas Percival que não era cavaleiro, e que era simples e desprezado pelo próprio pai (diz a lenda), e que nada podia fazer porque ele nunca se candidatara para nada, nunca corria para nada, ele foi aquele predestinado; isto tem um simbolismo pela liberdade, pela igualdade (no melhor sentido possível) e também pelo sentido da vida.

Os senhores poderão pensar: “mas isto é uma lenda, nós não podemos trabalhar acima de lendas para falar de uma civilização; e estamos dando tanta importância a essa civilização, que queremos alguma coisa que se possa pegar e ver aonde é que está este valor céltico, por que isto tudo nos parece muito bonito, mas acabamos de dizer que o Graal é uma lenda.”

Joana d'Arc e o Gênio Céltico

Então vamos à história: uma pastora de Dou-rémi com quinze anos de idade, que nunca tinha pegado numa espada, e como ela mesma dizia, só sabia fiar e tanger o rebanho de seu pai, num belo dia apareceu-lhe uma luz que ela não conseguia distinguir, mas uma voz lhe diz: “vai, filha de Deus, vai, liberta a França!”, e ela não entende, porque não sabe o que é França, e pergunta a seu tio Durand Laxart, “que é França?”, e ele lhe responde: “França é o país em que nós vivemos”. E ela retorna: “mas, porque libertar a França?”, ao que ele diz: “porque a França está dominada por um outro povo, pelos ingleses”.

Ela não se preocupa mais com isso; mas depois aparece novamente esta luz neste mesmo bosque, e ela ouve novamente a voz dizendo: “Vai, filha de Deus, vai, liberta a França. Vai à Vaucouleurs e apresente-se ao senhor Baudricourt como libertadora da França. Arruma um cavalo e uma armadura que estarei contigo”. E ela lhe pergunta: “Quem és Tu?”. E há uma resposta: “Eu sou o espírito de Michael, o Invencível do Senhor que protege a França”.

Ela lembrava de São Miguel porque havia uma montanha maravilhosa chamada Monte São Miguel que ficava no meio do mar, e em certos momentos a maré subia e o castelo quase desaparecia. Ela se lembrava disso porque os seus pais haviam-lhe contado, e esta era a única referência que ela tinha ouvido falar como cristã que era, de São Miguel Arcanjo, da França. Mas estas coisas, quem recebe uma mensagem destas, não tem dúvida, a dúvida normalmente

fica com os outros.

Então ela falou com seu tio: “Meu tio, me dê um cavalo e uma armadura porque eu preciso libertar a França”.

E o tio, como qualquer tio moderno diz para o pai: — “Ela está ficando louca, ela precisa ir a um psiquiatra”.

Nesse tempo, o psiquiatra de plantão era o padre. Levaram-na, então para o padre, que lhe perguntou: — “Minha filha, você acredita que São Miguel lhe apareceu?”

— “Eu não disse que São Miguel me apareceu, eu ouvi uma voz”. E o padre retornou:

— “Que lhe disse essa voz?”

— “Disse que eu tinha de libertar a França”.

E como bom psiquiatra da época, o padre argumentou:

— “Mas com tantos generais, minha filha, você acha que Deus iria se lembrar de uma pastora?” E ela disse:

— “Nada sei sobre generais, padre, só sei que tenho de libertar a França”.

Então ela foi até Vaucouleurs; pois o tio dela disse:

— “Bem, não custa nada levá-la até lá, eu tenho de ir mesmo ao mercado vender meus porcos, você pode ir junto”.

E ela foi até Vaucouleurs, onde se apresentou diante do Senhor de Baudricourt e disse que tinha uma missão.

Vejam, mais uma vez, uma coisa tipicamente céltica: é Percival, é Joana d'Arc, aquela que nada sabe que vai ser escolhida. O Senhor de Baudricourt diz:

— “Olhe, eu não quero nem ver esta mulher, porque eu nunca ouvi dizer que uma mulher entrasse para o exército. Mandem-na imediatamente para o Delfim.”

— “Mas ela quer um cavalo”, informaram.

— “Pois lhe dêem um cavalo”, disse o Senhor de Baudricourt.

Então ela foi para a cidade de Chinon, onde estava o Delfim.

“Delfim” era o título do herdeiro do trono da França, mas ele não estava no governo porque os ingleses tinham ocupado Paris, Orléans, Reims. Além dessas cidades tinha ocupado Chartres, enfim as principais cidades. E o Delfim estava numa cidadezinha pronto a negociar a fuga dele para outro lugar, e isto não é uma lenda.

Então ele soube que veio uma moça que tem um espírito que fala para ela o que deve fazer e que vai libertar a França.

— “É interessantíssimo”, disse o Delfim. “Vamos-nos divertir. Você fica aí sentado no trono e eu fico no meio do povo. Vamos-nos divertir um pouco neste castelo hoje”.

Então um cortesão se vestiu como Delfim e sentou-se no trono, e o Delfim ficou no meio do povo, escondido.

E foi anunciado:

— “Que entre a pastora.”

Então Joana d'Arc entrou e todo mundo fazia mesuras ao “Delfim” para ridicularizá-la, para que ela fosse mais enganada ainda. Entretanto, ao entrar, Joana d'Arc olhou-o e disse:

— “Por que sentas onde não é teu lugar?” O indivíduo já se foi levantando; aí ela ficou olhando para o meio da multidão que estava naquela assembléia e disse:

— “Tu tens medo, mas és o Rei de França.”

O Delfim ficou completamente atordoado, e respondeu:

— “Não, eu não sou o Delfim, é ele.”

Ao que Joana d'Arc diz:

— “Tu mentes, tu és o Delfim e tens medo de ser Rei de França.”

Ele ficou totalmente atônito, porque ele nunca tinha visto aquela mulher e ela nunca podia tê-lo visto. Onde podia ter visto aquela mulher ao Delfim se vivia a léguas de distância?

Uma mulher que de repente devolve a confiança ao Delfim, numa conversa privada que ninguém

soube, porque não podia estar lá; a confiança, a certeza de que ainda era possível expulsar os ingleses da França.

Então ele diz para seus conselheiros:

— “Eu vou fazer o que ela quer.”

E seus conselheiros não conseguem entender:

— “Não, o senhor está fazendo uma loucura.

Além de tudo vai ser imensamente ridículo uma mulher chefiando o exército da França.”

— “Ela não quer chefiar o exército, ela apenas quer uma coisa: um cavalo e uma armadura. E isto o Senhor de Baudricourt já lhe deu.”

E o Delfim diz:

— “Agora ela quer o comando do exército, e isso só eu lhe posso dar.”

Ao que retrucaram:

— “Mas o que dirá La Hire, Dunois?” (generais de exército).

— “Eu não sei o que eles vão dizer, eu vou entregar o exército a Joana d'Arc, porque Dunois e La Hire não fizeram nada até agora. Quem sabe essa mulher faça.”

Então, resumindo o relato, eles tiveram um conselho de guerra; Dunois trouxe mapas, assistentes, assessores e com toda sua experiência de general mostrou por onde tinha que ser atacada a cidade. La Hire também deu sua versão de como tinha que se atacar a cidade.

Joana d'Arc disse:

— “Muito bem, vocês acham isso, façam como quiserem, mas eu vou atacar pelo meio.” E disseram:

— “Mas como? É perigosíssimo. Aí é que está a torre principal.”

— “Eu vou atacar pelo meio.”

— “Mas a senhora tem algum estudo militar?”

— “Não”, respondeu Joana.

— “Mas então como a senhora sabe que deve ser pelo meio?”

— “Não sei, mas sei.”

Então, como se explica tudo isto? Agora somos nós que perguntamos. Sabemos apenas que Dunois atacou os ingleses pela porta da cidade que ele queria atacar, e La Hire atacou pelo outro lado, que era considerado mais viável. Então ela entrou em Orléans no dia 8 de maio, exatamente aquele dia simbólico em que o Sol incide em ângulo reto em Stonehenge, que é o símbolo do equilíbrio do universo e do cosmos.

Havia na França uma situação de desequilíbrio: um povo dominado por outro; e isto contrista as forças cósmicas, é uma violência; a dominação é uma desobediência à ordem divina.

Então por isto é que, quando ela entra em

Orléans ela é saudada pelas crianças, que jogam roupas no chão; uma entrada verdadeiramente triunfal, mas ela continua preocupada:

— “Agora é preciso socorrer La Hire e Dunois, que estão cercados”, diz ela.

Todos aclamam-na, e naquela aclamação estrepitosa e extraordinária em que todos gritam:

— “Agora nós nos libertamos”, o Duque de Orléans se ajoelha diante dela, mas ela diz:

— “Não se ajoelhe diante de mim, só devemos nos ajoelhar diante de Deus. E agora eu tenho de levar o rei para Reims para ele ser coroado na cidade em que todos os reis da França eram coroados como símbolo de que a nação está ali.”

Mas, novamente discordaram:

— “Os ingleses perderam Orléans, a senhora acha que vão deixar a gente conquistar Reims? Isso é impossível, nós vamos ser prisioneiros.”

Então Joana d’Arc disse:

— “Muito bem, então os senhores fiquem aqui que eu vou sozinha. E vou libertar Reims.”

E a jovem de quinze anos, que agora tem quinze anos e meio conquista Reims, e depois Chartres, Puy-de-Dôme, até que o rei é coroado em Reims.

E aí então a inveja começa a fazer o seu trabalho...

Os ingleses não entendem o que é aquela mulher e chamam-na de “feiticeira”. “Ela é uma feiticeira, ela encanta os soldados e eles ficam imobilizados.”

Mentira. A luta é árdua e ela vai à frente, por vezes até ferida. Ela não tinha um corpo invulnerável, ela sofria de muitas feridas e levará até a fogueira uma tremenda ferida no peito de uma flecha que a atinge no momento em que está subindo uma muralha, e que ela quebra para que os soldados não vejam que está ferida e a batalha não pare.

A inveja trabalha. Resumamos os fatos, porque senão o entusiasmo nos levaria a prolongar a crônica de Joana d’Arc. A verdade é que a inveja trabalha até junto ao rei. O povo aclama o rei, mas aclama muito mais a Joana d’Arc. Eles dão três vivas a Joana d’Arc e só um viva ao rei. Então o rei diz:

— “Isto não pode ser. É muito desagradável eu dever meu trono a esta mulher plebéia.”

E ocorre um dos maiores casos de traição que a história registra. Um dos mais inomináveis!

O rei Carlos VII vai fazer o possível para que Joana d’Arc se afaste da Corte. Ela lhe faz sombra, porque ele é um medíocre, e o medíocre não consegue ver o valor das pessoas e odeia quem lhe faz o bem.

Então o rei Carlos VII, agora coroado rei e

que deixou de ser apenas o Delfim, por causa de Joana d’Arc, começa a lhe tirar o apoio. Ela diz para ele:

— “Ataque Paris, que o momento é agora. Ataque Paris.”

E ele diz:

— “Vou consultar meus generais para saber se agora é que devo atacar Paris.”

E não ataca Paris, e os ingleses permanecem em Paris, por não seguir o rei o conselho dela.

Um belo dia estava andando por um acampamento quando ela vê um soldado correndo atrás de uma moça, provavelmente para violentá-la. Ela tira a espada e bate no ombro desse soldado. Não bate evidentemente com a lâmina cortante, mas horizontalmente. O soldado cai, mas a espada se quebra. Então ela diz:

— “Minha missão terminou.”

Ela percebeu o simbolismo, e vejam a semelhança disto com Percival: a pureza e a impureza em combate permanente. Quando a impureza quebra a lâmina (como símbolo da pureza), tudo está perdido...

Então ela entrega o comando ao rei, mas ele diz:

— “Não desta forma, a senhora tem de continuar no comando.”

Ao que lhe responde Joana d’Arc:

— “Se eu continuar no comando serei presa e morrerei.”

Mas disse o rei:

— “Não, a senhora tem de continuar no comando porque eu sou o rei e lhe mando: continue no comando.”

— “Então continuo, mas vou perder.”

E de fato, na primeira batalha, na cidade de Compiègne ela é presa pelos borguinhões que eram traidores aliados aos ingleses, e que a vendem por 30.000 florins de ouro aos ingleses. Ela é levada para Rouen, que é uma cidade dominada pelos ingleses; e os ingleses querem logo matá-la, para acabar com o mito de Joana d’Arc, porque esse mito está fazendo com que os ingleses sempre recuem.

— “É preciso desaparecer o mito Joana d’Arc.” Eles querem então matá-la, mas surge alguém, cujo nome a história não registra, e diz:

— “Não, não a matemos porque ela se transformará num mártir, e ninguém mais segurará a França. Nós precisamos tirar a sua honra e boa fama.”

— “Mas como?” Então eles pensam: “Quem sabe se nós dissermos que ela não é virgem, que é uma prostituta que se entrega aos soldados, talvez

assim nós acabemos com o mito”.

Mas isto era por demais inverossímil, ninguém iria acreditar.

— “Já que é assim, vamos acusá-la de feitiçaria, que é com arte diabólica que ela ganha as batallas, e que o espírito que lhe fala é o diabo”.

Sempre se encontram as pessoas para fazerem parte de uma farsa, como é o processo de Joana d'Arc. Funcionários do rei da Inglaterra, padres, bispos, montam a farsa do processo:

— “A senhora é acusada de bruxaria por falar com o demônio.”

— “Qual é a prova?”

— “Mas eu nunca disse que a voz era do diabo, a voz que eu escuto é a do espírito de Miguel Arcanjo, portanto pelo meu depoimento eu nunca disse que é o diabo quem me fala.”

— “Mas isso não é suficiente, porque a senhora dá a entender que Deus odeia os ingleses.”

— “Não, nunca disse que Deus odeia os ingleses. Eu recebi ordens de pô-los para fora da França, não de odiá-los...”

Então nisso tudo, os advogados (pessoas que às vezes estudam direito e utilizam o conhecimento da lei não para salvar mas para prejudicar, —infelizmente nessa profissão, como em qualquer outra, se encontram pessoas desse tipo, que utilizam os artifícios da lei para condenar) lhe perguntam: “Mas como Deus não odeia os ingleses se a senhora foi convidada para expulsá-los?” E ela diz: “Eu não odeio os ingleses, apenas eles não devem ficar aqui.”

— “Então a senhora se considera uma enviada de Deus?”

— “Não.”

— “E, no entanto, a senhora é uma enviada de Deus?”

— “Sou.”

— “Ora, mas Deus não precisava da senhora se quisesse expulsar os ingleses daqui.”

Observemos que argumento. E ela responde:

— “Sobre os planos divinos nada sei, sobre Deus nada sei. Só sei uma coisa: os soldados combatem e Deus lhes dá a vitória.”

Com quinze anos de idade, numa assembléia estrangeira, cercada de bispos com mitras e báculos e com capa vermelha, com soldados armados, com juízes com togas e becas, advogados com toda aquela pompa que põe medo em qualquer um, e Joana d'Arc com esta facilidade...

— “Por que usas vestes masculinas?”, perguntam-lhe.

— Porque recebi ordens do espírito que me conduz para vestir-me como soldado. Ora, os soldados se vestem deste modo, por isto visto-me desse modo.”

— “Mas isso é bruxaria, é heresia.”

— “Não sei se é heresia, só sei que ganhei batallas com esta roupa.”

Assim vai respondendo; e a conclusão é a seguinte: “Joana d'Arc deve ser levada no dia 30 de maio à praça do mercado na cidade de Rouen, acusada de crime de heresia para ser queimada até a morte”. E ela diz:

— “Apelo ao Papa.”

E o bispo Cauchon diz:

— “Para apelar ao Papa, precisa passar por mim.”

— “Então apelo a Deus.”

E assim é levada à praça do mercado, e ali é queimada.

Até hoje existe o lugar da fogueira e todos os anos, desde a Primeira Guerra Mundial, um representante do governo inglês deposita uma coroa de flores nesse lugar como sinal de reparação pelo crime hediondo que foi cometido no dia 30 de maio de 1431.

O impulso estava dado, ela foi morta como feiteira, mas alguns anos depois o Delfim, agora rei Carlos VII, finalmente resolve seguir o seu conselho: tomar Paris e libertar a França.

Percebem então que o mundo céltico não é apenas um conjunto de palavras bonitas ou de lendas, mas é muito mais do que isso: é histórico. Porque Joana d'Arc é História. E queremos que quem não acredite no mundo invisível, nos explique como uma mulher de quinze anos levou um exército desanimado a uma das maiores vitórias que a história militar registra. Quem não acredita no mundo do espírito que nos explique a vitória de Joana d'Arc.

A História prossegue até hoje, e a nossa época perdeu esta visão céltica, a taça do Graal está perdida, a sabedoria céltica, a crença no outro mundo, que não apenas neste mundo visível, cada vez vai ficando menor, cada vez vai desaparecendo mais das consciências das pessoas.

Com o perdão da palavra, as religiões hoje se disfarçam, procuram argumentos sociológicos, têm medo de se proclamarem sobrenaturais. Disfarçam-se com argumentos psicológicos, disfarçam-se com argumentos antropológicos. É o medo de proclamar o invisível, que aquela menina de quinze anos não tinha no Tribunal da Inquisição.

Realmente, o que está faltando em nosso tempo é a terceira visão, a visão céltica ●

(Extraído de palestra proferida em abril-83, no auditório Mahatma Gandhi, da Associação Palas Athena).

CLÁUDIO DE CICCO

Centro de Estudos Filosóficos da ASSOCIAÇÃO PALAS ATHENA

BASES FILOSÓFICAS

INTRODUÇÃO

O homem é uma criatura caracterizada pelo inconformismo — jamais esteve “con-forme” ou na plena aceitação de uma forma —, nunca houve homem satisfeito com o seu tempo, com a sociedade na qual estava engajado, com os homens que o rodearam, que o governaram ou que eram por ele governados; com as instituições em que lhe coube participar ou contemplar, e até com a natureza, revoltando-se ante a inclemência das secas, inundações, pragas, etc. Todo filho está, total ou parcialmente, inconformado com seu pai, e todo pai com seu filho e ainda cada um deles consigo próprio.

Nos séculos e milênios de história (conscientes ou não), o homem pode ter perdido muita coisa, e ainda ganho outras, porém o que se mantém invariável e sempre constante é essa insatisfação, esse inconformismo, essa inquietação.

À diferença dos animais, o homem jamais encontrou o seu espaço e o seu tempo, o seu habitat, e aquilo mesmo que o caracteriza é justamente ser um estrangeiro ainda em sua própria pátria. Quando Ulisses sai de Ítaca em busca de mil e um tesouros aninhados em seus sonhos, pensa como estrangeiro no estrangeiro, e, quando volta a Ítaca, sente-se igualmente estrangeiro.

Errar tem sido o destino desta criatura, encruzilhada em duas dimensões que jamais permitem definí-la, por um lado a raiz, por outro lado a liberdade das copas.

Nessa inda e vinda, num imenso universo, a Filosofia tem sido inúmeras vezes o seu báculo, seu auriga, a estrela distante numa noite de tormenta, o cume rochoso de uma sólida montanha numa peregrinação sem fim, o vale verdejante no meio do deserto de infrutífera procura.

A ela cantaram místicos e poetas, eruditos, políticos, homens de ciência e ainda heróicos guerreiros nascidos do mito e da história.

Quem não a tem invocado nas matutações acerca do sentido e do fim das coisas? Quem não lhe tem pedido ainda que seja migalhas de suas vestes, na

compreensão de si próprio? Quem não sentiu o alvoroço de seu coração, ante a proximidade de seu voo rasante e inspirador?

Oriente e Ocidente têm marcado encontro nela. O druída e o homem bíblico a perscrutaram com idêntica inquietação. Do esquimó ao nômade, do chinês ao banto, ela campeia no mar dos interrogantes.

O perguntar, o inquirir, o querer saber é um ato filosófico; o não aceitar a ignorância que se padece, a dúvida irresolúvel, é uma atitude filosófica; pois enquanto existir pergunta, enquanto existir anseio por uma resposta, seja esta científica, estética, política ou religiosa, a filosofia será uma presença constante na vida do homem.

ORIGEM ETIMOLÓGICA

Atribui-se a Pitágoras a criação do termo “filosofia”, num acontecimento ocasional, em que após uma dissertação a seus discípulos sobre o sentido do ser e do estar das coisas, um deles aproximou-se e disse: “O senhor é um *sophos* (sábio)”. Ao que Pitágoras respondeu: “Não, meu filho, eu sou um *philosophos*”.

Philos provém do grego *philoô*, que significa “amar”, e *sophia* é sabedoria. Desta forma, num ato de admirável humildade, Pitágoras confessava-se um “amante do saber”, e assim mesmo cunhava um termo de vigência incontestável até nossos dias.

Tendo em vista que todo amante deseja possuir o objeto amado, ou aproximar-se o mais possível dele, ocupando o objeto de seu amor todo o caudal e matices de sentimento, pensamento e ainda de seus sonhos, enlevado num estado de constante evocação, de íntima comunhão, de cuja conquista, viria, a seu juízo, a felicidade plena; o filósofo cujo objeto é nada mais nada menos que a própria sabedoria, procura-a em tudo quanto é forma, dimensão, idéia ou intuição.

É mister reparar que há conhecimentos que temos, como diz Platão, sem tê-los procurado, que chegam até nós através de uma convivência com uma sociedade, com uma cultura, com os meios de comunicação, de maneira acidental ou ocasional. Não tivemos nenhuma proposta ou intenção de possuir tais conhecimentos. A informação recebida numa conversa entre amigos, ou administrada através de uma palestra passam a constituir um conhecimento para nós, cuja veracidade não procuramos.

Esse conhecimento é qualitativamente *doxa*, "opinião". Tem a validade outorgada por alguém que a proferiu, alguém que a escreveu, algo que a manifestou, mas não nasceu de uma reflexão profunda, de uma busca de fontes, da autoridade ou competência da investigação feita por nós.

Toda cultura tem suas alienações e preconceitos. Nesta que hoje nos cabe viver, aceitam-se como verdades irrefutáveis inúmeras *doxas* que não resistiriam à mínima reflexão.

Há, porém, uma outra qualidade de conhecimento que se adquire só e unicamente quando se o procura segundo determinadas vias metodológicas, aplicando determinadas "funções mentais" à pesquisa, com garantias de veracidade. A esse saber Platão dá o nome de *episteme*, "ciência".

A reflexão nos conduz da *doxa* à *episteme*, mas nem toda reflexão é necessariamente *episteme*.

PAPEL QUE DEVERIA TER A FILOSOFIA NO SÉCULO XX

Tem-se falado demasiadamente sobre a crise política, econômica, de valores, existencial e religiosa do século XX. Isto é irrefutável, e não merece de nossa parte maiores comentários. Uma extensa bibliografia — e disto não nos podemos orgulhar — ocupa as bibliotecas e livrarias de qualquer cidade. O que não encontramos, porém, com a mesma proliferação, é uma terapia lógica e acessível, e por que não dizer, eficaz, ainda que demorada, para os males deste doente século, que já tem feito radiografias, análises de todas as espécies, fotometrias, passando por toda a gama de médicos clínicos, especialistas, doutores e professores, e aguarda desconsoladamente na maca da U.T.I. algum herói que talvez, sem tantos títulos ou doutorados, ou técnicas ribombantes de diagnóstico, arregace as mangas e tente honestamente ou extirpar um órgão, ou acrescentar outro, ou simplesmente limpar os mil e um curativos que até agora não passaram de paliativos e perda de tempo, falta de misericórdia e de piedade para com o sofrimento.

No começo destas linhas dissemos que a Filosofia

acompanhou o homem desde as origens dos tempos, e a simples lógica nos indica que sua constante presença tem sido não só uma necessidade, mas um estímulo para este peregrino.

Ela deu ao homem de outrora a compreensão de seu papel dentro do universo, o significado de cada presença e cada ausência, a dimensão e o justo valor das coisas, dos pensamentos e sentimentos. Incitou-o à não-acomodação, à busca de realizações mais nobres e justas, alimentou sonhos de perfeição, dimensionando a própria natureza eterna do homem. Reconquistando a nossa humildade perdida e retornando às linhas mestras da rica experiência humana destes quase 7.000 anos de história conhecida, e invocando a razão, a lógica, a clareza de pensamento, o silêncio, talvez encontremos a trilha deixada por nossos antepassados a partir da qual poderemos abrir a estrada de um futuro mais sadio e reconfortante.

Uma das exigências básicas do filosofar é a coerência, o ser coerente em ato e pensamento, isto é, que todo e qualquer ato tenha sua autoridade e raiz no próprio pensamento. Da mesma forma que não aceitamos uma abóbora quando plantamos um pinheiro não é admissível que os atos resultem em frutos contraditórios à sua semente-pensamento.

Vivemos numa sociedade na qual as funções que se assumem ou que se escolhem não são exercidas nas suas propostas originais. Parece que o inter-relacionamento dessas funções, em vez de enriquecer e garantir uma perspectiva universal, tem misturado suas finalidades, empobrecendo todas em grau tão agudo, que se torna difícil identificá-las.

Na natureza e no próprio homem vemos que cada parte harmonizada sempre com o todo, permite, ante sua fiel participação um enriquecimento de todas as outras partes, que por sua vez harmonizam-se com um todo orgânico e universal.

A ordem é uma necessidade vital. A ordem define, isto é, coloca limites às coisas, entre si; portanto, a liberdade na área competente a cada coisa é um fato incontestável. Essa ordem e sua conseqüente liberdade ficam destruídas ou anuladas quando os limites pertinentes são ultrapassados ou ignorados.

Numa sociedade, as funções exercidas por cada indivíduo possibilitam, ante seu fiel cumprimento, a harmonia com os outros indivíduos, com a sociedade e consigo próprio. Quando, porém, as funções próprias não são exercidas, advém o caos, a ruptura da liberdade e, por decorrência, a anarquia.

Se a função do médico, se o compromisso e o juramento a que se propõe dentro da sociedade, é aliviar

a dor, prevenir doenças acima de todas as coisas, não é admissível que seu ato ou sua conduta contradigam os compromissos previamente assumidos.

Se um advogado ou um juiz têm, no exercício de sua profissão, o dever de preservar a justiça e fazer cumprir as leis vigentes, torna-se incompreensível que na prática ponham sua inteligência a serviço de uma ganância pessoal ou de um grupo, burlando essas mesmas leis, às quais juramentaram velar e defender.

Por que não falar, também, do educador, do professor, cuja missão não é só transmitir um conhecimento, mas despertar nos educandos os interesses e qualidades naturais, orientando seu caráter, sua vontade, sua imaginação para um mundo de realizações que mais tarde serão efetivadas ou não, por cada um deles, segundo suas próprias tendências? Sabemos que hoje um dos negócios mais lucrativos é justamente o da educação, relegada a uma troca de informações impessoais, sempre que exista um pagamento prévio!

Acreditamos desnecessário dar mais exemplos, pois é evidente o desligamento entre o exercício da função de cada profissão e o objetivo exigido pela mesma.

Não acreditamos que seja preciso uma reformulação dos objetivos, mas sim um ajustamento, um "re-ligar" a ação com a idéia, o exercício com a função. Nisto é que a filosofia pode e deve cumprir um papel de vitalíssima importância em nossos dias, conscientizando cada um dos indivíduos, exortando-os a um aprimoramento naquilo que lhes compete na participação ativa, dentro de um todo harmônico chamado sociedade.

Não adianta tomar esta última como bode expiatório das debilidades e fraquezas particulares. Não é ela a causa de nossa cobiça, de nossa ambição e nossa violência, mas, pelo contrário, é a nossa irreflexão, incoerência, inconstância e egoísmo, o que nos faz esquecer as idéias que nos temos proposto a exercer quando assumimos o papel que desenvolvemos na atual sociedade.

A fidelidade a estes ideais, o sermos conseqüentes com os nossos objetivos, poderiam muito bem ser este valente herói que, debruçado no seu paciente "século XX", poria fim às suas angústias e desilusões, restabelecendo uma saúde que naturalmente já existia.

O futuro, portanto, depende de nós... de cada um de nós.

É óbvio que não vivemos para filosofar, mas devemos filosofar se queremos viver. Esta não é uma frase ou um simples trocadilho, é uma sentença lapidária de incontestável veracidade.

As últimas manifestações filosóficas do existencialismo europeu têm-nos dado a imagem de um mundo contingente, ao qual estamos subordinados, sem maiores opções que obedecer ou morrer. Grande parte das circunstâncias que se deparam ao homem durante a vida, não são criadas (estritamente falando) nem escolhidas por ele, mas passam a exigir dele uma resposta, afirmativa ou negativa, uma tomada de posição, uma participação ativa, um adentrar-se na própria situação.

Costumamos viver tais circunstâncias sem respiro, sem descanso, sem o intervalo necessário entre situação e situação, intervalo que nos permitiria preparar-nos para o embate seguinte. Sem estes intervalos, sem este "sair" da situação e contemplá-la como alheia a nós próprios, é impossível mensurar e avaliar objetivamente as condições que nos impõe determinada contingência, e as opções de nossa resposta a ela.

Do mesmo modo que se pode apreciar uma sonata pelos silêncios que existem entre as notas, para apreciarmos as próprias condições de nossa vida é mister refletir, pensar-se em si mesmo, medir-se perante a situação criada, sentir-se um "alguém" vivendo tal situação. Isto torna necessário um "sair" do mundo, como genialmente fala Ortega y Gasset, "dar as costas ao mundo e ensimesmar-se", submergir-se neste universo que somos nós e olhar, por trás da janela, esse mundo em volta, fora de nós. Ante a pergunta de quem vive o que está vivendo, perscrutar-se e encontrar-se num "sem tempo", "sem intencionalidade", "sem propósito".

Os múltiplos papéis que desenvolvemos no nosso cotidiano sobrepõem-se, misturam-se, carentes de prioridades e hierarquia. Por momentos, somos filhos, por outros, pais, professores ou engenheiros, fregueses às vezes, vendedores outras, oprimidos e opressores. Identificar em todos eles quem é o constante e sempre presente "eu", independente do papel executado, é ter a sadia margem que permite responder à vida a partir de si, e não a partir da situação ou contingência criada. Qualificar-se individualmente, descobrindo os dotes naturais e aqueles que conseguimos desabrochar, exigir-nos a perseverança ante um propósito é agir a partir de si, é individuali-

zar-se, é sentir-se único e irreproduzível, original, exclusivo.

É justamente pelos momentos de reclusão em nós, de observação, a partir de nós, para o que nos é externo, que conseguimos encontrar o significado e o valor da nossa participação na vida. Sendo esta um rio inesgotável, o submergir nela sem a resistência natural com que uma barca enfrenta a tormenta significaria desintegrar-nos numa massificação, onde o conteúdo próprio seria absorvido no turbilhão do movimento. Cada indivíduo deve preencher sua existência com o conteúdo particular de si mesmo, com o brilho peculiar de suas buscas, com o som de seu próprio canto incessantemente recriado.

Quando as coisas transcendentais ocupam nossas perguntas, quando as causas vitais e primeiras batem à porta das nossas buscas e, a partir das profundas ou magras respostas que conseguimos dar à esta, respondemos aos apelos do mundo, transcendentalizamos esse mundo, humanizamo-lo, projetamos fora o que temos descoberto dentro, e, por que não dizer, divinizamos esse fora a partir de nós mesmos.

A Filosofia nos permite agir; quando carecemos dela, apenas nos movimentamos. A diferença é que no primeiro caso existe uma direção, nascida da entranha da ponderação, da discriminação entre as múltiplas possibilidades que temos ao nosso dispor. Esta mesma direção preanuncia um porto, um ponto de chegada, um alvo do qual partiremos com miras a outro porto, alinhavando nossos atos numa seqüência coerente com nossos propósitos.

CONCLUSÃO

Pelo que temos dito, a Filosofia não é o cume da estrada, e sim o mais próximo dela. Seu valor é de instrumento, que nos permite aguçar nossos sentidos, endireitar nossos passos, robustecer a lealdade aos princípios universais e eternos, convidando-nos a integrar um coro de solenes hinos em glorificação à vida, ao belo, ao bom, ao justo.

No ato filosófico deve estar presente a coragem, coragem de antepor os próprios princípios às atraentes sereias dos comodismos e ambições; sendo um dos mais freqüentes comodismos a omissão ante o erro, ou a marcação do erro sem dispor-se a participar do acerto. A crítica sistemática que impera em nossos dias está saturada disto. Mexe e remexe-se a sociedade contemporânea sob poderosas lentes de aumento, de onde passivamente contemplam, na cô-

moda poltrona de sua inércia, os intelectuais modernos.

Enchem-se as prateleiras de nossas bibliotecas com pesados volumes de tratados filosóficos, folheados por nossos jovens, onde aprendem um ou outro neologismo, sem nada compreenderem. Mas, oh! paradoxo: não temos filósofos!

A filosofia é uma ciência e uma arte que exige tudo do indivíduo, não apenas o intelecto. Talvez este tenha sido o motivo pelo qual Sócrates negou-se a escrever, alegando que a filosofia é ato e não livro.



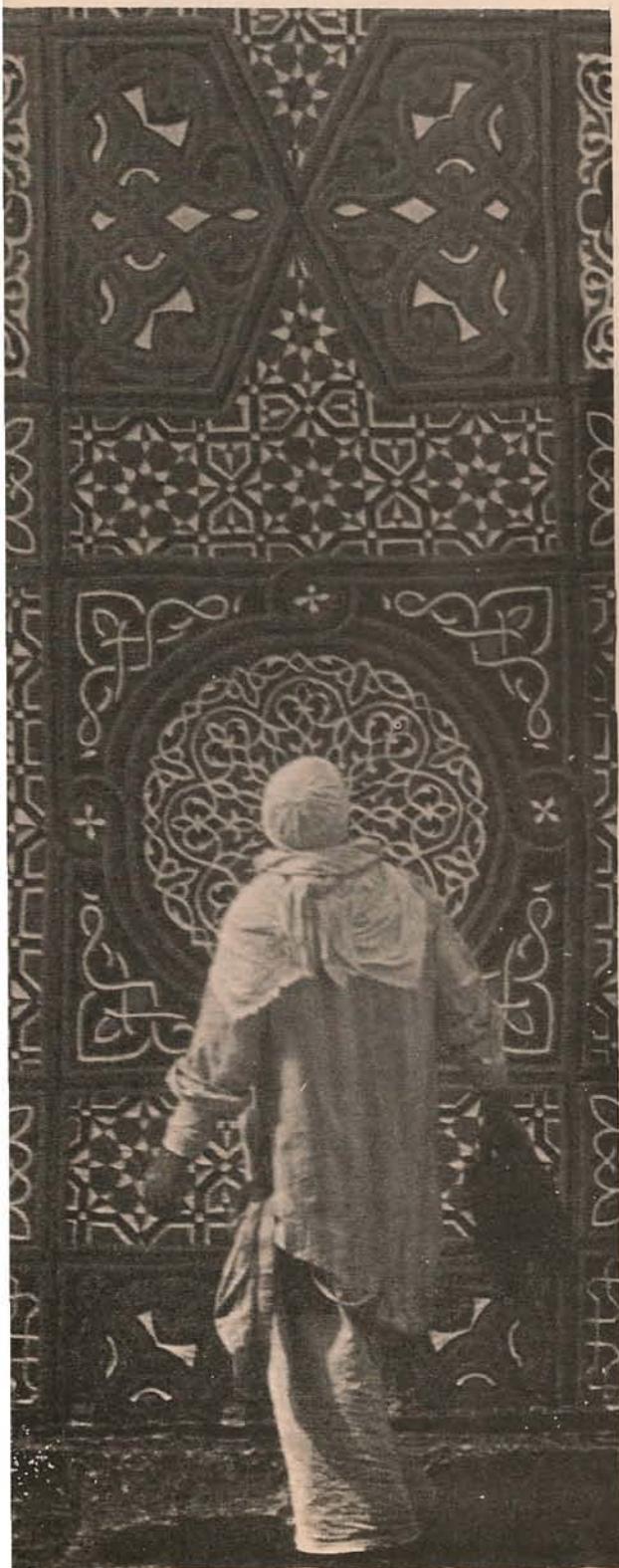
O Centro de Estudos Filosóficos (SP) da Associação Palas Athena do Brasil comunica a abertura das próximas turmas do curso "Introdução ao Pensamento Filosófico", com duração de 22 aulas, a serem ministradas uma vez por semana, cujo programa consta das seguintes disciplinas:

Ética do Oriente e Ocidente
Filosofia da História
Socio-política

Agosto: dia 09, aulas às terças-feiras, das 19:30 h. às 22:30 h.

Setembro: dia 10, aulas aos sábados, das 14:30 h. às 17:30 h.

Sufismo: Uma Ciência Espiritual



Deveria ser claramente entendido que existem dois tipos de felicidade, um tipo derivado dos prazeres sensuais, que pode originar-se pela percepção de um objeto encantador, um som cativante, um odor atraente, um paladar delicioso e um emocionante prazer físico. Permanece o fato de que todas as experiências obtidas através dos sentidos são miseráveis. O outro tipo de felicidade é a liberação espiritual, que é obtida através da meditação. Uma compreensão puramente intelectual da vida divina não é possível, pois ela não está dentro do alcance da mera lógica. A vida espiritual nunca deve ser encarada como uma austeridade, uma forma de autotortura, algo severo e doloroso. Mas, ao contrário, vida espiritual expressa-se em satisfação, paz, paciência, bondade, virtude, gentileza e reverência por tudo.

A finalidade do Sufismo é ganhar autocohecimento através da percepção direta. Sufismo é praticamente ciência da vida, que abre experiências diretas para o campo da *realidade absoluta*, bem como para os diferentes níveis de consciência espiritual. O método de meditação, segundo o Sufismo, aprimora o sistema nervoso de uma maneira suave, removendo, assim, todas as barreiras mentais, levando à consciência suprema. Liberdade espiritual não significa abster-se das responsabilidades da vida, mas, pelo contrário, mantém todos os aspectos da vida prática, enquanto que espontaneamente mantém a consciência meditativa como que separada da atividade. Desde que nossa mente é volúvel e instável, o Sufismo dá o método definitivo, a prática que a traz sob controle, e assim capacita-nos a cultivar e apreciar a serenidade da mente em uma consciência superior.

Muitas pessoas advogam o modo de vida material porque pensam que, através de prosperidade material, toda felicidade pode ser alcançada, mas de fato não é assim. Embora consigamos mais e mais conforto e prazer, ainda não estamos felizes ou livres. Pelo contrário, nossos problemas tendem a aumentar. O fato é simplesmente que, quando os anseios dos sentidos são continuamente satisfeitos, naturalmente a mente torna-se mais

pobre e perturbada. Além disso, o mecanismo mental é mais sedento, mais desejoso e voltado para satisfações sensuais. O outro extremo considera que vida espiritual significa romper com seu trabalho e responsabilidades, renunciando ao mundo e rejeitando encarar o que está acontecendo em suas vidas. De fato, o mundo não pode ser negado, uma vez que o relacionamento humano e as situações da vida reaparecem em diferentes formas onde quer que nos encontremos, e problemas não podem ser evitados por isolamento. Nós temos que aceitar a vida como ela é, um complexo de prazer e dor, bem e mal. O fato é que podemos aprender muito mais da dor que do prazer, pois, sem conflito, permaneceríamos como que adormecidos durante toda a vida. Sem ter um despertar espiritual, nenhuma experiência desagradável seria válida como ensinamento para obter sabedoria. Dessa forma, não é evitando o sofrimento, mas indo direto a ele e trabalhando nele que descobrimos algo muito importante na vida.

O Sufismo dá ênfase à importância da purificação mental, porque é a mente confusa que impede a beleza do conhecimento intuitivo. Desordens mentais estão intimamente ligadas com distúrbios emocionais, que obscurecem a inteligência criativa. Medo, ansiedade, culpa, inveja, dor e orgulho de qualquer tipo, são barreiras mentais e emocionais que têm de ser eliminadas do complexo humano através da autodisciplina. É essencial estar atento à nossa natureza espiritual; nós devemos ter capacidade de superar, sem nos identificarmos com o processo mental ou emocional, e a concentração constante na supraconsciência é a meditação. O verdadeiro objetivo da liberação espiritual consiste em viver num plano divino, elevado, onde ninguém é influenciado pelos desejos, nem cria novos desejos como resultado do pensamento ou da ação. Não ser influenciado significa que ninguém é afetado interiormente por impressões passadas. Iluminação não significa apenas domínio ou total compreensão da vida, mas também uma vida com a percepção da consciência pura, embora envolvida com uma atividade mental.

Progredir em direção à vida espiritual não significa ser egoísta ou segregar-se da sociedade, mas sim abolir a confusão e trazer clareza à mente; enquanto isto não ocorrer dentro das pessoas, não será possível trazer uma nova ordem à sociedade. Sem primeiro nos reformarmos, é impossível mudar radicalmente a sociedade, pois a desor-

**VIDA ESPIRITUAL SIGNIFICA UM
SIMPLES, FÁCIL E DESCONTRAÍDO
MÉTODO DE VIDA,
COM UM SENSO PRÓPRIO DE
VALORES, SEM DAR INDEVIDA
IMPORTÂNCIA ÀS ATIVIDADES
MUNDANAS.
AS MELHORES E MAIS
HARMONIOSAS RELAÇÕES ESTÃO
BASEADAS NA NÃO VINCULAÇÃO
EMOCIONAL, OU SEJA,
QUANDO NÓS NÃO NECESSITAMOS
DE OUTRAS PESSOAS PARA
NOSSA FELICIDADE.**

dem e o caos no mundo não são outra coisa senão o reflexo do caos em cada um de nós. Manter-se em silêncio não é coisa fácil; uma grande paciência e perseverança são necessárias, uma vez que em geral, nem mesmo observamos o fluxo de pensamentos atravessando a mente. Na meditação, particularmente nos primeiros estágios, não é que surjam mais pensamentos, mas nós nos tornamos mais conscientes deles. Tudo que está oculto vem à superfície, e esta é a melhor hora para lidar com eles e acalmar a mente pela prática da concentração. Quando olhamos para a causa e origem de nossos pensamentos, estes cessam e dissolvem-se.

Vida espiritual significa um simples, fácil e descontraído método de vida, com um senso próprio de valores, sem dar indevida importância às atividades mundanas. As melhores e mais harmoniosas relações estão baseadas na não vinculação emocional, ou seja, quando nós não necessitamos de outras pessoas para nossa felicidade ou apoio. Somente sozinhos estaremos livres das necessidades do eu. Nesse estado não carregamos nada conosco, nem passado nem futuro, esse é o estado da liberdade, vinda da experiência e da não-experiência. Além disso, nesse estado vivemos nossa vida plenamente, apreciando tudo a todo momento.

O Sufismo não é um conjunto de códigos ou doutrinas, mas um modo de vida do começo ao fim, uma consequência da experiência espiritual. O Sufismo é um modo prático de vida, que evita os extremos da auto-indulgência e ascetismo, levando a uma percepção do centro divino. O Sufismo declara que o destino do homem é a percepção divina, e que a liberação espiritual é alcançada indo além da mente para o interior da

imensurável luz da divindade. De acordo com o Sufismo, a melhor forma de oração é permanecer numa paz perfeita, evitando a atividade mental; tão profunda calma interior irá finalmente tornar nosso ser imerso em Allah — o Onipresente. O Sufismo ensina a técnica de *fana*, que não significa somente apagar as impressões já existentes na mente do subconsciente, mas é também um método de se praticar a ação sem vínculos (emocionais), de maneira que não sejam acrescidas outras impressões. Uma vez que o método de prática das ações sem vínculos (emocionais) é aplicado, muitas das causas de doenças psicossomáticas desaparecem. Uma análise das causas das doenças revela que uma emoção reprimida é mais perigosa, e os distúrbios emocionais são consequência do conflito entre o consciente e subconsciente. Portanto, toda ação com vínculos emocionais produz uma impressão no subconsciente. É este fator psicológico que precisa ser removido através de uma vida de purificação.

Nossa vida é uma contradição; um desejo em oposição a outro, uma prazer atraindo-nos ora para um lado, ora para outro, tornando nossa vida contraditória e confusa. Nós não podemos nos separar do mundo, uma vez que estamos nele. Para mudar o mundo devemos mudar a nós mesmos, e para efetuar uma mudança ordeira devemos entender as causas da desordem que existe em nós. Devemos ter a capacidade de observar a causa da desordem com a liberdade interior, uma vez que muitos de nós, devido a várias circunstâncias, estamos excessivamente condicionados. A questão fundamental é descobrir se é de todo possível para a mente humana descondicionar-se, tornando-se assim livre.

O Sufismo afirma que é possível para a

mente humana libertar-se do condicionamento através da técnica da concentração mental, após a agitação mental ter sido aquietada, e a mente limpa de todas as impressões. *Fana* implica um estado de espírito que independe psicologicamente do exterior, e desvinculado emocionalmente de qualquer pessoa, o que não significa que não haja amor. Devemos compreender que o amor puro não tem vínculos; ele depende de uma mente não corrompida, livre do medo, do conflito. *Fana* é ser simplesmente cômico do que está acontecendo aqui e agora, e descobrir a capacidade de viver plenamente o presente, sem se importar com o passado ou o futuro.

O melhor modo de alcançar o estado de *fana* é seguindo o caminho da meditação com autoconhecimento. A beleza de *fana* surge com a morte do eu pessoal, do superficial. *Fana* não é um *nada*, mas um estado, uma realidade que surge quando todos os nossos falsos valores e desejos são reduzidos a nada. Manter nossa mente vazia é indispensável para que possamos receber e irradiar o que é espiritual. A maravilhosa capacidade de consciência divina entra em operação somente quando habitamos permanentemente no estado de *fana*, e, assim, espontaneamente nos tornamos um canal divino para refletir sabedoria, unidade e fraternidade universal. Em *fana* não apenas transcendemos a mente, mas também alcançamos a *consciência cósmica*, a benção da felicidade, guia divino para moldar nossa vida de tal modo que não mais nos desviemos do caminho espiritual. Quanto mais nos aprofundarmos na meditação, mais apreciaremos a beleza e a utilidade da vida espiritual. O divino contentamento, que interiormente sentimos quando estamos em meditação, é realmente uma secreta e sagrada experiência que sustenta e fortifica nossa vida divina.

Nossa vida é muito complexa, e para entender o estado de *fana* necessitamos observar intimamente a estrutura de nossa mente. Uma vez que estamos excessivamente condicionados, não estamos livres para entender a profundidade da mente; temos de descobrir como morrer psicologicamente ou interiormente, porque *fana* diz que devemos deixar o passado por completo. Devemos morrer para todos os nossos prazeres, para todas as memórias psicológicas acalentadas, para todas as coisas a que estamos apegados, de modo que nossa mente esteja sempre sã e pura na consciência meditativa. ●

PROGREDIR EM DIREÇÃO À VIDA
ESPIRITUAL NÃO SIGNIFICA SER
EGOÍSTA OU SEGREGAR-SE DA
SOCIEDADE, MAS SIM ABOLIR A
CONFUSÃO E TRAZER CLAREZA À
MENTE; ENQUANTO ISTO NÃO
OCORRER DENTRO DAS PESSOAS,
NÃO SERÁ POSSÍVEL UMA NOVA
ORDEM À SOCIEDADE.

Dr. K. M. P. Mohamed Cassim

Astrologia e História



Calendário Asteca:

*"em torno do céu corre a roda
que jamais se gasta, o ano".*

Escrevemos este trabalho com a esperança de ajudar a iluminar um pouco mais nossa compreensão sobre o momento histórico presente. Talvez pareça estranho que queiramos analisar este momento a partir de um ponto de vista astrológico, e não usando das ciências próprias: história e filosofia da história. Isso se deve, contudo, a uma falsa imagem que temos da astrologia, reforçada pelos horóscopos folhetinescos e os livros populares de baixa qualidade.

Pensemos que se tantos filósofos e pensadores do mundo tinham a astrologia na mais alta estima, é que viam nela um conhecimento ou uma essência que se nos escapa hoje. Até mesmo Kepler, um dos maiores astrônomos que a humanidade já teve, era um aficionado astrólogo.

A antiguidade tinha uma concepção bem particular a respeito do universo; encarava-se tudo quanto existe como um ser vivo. Esclareça-se que este "vivo" não implica numa "vida humana", mas sim que tudo, por ser manifestação de uma entidade superior, necessariamente tem que ter alguma forma de "vida", que se reflete em suas diferentes energias.

As concepções que temos de vida e morte são de maneira geral concepções nascidas de um condicionamento intelectual e não de uma análise introspectiva da realidade dos seres. Se desde cedo nos ensinarem a dividir o mundo em coisas vivas e mortas, cresceremos fazendo esta distinção. Essa divisão, aliás, é efêmera, pois quem pode classificar algo de vivo ou morto se não sabe o que é a vida e o que é a morte? Insistimos no ponto em que as pessoas chamam de vida ao que se parece mais ou menos com o ser humano. E às vezes nem isso, pois os negros africanos e os índios americanos foram considerados, por bom tempo, como animais, e não seres humanos.

Tudo era encarado, por nossos antepassados, como uma manifestação viva, apenas com diferentes apresentações exteriores. É óbvio que a vida numa pedra é de um tipo diferente da vida humana; mas se ambas foram criadas ou emanadas de um mesmo Ser, Uno, também necessariamente tudo tem de ter um aspecto semelhante, Uno.

No ser humano, por exemplo, seu sentimento de que é "uma" pessoa, de que é "um" indivíduo,

de que é "um" ser, é apenas uma ilusão psicológica e mental. O ser humano, em seu aspecto físico, é um agrupamento de milhões de outros seres vivos, chamados células, que possuem uma relativa independência em relação ao ente que as utiliza para manifestar-se (a alma humana). Quando perco a consciência (e por isso deixo, naquele momento, de existir), estas células continuam seu trabalho e sua vida, independente de nossa existência naquele instante ou não.

Embora, no corpo humano, cada uma destas células seja parte independente, possuem, em seu conjunto, um influência mútua. Assim, se meu pé estiver mal, todo o corpo sofre por causa disso; se meu coração parar, tudo morre; se eu ficar com tensões constantes (aspecto emotivo), provooco, por exemplo, uma gastrite (aspecto físico). Para avaliar uma parte deste corpo, necessito conhecer todo ele, inclusive seus planos sutis, como a emoção e o pensamento. Embora cada célula conforme um ser, todos conformam uma unidade essencial.

Diziam os antigos que como foi o mesmo Ser ou Deus que deu origem a todo o universo, tudo estaria regido por uma LEI, que seria igual tanto para um conjunto de galáxias como para um homem, uma célula, um grão de areia ou um átomo.

Reparemos nas semelhanças que existem entre um átomo, com seu núcleo, os elétrons na periferia, um contorno energético e uma célula (núcleo, citoplasma, membrana); no homem (cérebro, corpo e revestimento exterior-pele); na Terra (núcleo, manto, crosta); no sistema solar (Sol, planetas e um "aro" energético), e assim em todos os componentes, grandes ou pequenos, deste universo. Todos seguem, cada um em seu nível, a mesma LEI universal. Isso já era descrito na antiga "Tábua de Esmeraldas" egípcia, que dizia que "o que está embaixo é como o que está em cima, e o que está em cima, é como o que está embaixo".

Todos os seres eram considerados como vivos e como componentes de um único organismo, um único corpo chamado Universo, componentes do "Corpo de *Brahman*", segundo os hindús. Podemos dizer, então, que cada componente deste universo exerce uma influência sobre os demais, como exercem entre si as diversas partes do corpo humano.

Essa influência tem um de seus aspectos facilmente mensurável hoje em dia: o aspecto físico. Para compreendermos, por exemplo, o porquê da órbita terrestre ser ligeiramente elíptica, e não perfeitamente esférica, temos de estudar as influências gravitacionais de todos os outros componentes do sistema. Sabemos, observando a órbita de Plutão, que

necessariamente deve existir outro planeta após este, embora nunca se registrou o fato de alguém o ter visto.

Mas esses mesmos antepassados, que não eram tão tolos quanto querem hoje fazer-nos crer, iam ainda além em seus trabalhos.

Observemos uma estátua, por exemplo. Antes dessa estátua existir na matéria, teve de ser criada em outro plano mais sutil: a mente do artista. Se entrarmos numa sala e virmos que nela todas as coisas estão arrumadas, em ordem, deduzimos que alguém fez isto, pois a matéria, por si só, seria caótica. Tudo o que existe manifestado depende da existência prévia de algo mais sutil, mais elevado. Se o homem existe, é porque antes de sua existência física já existia uma alma que queria encarnar. A inteligência não nasce da matéria, mas desce até esta para a organizar. É de Teos com Caos que nasce o Cosmos, segundo os gregos, e não o contrário.

Todo ser vivo tem uma essência que justamente faz com que ele exista e justifique sua existência. No caso do homem sua essência é a alma, mas e no resto do universo? Se tudo tem vida, tudo terá uma essência que pode ser mais ou menos evoluída que a essência humana.

Assim poderemos começar a compreender a astrologia. Os astros são seres vivos que também possuem uma essência. Todos os povos antigos, quando adoravam o Sol, por exemplo, não adoravam o "Sol" físico, mas sim o espírito que existe no Sol. Toda alma necessita de um corpo para poder manifestar-se no universo; o Sol ou um planeta, como vemos, é o corpo físico de uma alma. Segundo a idéia de Platão, sendo estes corpos imensos e perfeitos, tão matematicamente regidos que ficam por séculos em sua órbita, sem desvios, é sinal que suas almas são almas superiores às nossas.

Como todo corpo tem correspondência, também os astros influenciam-se em todos aspectos. Da mesma forma que entre pessoas, a proximidade de duas delas pode trazer simpatia, confiança, ou então sensações desagradáveis, etc., da mesma forma ocorre entre os astros.

Pensemos que um micróbio, comodamente instalado numa parte qualquer do organismo, não pode ter a mínima idéia de que está habitando num corpo que tem uma alma. Não sejamos os "micróbios" da Terra ou da Via Láctea...

Esse micróbio, dentro de sua "sociedade", vai sentir os efeitos do que acontece em todo o corpo, na mente da pessoa em que se aloja, e até mesmo vão refletir-se nele os efeitos das relações sociais que essa pessoa tiver. Da mesma forma serão refletidos

EM TODAS AS CIVILIZAÇÕES
FALA-SE DE UM PASSADO GLORIOSO
E JÁ DISTANTE NAS BRUMAS
DO TEMPO.

A IMAGEM DE UM PARAÍSO PERDIDO
ESTÁ ENRAIZADA NO PRÓPRIO
INCONSCIENTE DA HUMANIDADE.

em nós, na nossa sociedade, na história, toda a movimentação e influência dos diversos corpos e seres do sistema solar.

Mas, será o destino humano traçado pelos astros?

Depende do ser humano. Todos sofremos constantes influências astrológicas, sociais, etc., mas existe no homem a capacidade de superar estas influências, de aproveitar-se da melhor forma delas, ou de sucumbir frente a elas. Depende da vontade e força de cada homem, de cada cultura. São Tomás de Aquino dizia que "o sábio governa sobre sua estrela, o ignorante deixa-se dominar por ela". Dominar a estrela é aproveitar as boas características e potencializá-las ao máximo, é ter consciência das mesmas para dominá-las.

Quando um Platão falava dos astros, não era por ignorância, mas por ter um conhecimento do qual não fazemos a menor idéia. A astrologia, em seu verdadeiro sentido, sempre foi considerada uma das ciências mais elevadas, à qual somente os sábios e sacerdotes tinham acesso, pois sabiam que, caso caísse em mãos ignorantes, acabaria em "horóscopos populares".

Para compreendermos um pouco melhor a influência mútua que existe no universo, precisamos observar mais uma vez o livro de Deus: a natureza.

O CÍCLICO ESTÁ PRESENTE
EM TUDO QUANTO
HUMANAMENTE
POSSAMOS CONCEBER.

De diversas maneiras, através da história, o homem expressou uma das maiores verdades: tudo é cíclico. Parece algo simples, mas sua compreensão, pela alma, é difícil.

Tudo nasce, cresce e morre, tornando a nascer, depois do dia vem a noite, e vice-versa; temos as quatro estações periódicas, a órbita terrestre é periódica, etc. Interiormente, sabemos que temos períodos de felicidade e de tristeza, e que ambos passam, um seguindo-se ao outro. Todo ser humano passa pelas mesmas fases: infância, adolescência, maturidade e velhice.

Dissemos que é difícil o homem compreender esta verdade pois, quando vem um instante de felicidade, apega-se a este, e por isso sofre quando este momento termina, porque julgou que fosse eterno. Quando ocorre um momento de tristeza ou de infortúnio, também sofre, pois não houve a conscientização que este momento também se esvaírá.

O homem tem a tendência de considerar eterno o momento em que vive, não imaginando que a continuação da noite não é uma noite ainda mais escura, e sim o dia; e que a continuação dos dias não é um sol mais forte, mas sim a noite, para depois surgir novamente o dia.

As concepções de nosso momento histórico também são projetadas, desta forma podemos dizer que um cidadão romano imaginava o futuro como todo mundo sendo cidadão romano; o católico medieval imagina seu futuro como uma época em que reinaria a paz do Senhor, junto à Igreja Católica. Cometemos o mesmo erro, pois idealizamos um futuro como o descrito no livro "1984" ou algo onde tudo será computadorizado, onde a felicidade humana e a sociedade mecânica viverão lado a lado na eterna "felicidade" do ócio.

Não sejamos ingênuos. Também nossa cultura, da qual tanto orgulho às vezes temos, será no futuro, um conjunto de ruínas ou até mesmo uma simples lenda, como foram Tróia, Micenas, e como é a Atlântida.

Esta periodicidade, onde tudo é cíclico e repete-se ritmicamente, é algo que está em toda a natureza, inclusive no macro-cosmos, no sistema solar. Todos os planetas têm movimentos cíclicos, que repetem continuamente, e que se refletem em ciclos pessoais e históricos para o homem.

Platão nos fala que a humanidade é cíclica, sendo um ciclo completo formado por quatro idades distintas:

- Idade de Ouro: começo de um ciclo positivo.
- Idade de Prata: início da queda.
- Idade de Cobre (ou Bronze): final do brilho.
- Idade de Ferro: decadência total, onde não há brilho algum.

As três primeiras idades são bem mais aceitáveis que a quarta, de Ferro, na qual diz Platão que vivemos. Naturalmente, como conhecemos apenas a Idade de Ferro, não fazemos a menor idéia de como devem ser as outras três idades, e muitos até duvidam da existência das mesmas, tentando localizá-las em períodos históricos recentes. Baseados, porém, na filosofia e no pensamento de Platão, podemos afirmar que o brilho que decaiu é o brilho espiritual, do conhecimento, da filosofia, da felicidade.

Estes ciclos históricos encontram um correspondente em outras civilizações, como por exemplo a hindú. Dizem eles que "um dia e uma noite de *Brahman*" equivalem a dois mil *Mahayugas* (de *Maha* - grande, e *yuga* - era). Cada *Mahayuga* está, por sua vez, dividido em quatro partes, a saber:

- a) *Krita Yuga*: com 1.728.000 anos de duração. "Reina a Verdade e mantém-se firme a Justiça" (Leis de Manu).
- b) *Treta Yuga*: com 1.296.000 anos de duração.
- c) *Dwâpara Yuga*: com 864.000 anos de duração.
- d) *Kali Yuga*: com 432.000 anos de duração. Significa "Idade Negra", "idade da discórdia e do mal", que segundo as mesmas fontes teria tido início com a morte de Krishna, em 3.000 a.C. aproximadamente.

Poderíamos ainda agregar o conceito das "4 humanidades", dos "4 sóis" e dos "4 mundos", que existiam entre os povos pré-colombianos, mas o que está acima já permite visualizar uma concepção cíclica da história.

Estamos, pois, astrologicamente, numa era difícil, num deserto espiritual, onde o nascimento de uma flor é difícil, pois as areias quentes tentam sufofocar sua semente.

Não podemos mudar os fatos em si, podemos, isso sim, canalizá-los da melhor forma possível, preparando-nos para uma futura Idade de Ouro, que inexoravelmente virá. Lembremo-nos, contudo, que a semente deve ser colocada antes da época da colheita, e que o momento de plantá-la é agora.

Não nos esqueçamos que todas as influências astrológicas estão inseridas dentro do contexto da Idade de Ferro ou *Kali Yuga*. Tais influências são dadas pela combinação dos efeitos dos planetas e dos signos zodiacais, da maneira como tentaremos explicar.

Planeta é todo corpo celeste que influi sobre a Terra. O Sol e a Lua são, pois, planetas. Como estamos estudando a influência planetária sobre a Terra, representa-se o sistema solar de forma geocêntrica, e não heliocêntrica. Vendo-se a posição conjugada dos planetas e dos signos podemos avaliar a situação de uma sociedade ou de um indivíduo.

Se todos os seres fossem iguais, a influência seria exatamente idêntica em todos. Temos, porém, particularidades, e assim cada ser humano é sensível a um determinado signo e planeta. O mesmo ocorre com as nações e os povos, e temos que cada uma delas, ou grupo delas "responde" de forma mais efetiva a certo planeta, signo, ou grupo de planetas e signos.

Os últimos planetas regem algumas importantes nações de hoje:

URANO: determina engrandecimentos rápidos, crescimento, força. Domina as invenções, experimentações, inovações. Está sempre relacionado ao aspecto "revolução", mudança, aventura, e seus ciclos influenciam estes aspectos. É o planeta que rege, ou que influi com maior força, por uma questão de "simpatia", com os EUA, com sua particular maneira de conceber o humanismo, seu sentido de riqueza (para o bem ou para o mal), viagens espaciais, etc. Seu símbolo é dado pela figura:



que indica o espírito criativo



sendo dirigido pela materialidade



que na figura transformou-se em



NETUNO: está intimamente ligado à idéia de coletivismo e seus ciclos influem marcadamente na União Soviética, que tem uma forma particular de encarar o coletivismo. A influência de Netuno é conjugada, como vimos, com a Idade de Ferro, o que faz com que este coletivismo seja em termos materiais.

PLUTÃO: é o planeta mais obscuro, relacionado ao sub-mundo, ao que está escondido, e geralmente influi mais na China, embora sua influência seja forte em toda a humanidade, na época atual. Adiante voltaremos a nos referir a ele.

Devemos ressaltar o fato de que a influência desses planetas é sempre extrema, forte, jamais admitindo um meio termo.

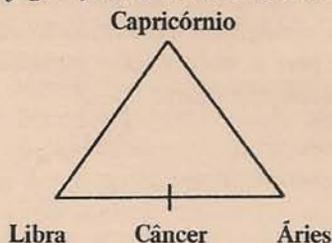
Estes três planetas são os que na atualidade mais influenciam a humanidade. Seus efeitos, porém, são combinados com o de outros elementos do cosmos, entre os quais os signos e o ascendente do equinócio da primavera.

Os signos são casas imaginárias, situados numa faixa circular de 8,5° de cada lado da eclíptica (plano formado pelo equador solar). São doze ao todo, em cada um dos quais acha-se uma constelação que recebeu um nome de acordo com a influência que exerce. Noteemos que entre os povos da antiguidade costumavam-se atribuir aos elementos do cosmos, especialmente aos planetas, os mesmos significados, independente do nome atribuídos a eles.

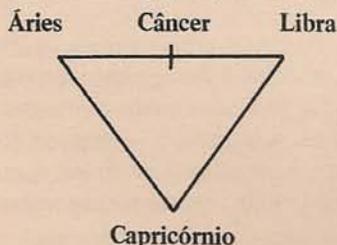
Temos ao todo doze signos: Áries, Touro, Gêmeos, Câncer, Leão, Virgem, Libra, Escorpião, Sagitário, Capricórnio, Aquário e Peixes.

Os signos agrupam-se em pares, sendo um oposto ao outro; temos, pois, como pares Áries/Libra, Touro/Escorpião, Gêmeos/Sagitário, etc. Dois destes pares, entretanto, são os que marcam de forma acentuada a evolução da civilização: Capricórnio/Câncer e Libra/Áries. Tratemos de ver como isso influi no processo histórico.

Constatamos que o auge de uma civilização ocorre quando o mapa astrológico da mesma registra Capricórnio em cima, com maior influência, Câncer abaixo, subjugado, Áries no Oriente e Libra no Ocidente.



Quando a civilização, entretanto, está no processo de decadência e desintegração, temos o triângulo invertido:



Vejamos como a combinação destes signos influencia a história da humanidade, com suas diversas sociedades.

O primeiro signo é Capricórnio, que tem, em termos absolutos, as seguintes características:

- 1) Estabilidade, unidade.
- 2) Vontade cósmica que atua sobre a matéria de um modo organizador e criativo.
- 3) Caráter austero, severo, ponderado, prudente.
- 4) Poderosa inteligência, grande senso de observação e análise, capacidade filosófica.
- 5) Grande tenacidade para enfrentar e plasmar ideais.
- 6) Grandes ambições em seus planos.
- 7) Amor à verdade, justiça e retidão.

Câncer, a oposição a Capricórnio, caracteriza-se pelos seguintes aspectos, dentro de um plano histórico:

- 1) Instabilidade, multiplicidade.
- 2) Características passivas.
- 3) Forte psiquismo.
- 4) Sonhos intensos, fantasias, sem capacidade de concretização.
- 5) Falta de coragem para lutas arriscadas.
- 6) Fácil apego à superstições e preconceitos.

Libra, sendo um signo dual, apresenta características aparentemente contraditórias, que se manifestarão de acordo com a posição que o mesmo ocupar.

- 1) Instintos animais, forte psiquismo, com relações lunares.
- 2) Concepção artística elevada.
- 3) Amor à justiça, paz e equilíbrio.

Áries:

- 1) Impetuosidade, caráter forte, atrevido, força.
- 2) É o carneiro da mitologia grega que "tira as trevas, passada a noite, e permite a saída do Sol".
- 3) Tem ideais de grandes realizações.
- 4) Auto-confiança.
- 5) Desprezo pela hipocrisia e demonstrações de falso pietismo e falsa caridade.
- 6) Relacionado ao planeta Marte, o deus guerreiro.

São estes, em termos absolutos, os valores dos signos que regem o crescimento e decadência das civilizações. A influência, contudo, é dada pela posição relativa dos mesmos signos.

Na ascensão de uma civilização, temos Capricórnio em seu zênite. É a época gloriosa, onde temos um direcionamento de toda a sociedade para um ponto mais elevado. Capricórnio rege sozinho toda a base e isso mostra que existe um "eixo" centralizador que evita a dispersão e desagregação sociais.

A evolução social faz-se em termos qualitativos e quantitativos; a sociedade é forte para enfrentar seus problemas internos e externos, jamais dividindo-se interiormente pois existe amor à verdade, e não interesses egoístas. Existe o caráter austero, a reflexão filosófica, a razão dominando a matéria.

Áries no Oriente, onde o Sol nasce, mostra um caráter ígneo, viril, confiante, que enfrenta a guerra de forma decidida, forte, resoluto, pois sabe qual o caminho que deve seguir. Libra subjuga seus instintos animais, sua psique oscilante para desenvolver a cultura e a arte nas suas mais altas concepções.

Câncer está subjugado, a instabilidade não existe pois há um eixo; o direcionamento superior de Capricórnio, refletido na figura dos verdadeiros líderes políticos e religiosos. Sua passividade é superada pela forte ação guerreira de Marte, o deus grego. A superstição e o preconceito, sejam em nível religioso, político ou científico, dão lugar à busca da verdade.

Mas não podemos esquecer que tudo é cíclico, que tudo passa. Temos agora outro aspecto, em que Capricórnio está subjugado, Libra no Oriente, no nascer do Sol; Áries no Ocidente (pôr do Sol) e Câncer dominado.

A partir deste momento temos uma inversão radical de valores. A mudança é total e de efeitos bem definidos.

O primeiro que se nota nesta época é que não existem líderes ou pessoas mais evoluídas, simbolizadas por Capricórnio, que possam orientar o ser humano. O homem necessita ser orientado por pessoas ou líderes maiores, como um Cristo ou um Alexandre, o Grande. Mas chega-se ao ponto de até mesmo negar-se a existência de seres mais evoluídos. Do Cristo, fala-se mais em Cristo-Homem que em Cristo-Deus, e quem pode nos assegurar que Cristo era um homem, na concepção da palavra? Na impossibilidade de alçar-se às alturas espirituais, o homem tenta rebaixar os grandes mestres, atribuindo-lhes a êsmo aspectos negativos. Diz-se que Beethoven era histérico, mas qual o histérico de hoje que compõe uma 9a. Sinfonia?

Falta um eixo, um direcionamento harmônico de toda a sociedade. Se nós conseguimos viver, individualmente, é porque temos um corpo que possui um cérebro e faz com que todas as partes trabalhem em harmonia, visando o bem comum, e sem exploração, cada uma fazendo a função para a qual a natureza a dotou.

É necessário esse elemento organizador, que infelizmente não existe. A falta de um ideal comum, harmonizador, faz com que aumente dia a dia a fragmentação social.

Num corpo humano seria ridículo que uma parte exigisse tudo o que fosse possível, deixando o resto à sorte. Todos, no final, sofreriam, e seguramente não se pode chamar tal medida de inteligente.

Essa divisão social, contudo, existe: classes, profissões, brancos, negros, ricos, pobres, etc. É um salve-se quem puder onde cada grupo tenta assegurar o máximo para si, independentemente se prejudica ou não o irmão que está ao lado.

Ao invés de lutar-se por uma comunhão mais forte entre todos, fruto de amor altruísta, temos o sentimento de separatividade e pseudo-independência cada vez mais aguçados. Não se pensa no bem coletivo, mas apenas no particular.

Esse é apenas um exemplo da instabilidade provocada por Câncer. Vemos também que enquanto Capricórnio prima pela qualidade, Câncer vai pela quantidade. Considera-se hoje que se uma verdade é apoiada por um sábio, e uma mentira por 100 ignorantes, a mentira passa a ter mais valor que a verdade. Um sapateiro, antigamente, procurava fazer um bom sapato, e era considerado pela qualidade deste; hoje a fama do artesão (ou do industrial) está mais na quantidade de produtos que na qualidade (algum já viu estatística de qualidade?).

SOB A INFLUÊNCIA DE CÂNCER A SOCIEDADE TORNA-SE PASSIVA, E O HOMEM SENTE ATRAVÉS DE EMOÇÕES ALHEIAS OFERECIDAS, SEM DISCRIMINAÇÃO ALGUMA, PELA TELEVISÃO, RÁDIO, CINEMA, IMPrensa E ATÉ PELO CONVÍVIO COM OUTRAS PESSOAS.

Câncer também dá uma característica passiva à sociedade. Existe, por exemplo, o problema da fome: mas, qual a resposta efetiva que cada membro da sociedade dá para resolvê-la? Vira-se as costas, eximindo-se da responsabilidade, passando para outro que tampouco tem possibilidades de resolvê-la, e por último ainda chama-se de "tola" e "ingênuo" figuras magníficas como Madre Teresa de Calcutá. No plano político, qual a resposta efetiva que uma ONU dá para as guerras que assolam os quatro cantos do mundo? Fala-se muito apenas; muitas teorias, muitos planos, muita especulação barata, mas nenhuma ação.

Esta passividade reflete-se também em outros aspectos: o mental e o emocional. O homem "vive" através das emoções alheias, através da televisão, rádio, cinema, novela, imprensa, etc. Não tem sua própria emoção, pois é passivo. Mentalmente ocorre o mesmo: o homem de hoje é sumamente influenciado pela propaganda, seja esta comercial ou ideológica. Se os jornais repetirem durante uma semana que o Sr. "X" seria um ótimo presidente, possivelmente o mesmo seja eleito, não por uma escolha consciente, mas por condicionamento. A verdadeira criatividade está tão distante que muitas correntes psicológicas afirmam que o homem é um ser totalmente condicionado... e por passividade aceita-se esta afirmativa. O comércio e as ideologias têm sua melhor arma na propaganda, pois neste período histórico ela é muito efetiva.

Enquanto Áries, que é a força, a luta, a coragem e a honra, passa ao ocaso, Libra desponta no Oriente, mas já não com suas virtudes de justiça e paz, e sim canalizando o aspecto lunar, instintivo.

Através desta influência são colocados em destaque os ideais animais. Os homens hoje vivem em função do estômago e do sexo: as conversas e os "ideais" visam alimentar-se cada vez mais e praticar sexo cada vez mais. Chamam isso de ser natural, mas um animal, que vive conforme a natureza, alimenta-se com o estritamente necessário para sobreviver e tem no sexo apenas o meio de procriação. Chama-se sexo livre de liberdade, esquecendo-se que significa a escravidão frente aos instintos.

O sentimento artístico deu lugar à expressão dos complexos e desconcertos que cada um leva em si mesmo, e não da captação dos arquétipos de beleza e harmonia, que ajudariam a levar um pouco de paz e felicidade àqueles que admirassem tais obras.

É óbvio que nestas condições raramente alguém chega a ser feliz, pois não há ambiente para isso. Há angústia, há falta de ideais que justifiquem a existência de uma vida, que dêem um sentido ao viver. Hoje não se sabe porque se nasce e porque se morre; não se sabe porque se vive.

Surgem as fugas psicológicas, pois ninguém suporta uma vida sem justificativa. O homem prefere embriagar-se, tomar drogas, ou então lutar por uma corrente messiânica qualquer, que lhe promete muito, soltando bombas num trem, sequestrando um avião... dizendo desesperadamente que existe, que quer ser feliz, que quer ser amado.

Poderíamos continuar a apontar os efeitos dessa inversão astrológica, mas necessitamos falar ainda sobre a influência de Plutão e da chamada Era de Aquário.

Plutão exerce uma enorme influência, tendo sua descoberta sido feita em 1930/31. Dizem os astrólogos que Plutão não existia antes, tendo sido capturado pelo sistema solar. Os pontos que poderiam reforçar esta hipótese estão no fato de que apesar de todas as pesquisas astronômicas sua existência anterior não era especulada; tem a órbita num plano diferente dos demais planetas, e a sua inclinação do eixo é para "fora" do sistema solar, enquanto os eixos dos demais planetas estão direcionados para "dentro".

É um planeta bem radical, possuindo fortes tendências positivas ou negativas:

Positivas: Manancial de força e criação.

Guardião do Umbral, dos mistérios, dos poderes.

Estabelece vínculos com as almas dos mortos, com o que já foi.

Negativas: Corrupção, contaminação.

Potência destruidora, mortal.

Sexualidade.

Como estamos em *Kali Yuga*, manifesta-se sua parte negativa. Ajuda a proliferação da violência, erotismo e corrupção. A juventude não sabe aonde ir, nega tudo, protesta contra tudo. Plutão influi na poluição, seja esta física, emotiva ou mental.

Relaciona-se com Escorpião (signo da morte) e reflete-se nas tentativas de matar a natureza (Touro). A influência de Touro (matéria) faz aumentar o materialismo; o inconsciente emerge numa forma

brutal e o homem perde a capacidade de escolha, é a doutrina da boca e do sexo ainda mais incentivada.

Plutão relaciona-se com *plutós*, que significa "mais", e temos assim uma busca incansável a "mais" de tudo, no caso aplicada à matéria, enquanto que a verdadeira riqueza encontra-se do outro lado.

Temos que compreender que as influências que existem na Terra, da maneira como vimos neste trabalho, são as resultantes combinadas das eras históricas, dos planetas, signos, bem como das eras zodiacais, que trataremos agora.

Nosso planeta possui uma série de movimentos que fazem que o Sol transite pelas suas ascendências (nascimentos) através dos diferentes signos do zodíaco, nos diversos meses do ano.

O equinócio seria o ponto mais importante, pois o signo que estiver sendo indicado neste momento, será o signo regente de toda uma era. Existe, contudo, o fenômeno do retrocesso na ascendência, e a cada 2000 anos aproximadamente muda o signo. Isso sempre foi de conhecimento dos povos antigos.

Quando o Sol da primavera nascia em Touro, expandiam-se os cultos primitivos egípcios do boi Ápis e de Mitra, na Ásia menor; quando em Áries, surgiu o culto ao velocino de ouro, "o que combate as trevas", o *Khnum* egípcio, relacionado ao carneiro e ao Sol. A era de Peixes começou em aproximadamente 100 a.C., e vemos que Cristo era simbolizado no princípio por um peixe.

Iniciou-se em 1950 a era de Aquário, que terá seu fim em 4.110. Embora seja admitida como a nova Idade de Ouro por muitos ocultistas, existem certos fatos que não podemos esquecer.

Toda transição de um estágio para outro é conturbada, difícil e problemática, e nós estamos nessa transição, com todos os danos que isso possa acarretar.

A era de Aquário não é de ouro, pois seu próprio símbolo mostra uma água turva, oscilante. Sua primeira fase é a do gelo, onde tudo que diz respeito ao espiritual estará congelado, parado. A era de Aquário começa violenta.

Estamos num ponto crítico da história, onde torna-se necessário uma ação direta, objetiva. Se estamos numa época de gelo, devemos acender nosso fogo espiritual com todas as nossas forças. E fazer frente à demagogia e incerteza espiritual proclamando as verdades da existência de Deus e da imortalidade da alma. ●

DAVID COHEN

O Estoicismo Como Base de Uma Civilização

O que pretendemos hoje é fazer uma breve exposição dos preceitos básicos, dos preceitos fundamentais de uma escola filosófica que se consagrou como das mais importantes do mundo antigo, principalmente do mundo helenístico. O que mais caracteriza o Estoicismo é a sua presença marcante na civilização romana, tendo-se aprofundado também no Cristianismo adentro, sendo que muitas das normas morais do Cristianismo foram como que assimiladas do próprio Estoicismo. Alguns desses preceitos, acreditamos, ainda se encontram presentes e válidos inclusive no nosso mundo moderno; e, se esses preceitos ocorrem e têm vigência em épocas tão distintas e em condições civilizatórias tão diferentes, é simplesmente porque estão além das fronteiras do tempo e do espaço, como costumamos dizer aqui em nossas aulas de Ética, são preceitos “atemporais”. Valeram antes, valem agora e poderão valer daqui há dez séculos.

Quando exaltamos, porém, a importância da ética estoíca, não estamos a pretender que o homem de hoje volte a viver à maneira dos estoícos de Atenas e de Roma; mas é importante reconhecer que, ao emprendermos o estudo da História, da Filosofia, etc., temos no mínimo a obrigação de tentar adaptar antigos conceitos ao nosso tempo, ao nosso mundo. E nesse sentido entendemos que há possibilidades — e até necessidade — de os preceitos do Estoicismo serem adaptados e utilizados em nosso mundo. Porque hoje vivemos bem distantes daqueles ideais estoícos, não tanto por aquilo que procuramos, mas pela maneira diferente como procuramos. O ideal de sábio que os estoícos buscavam e que se patenteava na condição de liberdade que é própria do homem, isso também buscamos; os estoícos tinham como uma de suas características fundamentais a consciência de **individualidade**, a procura de nunca a figura humana dissolver-se na massa da sociedade. Havia muita preocupação, sim, pelo aspecto social, mas paralelamente havia também muita afirmação da individualidade, e hoje somos também individualistas, ninguém du-



Estátua equestre de Marco Aurélio

COMO COSTUMAVA DIZER O
PRÓPRIO ZENÃO, A FILOSOFIA
PODERIA SER COMPARADA
A UM POMAR:
A LÓGICA SERIA A CERCA,
A FÍSICA SERIAM AS
FRUTEIRAS, E A
ÉTICA SERIAM OS FRUTOS.

vida; entretanto, que diferença entre as nossas atitudes, os nossos ideais, e as atitudes e ideais dos estóicos! E a diferença decorre sobretudo do modo como eles encaravam o indivíduo, a pessoa humana, bem distinto da concepção atualmente em voga.

Antes de iniciar essa breve exposição é bom lembrarmos algumas das características da época em que surgiu o Estoicismo.

Primeiramente, tenhamos em conta que houve mudanças muito importantes no que se refere à concepção sócio-política durante o século IV a.C.. Antes predominava o ideal de cidade-estado que caracterizava a civilização grega; depois da ascensão de Felipe e Alexandre da Macedônia, unificando politicamente a Grécia, surgiu uma nova concepção de vida. Abandonou-se aquela visão estreita de cada povo preocupar-se tão-somente com os limites de sua própria pátria, considerando-se bárbaro tudo que estivesse fora dos muros da cidade, para se ter uma visão mais cosmopolita, mais aberta, considerando o ser humano nunca isolado conforme raças ou grupos sociais. Isto porque há uma característica fundamental que nos irmana a todos: a faculdade racional, a participação no **Logos** que interpenetra todo o universo manifestado; e, na medida em que todos nós participamos do Logos, todos temos então uma origem comum, temos todos finalidades comuns. Então, por que a separação de fronteiras? O conceito de "raça" ou "povo" cede lugar ao conceito de "humanidade".

Esse tipo de idéias esteve de permeio em praticamente todas as correntes de filosofia do período helenístico. Entretanto, se os cínicos e os epicuristas tiveram uma importância que se poderia considerar pequena, os estóicos pelo contrário assumiram importância muito mais decisiva.

Outra característica a ser considerada, em termos de especulação filosófica, é a ocorrência de uma espécie de "positivismo" no século IV a.C., relegadas que estavam a segundo plano as preocupações metafísicas, voltando-se a filosofia muito mais para as investigações de caráter científico, relacionados à nossa natureza visível; a fórmula socrática — a **virtude é ciência** — é substituída pela fórmula a **ciência é virtude**. Esse positivismo propiciou o surgimento de um conjunto de escolas — das quais as três principais são as já citadas: epicurista, cínica e estóica — todas elas com uma quase excessiva preocupação pelo aspecto moral. É como se a época estivesse a exigir

essa preocupação. O desdobramento em várias novas ciências provocara um certo "esvaziamento" da filosofia, fazendo-a desviar-se de questões básicas da existência humana — por exemplo, se todo ser humano deseja ser feliz, é necessário definir com precisão em que consiste a felicidade, para que se possa propor um ideal de vida a ser perseguido. (Algo semelhante ocorre ao homem contemporâneo, o qual, em que pese ter a seu dispor um acervo imenso de conhecimento científico, parece que ainda "não se encontrou", não tem definido um ideal de vida, não vê com clareza onde se assenta a felicidade.)

Mais um aspecto importante do período estudado era a abertura às influências orientais. Praticamente nenhum autor discorda de que tanto o Estoicismo quanto as demais escolas da época sofreram decisiva influência de idéias veiculadas desde há muito tempo no Oriente. Aqueles que freqüentam o curso de Ética aqui na Associação Palas Athena, sabem que a idéia de **dever**, que os estóicos empenham tanta ênfase em afirmar, está expressa nítida e repetidamente no "*Bhagavad Gita*", um dos livros fundamentais do Bramanismo. A atitude de aceitação das vicissitudes da vida, a equanimidade, a serenidade ante as boas e más contingências, tudo isso podemos encontrar na filosofia oriental. Também o conceito do **desapego**, de que o homem tem necessariamente de fazer pelo menos um esforço para deixar de preocupar-se com os bens mundanos, que nos provam a cada dia a sua transitoriedade, e que em vez disso devemos procurar alguma coisa que seja mais duradoura, esse conceito também é oriundo do Oriente. E todas essas idéias foram como que fundamentos básicos da filosofia estóica.

Assim, para uma melhor compreensão do Estoicismo, de seu surgimento e desenvolvimento, devemos levar em consideração todos esses fatores históricos: a evolução nas nações sócio-políticas; os novos caminhos e as novas características assumidas pela filosofia; e o trânsito de influências orientais, ocorrido principalmente após as incursões de Alexandre e seus exércitos pelo continente asiático.

O Estoicismo foi fundado por Zenão, por volta do ano 300 a.C., e até o final do século II d.C., ou seja, durante 500 anos, essa escola e suas idéias tiveram decidida influência, se me permitem insistir, em todo o mundo grego-romano. E, na medida em que nós somos um produto direto daquela civilização, poderíamos dizer que de alguma maneira a influência dos estóicos se continua até os dias de hoje.

Zenão (336-264 a.C.) de Cítio, colônia fenícia na ilha de Chipre, chegou em Atenas aos 23 anos de idade, na época em que predominavam as filosofias da Academia fundada por Platão e do Liceu fundado por Aristóteles. A princípio Zenão frequentou a Academia, mas depois de certo tempo considerou que ali estava havendo muita especulação estéril e resolveu fundar sua própria escola; só que não tinha condições, não tinha dinheiro, não tinha onde dar aulas. Por isso dava aulas em praça pública junto a um pórtico que se chamava "pórtico pintado" — *stoà poikile* em grego, sendo por isso os discípulos cognominados *estóicos*.

A filosofia costumava ser dividida em três grandes segmentos, intimamente relacionados entre si: a *lógica*, a *física* e a *ética*. Como costumava dizer o próprio Zenão, poderia ser comparada a um pomar: a lógica seria a cerca, a física seriam as fruteiras e a ética seriam os frutos. Ou seja, o objetivo da filosofia era fornecer ao homem elementos para melhor orientar sua conduta perante si mesmo e perante os demais. Essa idéia esteve presente no Estoicismo desde seus primórdios até os últimos momentos em que existiu como escola filosófica no mundo romano.

Não nos deteremos em detalhes referentes à lógica e à física. De certa forma, a esse respeito houve alguma contribuição ao legado aristotélico; houve contribuição também no sentido de que Zenão, considerando a importância das relações entre aquilo que pensamos e aquilo que conseguimos transmitir, ou seja, entre pensamento e palavra, e tendo o domínio de dois idiomas, a sua língua natal e o grego, chegou a fazer estudos comparativos de lingüística e acabou elaborando uma gramática grega. No que se refere à física, concebiam eles uma visão do cosmo que não era propriamente original (e muitas das idéias dos estóicos foram tomadas de empréstimo ou adaptadas de outros pensadores): simplesmente acreditavam que todo o mundo manifestado, todos os seres

que nos rodeiam, tudo enfim que nos chega à vista faz parte de um *único ser*, um grande ser vivo que é o universo. O corpo desse ser é a *natureza*, e a alma é aquilo que eles chamavam de *Logos*. O Logos, a Razão, o Destino, a Divindade, todos estes conceitos significavam a mesma coisa: aquilo que dá vida ao Universo, que o criou, conserva-o e conhece o seu destino, a sua finalidade. De alguma maneira, eram acusados de fatalismo; eram considerados apáticos, passivos, por acreditarem que o destino de cada ser humano estava previamente traçado e que o homem não tinha outra coisa a fazer nesta terra a não ser seguir os desígnios da divindade.

No entanto, é possível coadunar a idéia de uma providência divina com a noção de liberdade humana: o homem é livre e pode, portanto, fazer alguma coisa pelo seu destino, porque ele participa do Logos, e a providência, assim, acha-se nele também.

O LOGOS, A RAZÃO, O DESTINO, A
DIVINDADE, TODOS ESTES
CONCEITOS SIGNIFICAVAM A
MESMA COISA: AQUILO QUE DÁ
VIDA AO UNIVERSO, QUE O
CRIOU, CONSERVA—O E CONHECE
O SEU DESTINO.

Dessa concepção do universo como um ser vivo, que tem no Logos a sua alma, decorre toda a ética estóica. Dir-se-ia que a preocupação maior dos fundadores da escola talvez tenha sido sempre o aspecto moral, o aspecto referente à conduta humana; mas precisavam de alguma maneira fundamentar isso, encontrar uma base em que se assentasse toda sua concepção ética. (O ideal era alcançar a sabedoria, mas também se fazia necessário encontrar resposta para estas duas perguntas: "Qual é o critério que permite ao sábio adotar, entre várias opções, o melhor caminho, a melhor decisão?"; e "Como está constituído o universo no qual se insere a vida do sábio?". Ou seja, para se justificar a ética, são requeridos os postulados da lógica e da física.) Para tanto, assumiram uma atitude que cada um de nós pode assumir:

observar a natureza, meditar, refletir sobre o "funcionamento" do universo. Observemos este mundo que nos cerca e vamos constatar, facilmente, que nele existe **ordem**. Onde está a desordem é porque aí esteve a mão do homem. Onde o homem não colocou ainda a sua mão, há ordem, existe harmonia. Não nos fica a sensação de que estamos vivendo um mundo de acasos, não existem acasos na natureza, tudo parece caminhar para um determinado fim. Isso é o que qualquer pessoa pode perceber, isso é o que perceberam os estóicos. Mas se tudo no universo caminha para um fim, também a existência humana deve ter uma finalidade, um *teleios*, um objetivo final. E qual seria esse objetivo final? Segundo a lógica simplista dos estóicos, o objetivo do homem na Terra era chegar a viver em conformidade com a natureza, transpor para dentro de si mesmo essa ordem que está manifestada externamente.

Cada um de vocês pode perceber que dentro do homem nem sempre existe a harmonia. Quantas vezes somos instados a decidir entre aquilo que achamos correto e aquilo de que gostamos. E parece não haver concordância: "isto é correto, mas eu gosto daquilo outro", e a cada instante tenho de me decidir entre essas duas possibilidades. Existem no ser humano impulsos contraditórios que se podem revelar, alternadamente, ora em atitudes as mais sublimes, ora em acessos de pura irracionalidade, e isso parece revelar desordem, não parece caminhar tudo naturalmente. Então, para os estóicos, o objetivo da vida seria exatamente este: tentar trazer para o nosso íntimo a mesma harmonia que existe externamente.

Como plasmar, então, essa harmonia dentro do ser humano? Acima de tudo, fazendo com que a parte da alma que é a mais importante, aquela que nos comunica com o Logos, seja a orientadora de nossas ações. A razão humana deveria necessariamente dominar, instar, segurar o homem dentro dos princípios que lhe são próprios, não o deixando à mercê apenas de seus impulsos. E isso nos parece importante: o que caracteriza o nosso modo de agir, hoje em dia, é exatamente essa obediência a impulsos (e não nos referimos somente aos impulsos sexuais ou aos do estômago). Fomos ensinados, desde muito cedo, desde a escola primária, que o homem é um ser racional; depois de um certo tempo, entretanto, começamos seriamente a duvidar. Como já se chegou a dizer, o homem não age, reage. Será que pensamos, será que analisamos, um mínimo que

seja, cada coisa que temos a fazer? Essa violência que temos dentro de nós e que manifestamos com freqüência diante do próximo: isso é alguma coisa racionalizada, alguma coisa que julgemos necessária e oportuna? Não. Quase sempre, algum tempo depois, analisando nossos atos, nos vem o arrependimento, simplesmente porque não pensamos antes. Não costumamos deixar que a razão seja a orientadora de nossos atos.

São coisas simples como essas que constituíam os ensinamentos dos estóicos. Analisando atentamente, observaremos que não existem grandes novidades na ética estóica: "viver de acordo com a natureza", "adequar-se à ordem", "procurar viver racionalmente"; até aí, nada demais, nenhuma novidade. Mas **quão difícil é pôr isso em prática**. E a grande força dos estóicos consistiu precisamente na capacidade que demonstraram de não apenas falar, não só estudar os princípios nos quais devemos basear nossa existência, mas pô-los em prática, já que de nada adianta o conhecimento sem vivência, a ciência sem virtude. Se a meta do homem é a conquista da felicidade, os estóicos entendiam essa felicidade exatamente como a vivência prática da virtude. Por isso ao homem é possível ser livre e auto-suficiente: porque, para praticar a virtude, não dependemos de mais ninguém a não ser de nós próprios.

Dentro da visão estóica eram consideradas quatro virtudes capitais, quatro virtudes que seriam a base de toda a existência. A primeira eles denominavam de *apathéia* — e esta expressão, vertida para nossa língua como "apatia", acreditamos tenha sido quase sempre muito mal compreendida. A apatia a que se referiam os estóicos não era uma atitude passiva diante da vida, muito pelo contrário. O que eles pretendiam era que o homem empreendesse uma luta contínua e constante para dominar o seu ser, para mantê-lo sob as rédeas da razão. E nessa luta o objetivo a ser atingido era não deixar-se dominar por fatores externos, não ser o homem influenciado pela dor e pelo sofrimento, nem pelo prazer. Isso não significa tornar-se insensível à dor ou ao prazer, como às vezes se afirma; mas sim tornar-se imperturbável perante esses elementos, que têm ambos caráter essencialmente transitório. O sofrimento é sentido, o prazer é usufruído, mas o primeiro não deve abater o homem, nem deve o segundo enleá-lo.

Não acreditamos ser essa uma atitude passi-

DENTRO DA VISÃO ESTÓICA ERAM CONSIDERADAS QUATRO VIRTUDES CAPITAIS. A PRIMEIRA ERA A APATIA, QUE PRETENDIA QUE O HOMEM EMPREENDESSE UMA LUTA CONSTANTE PARA DOMINAR O SEU SER, PARA MANTÊ-LO SOB AS RÉDEAS DA RAZÃO. A SEGUNDA VIRTUDE ERA A AUTARQUIA, ISTO É, A CARÊNCIA DE NECESSIDADE. É A AUTO-SUFICIÊNCIA DO SÁBIO, PARA QUEM A FELICIDADE NÃO CONSISTE EM OUTRA COISA A NÃO SER A VIDA VIRTUOSA.

A TERCEIRA É A OBEDIÊNCIA. UMA VEZ QUE TUDO SE ENCONTRA ORDENADO PELO LOGOS UNIVERSAL, COMPETE AO HOMEM, ENTÃO, AGIR SEMPRE EM OBEDIÊNCIA À LEI UNIVERSAL.

FINALMENTE, A CONSCIÊNCIA DO DEVER, QUARTA VIRTUDE DO IDEÁRIO ESTÓICO. ATRAVÉS DO LOGOS O HOMEM SE RELACIONA COM TODOS OS OUTROS HOMENS, E ESSA RELAÇÃO IMPLICA, NECESSARIAMENTE, EM DEVERES.

va; para o homem chegar a esse nível de consciência, para agir de acordo com essa norma, é preciso muita ascese, ou seja, muito exercício, necessidade de prática constante.

A segunda virtude capital era a **autarquia**, isto é, a carência de necessidade. É a auto-suficiência do sábio, para quem a felicidade não consiste em outra coisa a não ser a vida virtuosa. Nesse sentido podemos citar a Epíteto, quando dizia: “deseja só aquilo que de ti depende”; ou, “para fazer feliz um homem que ambiciona riquezas, tiremos-lhe a ambição”. Trata-se aqui da excessiva importância que costumamos atribuir a certas coisas, considerando-as às vezes indispensáveis para o nosso bem-estar. E isso fica bem patente nos dias de hoje, em que vivemos — segundo a expressão de Garaudy — sob o domínio de uma imensa “religião”, que é o **consumismo**, cuja “liturgia” é a **propaganda**. É um “bombardeio” constante de informações acerca do perfume que devo usar, do cigarro que tenho de fumar, das roupas que tenho de vestir, etc. E passa o homem a considerar realmente importantes e necessárias coisas, em si, perfeitamente dispensáveis ou de importância apenas secundária. Se analisarmos bem, perceberemos que existe muito pouca coisa de que realmente necessitamos. E aquilo que mais necessitamos, poucas vezes utilizamos: a nossa capacidade de reflexão.

Depois da apatia e da autarquia temos a terceira virtude, que é a **obediência**. De uma vez que tudo se encontra ordenado pelo Logos universal, e sendo o homem partícipe desse Logos, compete-lhe então agir sempre em obediência à lei universal, buscando viver em harmonia com a natureza. E neste caso não se deve entender a natureza apenas em seu aspecto físico, como costumam fazer muitos dos “ecologistas” de hoje, mas sim num sentido bem mais amplo, abarcando praticamente todas as atividades do homem: as interações entre os diversos segmentos sociais; as formulações de índole política; o florescimento, mediante a educação, das potencialidades individuais inerentes ao ser humano — em todos esses casos existem ordenamentos, leis, ditames naturais, cujo não cumprimento traz ao homem consequências às vezes desastrosas. É como veio a dizer Francis Bacon, alguns séculos mais tarde: “Se quisermos sujeitar a natureza, cumpre obedecê-la primeiro.”

Finalmente, a **consciência do dever**, quarta virtude do ideário estóico. Através do Logos o homem se relaciona com todos os outros homens, e essa relação implica, necessariamente, em deveres. Mesmo sem recorrer a grandes especulações, intuímos e somos impelidos ao sentimento de ajuda mútua, ao sentimento pedagógico — pois que a cada homem, em cada instante, se

A CONSCIÊNCIA DO DEVER,
ASPECTO ESSENCIAL DENTRO DA
FILOSOFIA ESTÓICA, ERA TAMBÉM
UMA CARACTERÍSTICA DA
CIVILIZAÇÃO ROMANA.
TEMOS UM DEVER PERANTE A
FAMÍLIA, TEMOS UM DEVER
PERANTE A PÁTRIA, PERANTE A
HUMANIDADE, PERANTE A
HISTÓRIA.

apresenta uma oportunidade de ensinar ou aprender alguma coisa. Enfim, sentimos-nos com a obrigação de colaborar de alguma maneira com a obra que é de todos os homens, sentimos-nos comprometidos com a finalidade última da humanidade.

Sobre essas quatro virtudes básicas assentavam os estóicos a sua idéia de liberdade. Dissemos ao início que essa era uma das metas mais ambicionadas pelos estóicos, assim como pelo homem de todas as épocas. Se perguntarmos a qualquer pessoa — jovem ou de idade madura, anciã ou criança — se deseja ser livre, a resposta será sempre a mesma; todos querem ser livres. Mas se perguntarmos a essas mesmas pessoas: “o que é a liberdade?”, desconfiarmos que poucas delas darão uma resposta clara e completa. Em todo caso, qualquer coisa que se relacione com disciplina, obediência, auto-esforço, etc., costuma ser considerada contrária à idéia de liberdade. No entanto, segundo o Estoicismo, a liberdade é personificada na figura do sábio, que cultiva as quatro virtudes já referidas: é livre de afetos e paixões e se basta plenamente a si mesmo; age em conformidade com a harmonia universal e tem consciência de seu dever — para consigo mesmo e para com a sociedade.

Essa consciência do dever, aspecto essencial dentro da filosofia estóica, era também uma característica da civilização romana. Temos um dever perante a família, temos um dever perante a pátria, perante a humanidade, perante a história. É bom ter isso em mente quando confrontamos a nossa extrema preocupação pelos direitos do homem; não podemos esquecer a complementariedade desses dois elementos: nossos direitos só se justificam na medida em que assumimos e cumprimos os nossos deveres.

A ética estóica, com seus postulados simples, esteve presente em quase todas as conquistas do Império Romano. A própria “humanização” do Direito Romano deveu-se ao Estoicismo, assim como a idéia ciceroniana de que o homem deve tornar-se um **agente consciente da história**. E Cícero baseou muitos de seus escritos filosóficos em dois autores estóicos, Panécio e Possidônio, sendo que, muito do que conhecemos a respeito desses dois filósofos, devemos-lo às citações de Cícero. Ainda com referência às idéias estóicas assimiladas pelos romanos, temos a concepção universalista, a noção da humanidade como um todo, sem facções, não dividida por raças, credos ou costumes. “O homem está para a humanidade assim como a folha está para a árvore”; assim se expressava Marco Aurélio. Uma folha fora da árvore não tem existência própria, não tem vida; e o homem que se sente isolado, separado da humanidade, tampouco tem existência própria. Somos homens enquanto nos sentimos unidos a todos os outros homens; não importa se nos consideramos filhos de um mesmo Pai, como querem os cristãos, ou co-partícipes de um mesmo Logos, como diziam os antigos: em qualquer dos casos, o que importa é que somos todos irmãos. Um homem fora da humanidade é como uma folha fora da árvore: isso é o que dizia Marco Aurélio constantemente para si mesmo, e é o que procuravam transmitir os estóicos. Isso era o que impelia o povo romano à construção do imenso Império. A idéia de império em Roma não deve ser confundida com a idéia atual do imperialismo. O *imperare* em latim tinha um sentido bem distinto do “imperar” de hoje; significava “organizar”, “colocar em disposição para”, “preparar”. E a disposição de levar a civilização romana a uma extensão cada vez maior baseava-se principalmente nesse preceito: apesar dos costumes, filosofias e religiões diferentes, os homens podem ter um ideal comum. Esse ideal os estóicos o forneceram e essa bandeira os romanos empunharam-na com bravura, e se o Império, como todos sabem, apresentou seus problemas, nem por isso podemos esquecer suas grandes conquistas e o seu legado. E muitas dessas conquistas, insistimos, tiveram como base a filosofia estóica.

Estoicismo Médio

Como já dissemos, no início os estóicos se mostravam um tanto exagerados. Em seu conceito ideal, sábio era somente quem conseguisse pôr

em prática as quatro virtudes capitais: apatia, autarquia, sentimento de obediência diante da lei (seja a lei dos homens, seja a lei universal) e consciência do dever para com os outros homens. Era praticamente o ideal do inatingível e, a esse respeito, predominava o radicalismo, não só dos estóicos, mas também de todas as outras escolas daquela época: ou se é sábio ou se é estúpido, não existia o meio-termo. Na filosofia antiga, em Platão, encontramos três estágios: existe o completo ignorante, que nem tem consciência de que não sabe; existe, no outro extremo, o sábio, que nem mais se preocupa com o conhecimento porque já o superou; e existe o filósofo, que é ignorante mas sabe que o é, e por isso procura, busca, pesquisa. Platão nos deixava pelo menos uma saída; não assim com os estóicos. Segundo a proposição de Zenão, o fundador da escola, "o homem que, tendo consciência das quatro virtudes, não se sen-

preceitos extravagantes. Aquele ideal de sábio deixou de ser a meta única, a meta principal; surgiu lugar para a preocupação com os problemas sociais, a formação do homem dentro do convívio social, ao invés do sábio que se retira porque não mais necessita desse mundo. Esta foi uma das primeiras preocupações de Panécio. Outra idéia que ele ousou modificar, embora mantendo os preceitos básicos dos fundadores da escola, foi a respeito dos nossos impulsos e afetos: não se tratava de extirpar os sentimentos (como se chegou a interpretar), mas estes deveriam ser dominados e direcionados pela razão. Ou seja, o Estoicismo Médio se caracteriza por uma certa atenuação das rigorosas normas vigentes nos primórdios da escola. E com isso é que foi possível influenciar decididamente a civilização romana.

Por que essa influência tão marcante do Estoicismo sobre Roma? Principalmente porque

A LIBERDADE, SEGUNDO O ESTOICISMO, É PERSONIFICADA NA FIGURA DO SÁBIO, QUE CULTIVA AS QUATRO VIRTUDES: É LIVRE DE AFETOS E DE PAIXÕES E SE BASTA PLENAMENTE A SI MESMO; AGE EM CONFORMIDADE COM A HARMONIA UNIVERSAL E TEM CONSCIÊNCIA DE SEU DEVER — PARA CONSIGO MESMO E PARA COM A SOCIEDADE.

te capaz de pô-las em prática, esse homem não pode permanecer nessa Terra, tem de dar fim à sua vida"; e ele deu fim à sua vida, ele suicidou-se! E o pior é que houve alguns de seus discípulos que o seguiram nisso.

Entretanto, é evidente que, com esse tipo de idéias, jamais poderia haver influência dos estóicos em Roma (difícil acreditar que um soldado romano, não conseguindo vivenciar a prática estóica, chegasse ao suicídio). No entanto, foi exatamente aí que se manifestou o vigor e a vitalidade do Estoicismo. Tudo isso que acabamos de expor se constituiu num primeiro estágio, apto a suprir a necessidade de uma época; ante o domínio das atitudes relativistas, fazia-se necessária uma certa rigidez de princípios. Depois, porém, no chamado Estoicismo Médio, que teve como principais personagens os já citados Panécio e Possidônio, houve a suficiente perspicácia e agudeza de visão para modificar alguns princípios e

essa filosofia chegou a sensibilizar pessoas importantes dentro da sociedade romana. Políbio, por exemplo, um dos grandes historiadores da Antigüidade, foi dos primeiros a perceber que a História da humanidade, toda a História, tem um caráter universal, e que não se deveria estudar somente a história dos gregos, ou a dos romanos, ou a dos persas, etc., mas que, em qualquer lugar onde se estivesse desenrolando um pequeno trecho dessa aventura humana, aí existiria a possibilidade de conhecimento e de experiência, e que a assimilação dessa experiência poderia ser benéfica a todos. Essa idéia, essa concepção universalista da História tivemos manifestada pela primeira vez por Políbio, e aqui se percebe nítida a influência do Estoicismo através de sua concepção cosmopolita, de preocuparmo-nos não apenas com nossa pequena trincheira, mas com o homem como um todo.

Além de Políbio, Panécio se fez amigo tam-

bém de um importante general romano, vencedor de Cartago, que se chamava Cipião. Essa amizade fez com que uma parte da aristocracia romana tomasse contato e adotasse os preceitos estoicos. E assim, tendo o Estoicismo chegado em Roma um pouco mais abrandado e um pouco mais adequado às características romanas, e, ainda mais, influenciando pessoas de destaque, pessoas de importância dentro da organização social romana, facilmente houve uma aceitação, houve como que um casamento perfeito: era uma série de idéias que se adequava ao caráter romano, ou, se se preferir, o caráter romano tinha certas peculiaridades bem próprias do Estoicismo. O fato é que a partir daí, segundo século antes de Cristo, até o segundo século depois de Cristo, houve essa convivência, esse mútuo benefício.

Estoicismo Novo

O Estoicismo Novo é exatamente aquele que nós conhecemos um pouco melhor, porque nos sobraram alguns textos escritos, e não somente fragmentos. E corresponde precisamente aos dois primeiros séculos de nossa era, tendo como principais representantes: Sêneca, Epíteto e Marco Aurélio. E quem já leu algum desses autores certamente percebeu como aqui é mais nítida e marcante a preocupação pelo aspecto moral. Em todos os seus livros é patente e sempre presente essa preocupação pela atitude do homem diante de si mesmo e diante de seus semelhantes.

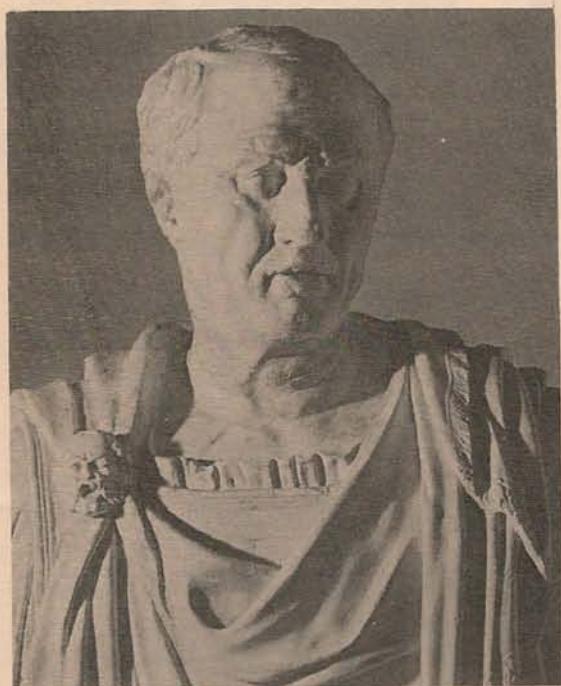
Uma coisa que não se poderia deixar de destacar é a presença de Marco Aurélio, através de quem, por um pequeno lapso de tempo, tivemos o sonho de Platão tornado realidade: um imperador, um rei filósofo. Marco Aurélio teve passagens interessantes em sua biografia. Nasceu de família abastada e dispôs de todas as facilidades que a vida pode oferecer, mas esteve, desde a mais tenra idade, sempre voltado, primeiro para o estudo da filosofia, depois para uma vida de frugalidade. A educação ministrada por sua mãe,

pai e seu pai adotivo, exerceu-lhe influência nesse sentido, mas ele já manifestava inatas tendências para isso: uma vida de simplicidade, disposto a não ser afetado por honras, não se deixar influenciar por calúnias, sempre procurando uma atitude de compreensão e de indulgência para com os outros homens ("Os homens foram feitos uns para os outros; portanto, suporta-os ou educa-os."). Ou seja, podemos acreditar que Marco Aurélio já nasceu estoico, e quando se fez adulto simplesmente abraçou de corpo e alma os nobres princípios dessa filosofia. E, mesmo tendo assumido o trono imperial, mesmo estando à frente de uma das maiores potências, tendo praticamente um terço do mundo conhecido sob seu comando, não deixou que isso afetasse sua atitude, continuou com os mesmos hábitos, com as mesmas preocupações e reflexões. O livro que nos deixou, para quem não conhece, foi escrito nos intervalos das campanhas guerreiras (teve de fazer a guerra, em virtude de agressões externas) e se constitui numa verdadeira obra-prima: um pequeno livro cujo título em grego significa "*Para mim mesmo*". É como se não estivesse querendo ensinar a ninguém — estava simplesmente fazendo reflexão, exame de consciência, perguntando-se ao final de cada dia: "O que fiz hoje para me tornar melhor? Onde eu pude pôr em prática a minha capacidade racional e onde falhei? O que eu poderia ter feito para melhorar e o que posso fazer para melhorar amanhã?". Isso representava a sua obrigação a cada noite, essa era a sua atitude característica antes de cada deitar. Essas suas reflexões é que constituem o livro, que conhecemos por "*Soliloquios*" ou "*Meditações*".

Sem querer estender-nos muito, nessa nova fase do Estoicismo deixaram-se de lado as especulações a respeito de lógica, de física, de metafísica, etc., para concentrar-se quase exclusivamente no problema moral. Todos os três filósofos citados insistem nesse aspecto, sobretudo Sêneca, que dedicou a maior parte de sua extensa obra aos grandes temas da ética estoica.

Não gostaríamos de terminar esta palestra sem destacar, mais uma vez, a importância da mensagem estoica, a importância do sentimento de fraternidade para o mundo atual. Hoje adotamos como filosofia de vida, de uma maneira quase generalizada, a atitude característica do *laissez faire, laissez passer* ("deixar fazer, deixar passar"). Isto deriva de uma teoria econômica do século XVIII, segundo a qual a existência de uma ordem natural, racional, possibilitaria a cada in-

“OS HOMENS FORAM FEITOS
UNS PARA OS OUTROS;
PORTANTO, SUPORTA—OS OU
EDUCA—OS”.



CICERO

divíduo obter o máximo benefício com o mínimo esforço, sendo que essa ordem garantiria a coincidência do interesse particular com o interesse geral. E toda tentativa de interferir na ordem natural dos fenômenos econômicos seria, além de inútil, prejudicial; daí porque o *laissez faire, laissez passer*. Ocorre, porém, que isso nos levou a um individualismo ferrenhamente egoísta que nos faz dar importância a certos problemas somente quando eles nos afetam diretamente. Praticamente todo mundo tem consciência dos desequilíbrios sócio-econômicos, das injustiças nos mais variados graus e aspectos, da violência, da angústia, enfim, de uma série de situações que agriem o homem de hoje; porém são poucos os que se dispõem a uma atitude de boa vontade, de cooperação mútua.

É importante que reflitamos sobre isto: temos ou não temos uma obrigação para com os outros seres humanos? Não obstante as diferenças de raça, religião, condição social, etc., não temos todos uma mesma origem e um mesmo destino? Será que alguém teria o direito de sentir-se feliz sem, em contrapartida, realizar pelo menos um esforço para que outros também o sejam?

É este tipo de mensagem, vinculada à idéia da fraternidade universal — tão comentada e, ao mesmo tempo, tão pouco vivenciada — que gostaríamos fosse levado em conta. Afinal, cada homem tem dentro de si um pouco de estoicismo e acredita que há uma finalidade para a existência humana, pois, caso contrário desapareceria a esperança; cada homem leva em seu peito um mínimo que seja desse sentimento de fraternidade, de compreensão, de indulgência para com os demais... Então, por que não vivermos esse estoicismo? ●

ZILDO TRAJANO

(Extraído da palestra proferida em julho-82, no auditório Mahatma Gandhi, da Associação Palas Athena).

CHUANG TZU (CHOU):

O POETA DA LIBERDADE

Chuang Tzu (Chou) (369-286 a.C.), o maior expoente da filosofia Taoísta chinesa, sempre se constituiu num fascínio para todos aqueles que lhe fazem o contato por meio de seus escritos. Seu estilo brilhante e cativante; sua visão ampla e profunda das coisas, na qual os produtos da sua imaginação fértil mesclam-se indistinguívelmente às suas observações da vida diária; sua sutil ironia e senso de humor; a riqueza e frescura das suas imagens; sua seriedade e devoção à verdade, — estes são alguns dos ingredientes verdadeiramente inspiradores e mentalmente estimulantes. Nas palavras de Wing-Tsit Chan, ele parece transcender o universo mundano e, no entanto, está sempre presente na própria profundidade da vida diária. Tudo isto é um produto direto da sua concepção da Natureza. Para ele, Natureza é, a um mesmo tempo, espontaneidade e um estado de fluxo constante e transformação incessante, na qual não há distinção entre sujeito e objeto, entre realidade e irrealidade. A morte, por isso mesmo, é encarada não como o findar mas como parte do processo vital e uma das suas transformações: “Vida e morte são devidas ao fado e sua constante sucessão qual dia e noite é devida à Natureza, estando além da interferência do homem... Considerar a vida como boa é a maneira de encarar a morte como boa”. Seu objetivo é a absoluta emancipação espiritual e paz, a serem alcançadas por meio do conhecimento da capacidade e limitações de sua própria natureza, alimentando-a e adaptando-a ao processo universal de transformação... O homem puro torna-se um “companheiro” da Natureza e não tenta nela interferir impondo-lhe as maneiras do homem”. (1)

Nas suas próprias palavras: “Sozinho ele se associa aos Céus e Terra e espírito, sem abandonar ou desprezar as coisas do mundo... Com relação ao essencial, ele é amplo e abarcante, profundo e irrestrito. Com relação ao fundamental, ele poderá ser considerado como tendo harmonizado todas as coisas e penetrado o mais alto nível...” (2) Seu impacto sobre o Budismo chinês foi tremendo, especialmente no desenvolvimento da Escola Ch’an (Zen), assim como nas Artes (pintura) e Letras (chinesas), com desdobramentos benéficos nos séculos subsequentes à sua época.

Os dois textos que apresentamos a seguir, são dos mais apreciados dentre os seus escritos e eloqüentes testemunhos de sua visão de vida.

a) *A Igualdade da Vida e da Morte*

Quando a mulher de Chuang Tzu morreu, Hui Tzu foi oferecer-lhe suas condolências e juntar-se aos ritos de luto. Ele encontrou Chuang Tzu sentado no chão, tamborilando numa panela invertida sobre seus joelhos e cantando.

— Afinal de contas, disse Hui Tzu, alguém viveu contigo, educou os filhos para ti, envelheceu junto contigo e agora morreu. Que tu não vertas lágrimas por ela é muito ruim, mas agora, tamborilar e cantarolar, isto já é demais!

— Tu me julgas mal, disse Chuang Tzu. Quando ela morreu, eu fui tomado de desespero, como outro qualquer homem que bem poderia estar. Mas cedo, ponderando sobre o que tinha ocorrido, eu disse a mim mesmo que na morte nenhum novo destino nos acomete. No princípio ela carecia de vida; e

não só de vida, mas também de forma; não só de forma mas também de espírito. Ela estava mesclada à grande, indistinguível e informe massa. Então com o tempo veio a transformação e no bojo da massa desenvolveu-se o espírito, do espírito desenvolveu-se a forma, da forma desenvolveu-se a vida, e agora da vida por sua vez, desenvolveu-se a morte. Porque não só a Natureza mas o ser humano também tem as suas estações, sua seqüência de primavera e outono, verão e inverno. Se alguém está cansado e tenha ido deitar-se, nós não vamos no seu encaço com gritaria e berros. Aquela que eu perdi foi se deitar para dormir na Grande Câmara (universo). Irromper no meio do seu repouso com o som da lamentação demonstraria que eu não soubesse nada acerca do destino. Eis por que eu parei de lamuriar.



O deus da longevidade
(Huang Chen - 1687-1756, Japão,
coleção particular).

b) A Igualdade do Real e Irreal

Como eu sei que amar a vida não é uma grande ilusão? Como eu sei que odiar a morte não é algo como pensar que alguém tenha perdido seu caminho, quando, na verdade, o tempo todo ele está na trilha que leva à casa? Li Chi era a filha do guarda-da-fronteira em Ai. Quando inicialmente ela foi capturada e levada a Chin, ela chorou até seu vestido ficar ensoado com lágrimas. Mas quando ela veio ao palácio do rei, sentou-se junto com ele sobre o luxuoso divã e compartilhou com ele das guloseimas da mesa imperial, ela arrependeu-se de tanto ter chorado. Como eu sei que os mortos não estejam arrependidos por terem desejado uma longa vida? Aqueles que sonham com banquete à noite poderão chorar quando amanhecer; e aqueles que sonham estarem chorando poderão ir à caça na manhã seguinte. Mas enquanto está um homem sonhando, ele não sabe que está sonhando; nem tampouco pode ele interpretar um sonho, até que o sonho esteja feito. É somente quando ele acorda, que ele sabe ter sido isto um sonho. Não até o Grande Despertar pode ele saber que tudo isso fora um Grande Sonho... Certa vez Chuang Chou sonhou que ele era uma borboleta. Ele não sabia que alguma vez fora qualquer outra coisa a não ser uma borboleta, e estava feliz em adejar de flor em flor. Subitamente ele acordou e verificou para sua surpresa que ele era Chuang Chou. Mas não estava certo se realmente ele era Chou e tinha apenas sonhado que ele era uma borboleta, ou era realmente uma borboleta que estava apenas sonhando que era Chou. Entre Chou e a borboleta deverá haver alguma distinção. Isto é chamado a transformação das coisas. ●

NISSIN COHEN

NOTAS e BIBLIOGRAFIA

- (1) Wing-Tsit Chan: *A Source Book in Chinese Philosophy*, pág. 177.
- (2) Lin Yutang: *Wisdom of LaoTse: Chuang Tzu*, capítulo 33. É característico de Chuang Tzu se referir a si próprio na 3a. pessoa (N. do Tr.).

Adaptado das versões de:

- A. Waley: *Three Ways of Thought in Ancient China*
Wing-Tsit Chan: *A Source Book in Chinese Philosophy*
E. R. Hughes: *Chinese Philosophy in Classical Times*

correspondência:

THOT

● Prezado Senhor:

Agradeço o envio de sua carta, pois através dela tive a possibilidade de adquirir os números da revista THOT que necessitava para dar prosseguimento a minha pesquisa.

Gostaria de solicitar sua cooperação no sentido de enviar-me, o mais breve possível, todo o material que o Sr. dispõe acerca da revista, pois a pesquisa que estou realizando envolve em seu término, uma explanação detalhada sobre o objeto pesquisado. Necessito de dados tais como: como e quando a revista foi lançada; tiragem e vendagem dos exemplares; as possíveis dificuldades de impressão e divulgação; o critério de seleção das matérias editadas; o público que visa atingir; um perfil dos editores e colaboradores, enfim todos os dados que lhe forem possíveis me fornecer e que viabilizarão a feitura de um trabalho abrangente e esclarecedor do que é realmente a revista THOT.

S. M. S. - Rio de Janeiro - RJ.

THOT: Teremos toda a satisfação em fornecer-lhe os dados que solicita. Porém não podemos fazê-lo aqui nesta página, por serem extensas as informações, que aliás já estão seguindo por carta, suficientemente pormenorizadas para que possa realizar sua pesquisa sobre a revista THOT.

● Senhor Editor:

Infelizmente só vim tomar conhecimento desta revista agora. Por incrível que pareça frequento constantemente livrarias aqui em Santos, e nunca tive a oportunidade de ver a revista THOT à venda em nenhuma delas.

Sou terceiro anista de História e a revista THOT interessou-me muito. Gostaria, se fosse possível, maiores informações sobre a assinatura anual, e possibilidade de vocês me mandarem por intermédio de carta, uma relação dos assuntos abordados nos números anteriores (do 1 ao 29), para que eu possa no futuro requisitá-los a vocês.

E.E.C.J. - Santos - S.P.

THOT: Quanto à assinatura da revista, veja nota abaixo. A relação sobre os temas podemos fornecê-la aqui, pois se reduziria à Filosofia, Psicologia, Religião, História das Religiões, História, Música, e,

evidentemente, um ou outro artigo de disciplinas que não estas mencionadas. Entretanto, se nos referirmos aos artigos publicados, a relação seria enorme, já que, em média, podemos contar nove artigos por número editado até o momento. Desta forma, enviaremos somente de alguns números para que possa ter uma idéia mais aproximada de nossa linha editorial. Solicitamos, apenas, para que possamos atendê-lo efetivamente, que especifique os assuntos que mais lhe interessam.

● Senhores Diretores:

Tendo lido na imprensa palestra do prof. Claudio de Cicco, sobre os celtas, ocorrida no dia 30 de abril, venho por meio desta solicitar-lhes, se possível, um resumo dessa palestra ou os aspectos mais importantes.

Gostaria, no futuro, de receber um convite para palestras sobre a vida da civilização celta, se assim podemos chamar, visto serem muito importantes para estudo histórico e social dos povos antigos, com relativo alto grau de cultura artística e religiosa.

Prof. C.B. - Santo André - S.P.

THOT: A palestra do Prof. Claudio de Cicco está, felizmente, integralmente reproduzida neste número, de forma que não é necessário qualquer tipo de resenha.

Por outro lado não enviamos prospectos de nossa programação cultural, por se tratar especificamente das conferências realizadas aos sábados, e com entrada franqueada ao público, onde estes mesmos prospectos se encontram à disposição em nossa recepção, e teremos prazer, em caso de possibilidade de não comparecimento, de informá-lo por telefone.

Atenção leitores: as cartas devem ser enviadas à Revista THOT - Seção de Correspondência e Assinaturas: rua Leôncio de Carvalho, 99 - CEP 04003 São Paulo - SP.

Encontram-se disponíveis os seguintes números: de 16 ao 30.

Para receber uma assinatura anual da revista cultural THOT (seis números), envie cheque nominal no valor de Cr\$ 3.300,00, para Associação Palas Athena do Brasil, junto com seu nome e endereço completos.

Rua Leôncio de Carvalho, 99 - Paraíso
04003 - São Paulo - SP.

ASSINATURA THOT:

NÃO ADIE MAIS UM ENCONTRO CONSIGO MESMO!

Faça sua inscrição
para o Curso Livre:

INTRODUÇÃO AO PENSAMENTO FILOSÓFICO

ÉTICA: aspectos ético-filosóficos do Bramanismo e Budismo (leitura comentada de Bhagavad Gita, A Voz do Silêncio e Dhammapada); o pensamento ético de Aristóteles, Plotino, Kant e Bertrand Russell; a ética cristã.

FILOSOFIA DA HISTÓRIA: introdução ao caráter geral da História; fundamentos teóricos; ciclos e ritmos históricos; História e Mitologia; teorias históricas de Cícero e Platão.

SÓCIO-POLÍTICA: análise comparativa de indivíduo, sociedade e estado, na visão clássica e moderna; a moral como fundamento do direito social e do dever político; estado liberal e estado dirigido.

IDADE MÍNIMA: 18 ANOS
AULAS UMA VEZ POR SEMANA
DURAÇÃO: 22 AULAS
INÍCIO TODOS OS MESES



INFORMAÇÕES:
RUA LEÔNCIO DE CARVALHO, 99
PARAÍSO – SÃO PAULO
SP. FONE: 288.7356.



**Graças a Deus,
tudo pode
ser aperfeiçoado
nesta vida.**

**Vamos dar-nos um tempo para
auto conhecer-nos,
Vamos dar um tempo aos nossos semelhantes
e conhecê-los.
Vamos melhorar a cada dia nesta vida.**



POLYCHROM

FOTOLITO POLYCHROM - AV. IMP. LEOPOLDINA, 1434
V. HAMBURGUESA - SP - 261-7199 - 261-7118